

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

IPF. REF. 151000
D

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS BÁSICOS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

RELATÓRIO DE PESQUISA

**DA OPRESSÃO PARA A ESPERANÇA: O TEMPO DO
EXÍLIO DE ERNANI MARIA FIORI E PAULO FREIRE
NO CHILE.**

**Contribuição de Fiori e de Freire para a educação
chilena.**

**AUGUSTO NIBALDO SILVA TRIVIÑOS
BALDUINO ANTONIO ANDREOLA**

1994

Instituições Financiadoras: CNPq - INEP - FAPERGS

O PENSAMENTO DE ERNANI MARIA FIORI.

Este socialismo personalista muitas vezes soa escandalosamente a certos ouvidos, porque quase todos os que o defendem, no Brasil e fora do Brasil são cristãos, e muita gente acha que há uma incompatibilidade essencial entre Cristianismo e Socialismo. Ernani Maria Fiori. Um documento histórico. In: Textos escolhidos. Volume 2)."

"Na economia a necessidade, e não o lucro deve constituir a única razão de ser do processo econômico; no social o imperativo da fraternidade deve guiar a tarefa de humanização do mundo pelo trabalho; e no político, o homem não será sujeito de sua história, se não se auto-governar no plano econômico e social, pois que isto é a democracia política. Ernani Maria Fiori. Um documento histórico. In: Textos escolhidos. Volume 2)"

Os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação do oprimido. Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a educação como prática da liberdade postula necessariamente, uma pedagogia do oprimido. Não uma pedagogia para ele, mas dele." Ernani Maria Fiori. Aprender a dizer a sua palavra. Prefácio a "Pedagogia do oprimido", de Paulo Freire)".

"Os caminhos da liberação são os do oprimido que se libera: ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsavelmente. Ernani Maria Fiori. Aprender a dizer a sua palavra. Prefácio a Pedagogia do oprimido, de Paulo Freire)."

A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria história". Ernani Maria Fiori. Aprender a dizer a sua palavra. Prefácio a "Pedagogia do oprimido" de Freire)."

"As técnicas do método de alfabetização de Paulo Freire, embora em si valiosas, tomadas isoladamente não dizem nada do método". Ernani Maria Fiori. Aprender a dizer a sua palavra. Prefácio a "Pedagogia do oprimido" de Freire".

DEPOIMENTOS SOBRE ERNANI MARIA FIORI.

Podemos, quiza, algum dia, não pronunciar seu nome, mas sua alma circulará nos projetos que se concretizaram e deram nova dimensão a nossa Casa: uma dimensão de modernidade, de abrigo da ciência, de pesquisa, de fraternidade, de compreensão, de democracia, de amor". **Fernando Castillo Velasco**, ex-Reitor da Universidade Católica de Santiago do Chile, que, em 1968, convidou Ernani Maria Fiori para o cargo de Vice-Reitor Acadêmico". (Declarações em entrevista realizada na capital chilena em 1991).

"Ernani Maria Fiori era uma pessoa de qualidade humana extrema. De paciência pedagógica impressionante. Eu diria que o grande mérito de Fiori era de ter tempo para ouvir uma pergunta. De escutar e refletir. Nunca se negou à possibilidade de diálogo. Sempre sua reflexão avançava muito mais profundamente do que a gente colocava. Era uma atitude de dialogar problematizante". (Rolando Pinto. Foi aluno de Fiori e Freire no INDAP, em seguida, seu colega no ICIRA. Declarações em entrevista no Chile, em 1991.).

"O estilo de Fiori era diferente do de Freire: mais repousado. Fiori era um filósofo, muito sério, muito sólido, muito respeitado. Seu discurso profundo não era para leigos. A família de Fiori é uma das mais extraordinárias que eu conheço. A casa de Fiori em Santiago estava aberta a todo o mundo, funcionava como lugar de encontro muito grato". (Marcela Gajardo, socióloga. Foi ajudante de Freire. Declarações em entrevista no Chile, em 1991).

"Eu estava recém formado. Trabalhei com o professor Fiori quase dois anos na Vice-Reitoria Acadêmica. Era um verdadeiro mestre. Eu fui seu aprendiz. Foi capaz de receber-nos, todas pessoas jovens e ignorantes, mais cheias de vocação intelectual". (José Joaquín Brunner, atual Diretor de FLACSO no Chile. Declarações em entrevista. Santiago do Chile, 1991).

PENSAMENTOS DE PAULO FREIRE.

"No fundo, é muito difícil viver o exílio, conviver com todas as saudades diferentes - a da cidade, a do país, a das gentes, a de uma certa esquina, a da comida -, conviver com a saudade e educá-la também." (Paulo Freire "Pedagogia da esperança". p.34).

"Os quatro anos e meio que vivi no Chile foram anos de um profundo aprendizado. (p.43)
"O meu último período no Chile, exatamente o que corresponde à minha presença no Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agraria-ICIRA, a que cheguei no começo do meu terceiro ano no país, foi um dos mais produtivos momentos de minha experiência de exílio". (Paulo Freire. "Pedagogia da esperança", p.52).

"Um sonho que tenho, entre um sem-número de outros, é "semear" palavras em áreas populares, cuja experiência popular não seja escrita, quer dizer, áreas de memória preponderantemente oral."

"No Chile, quando lá vivi no meu tempo de exílio, os "semeadores de palavras" em áreas de reforma agrária foram os próprios camponeses alfabetizando, que as "plantavam" nos troncos das árvores, às vezes, no chão dos caminhos". (Paulo Freire. A educação na cidade. p.23).

"O diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. Não é uma técnica de manipulação, mas de iluminação." (Paulo Freire. Medo e ousadia. p.122).

"Depois que entendo educação popular como mobilização, depois que a entendo como organização popular para o exercício do poder que necessariamente se vai conquistando, depois que entendo essa organização também do saber... compreendo o saber que é sistematizado ao interior de um "saber-fazer" próximo aos grupos populares. Então... se descobre que a educação popular tem graus diferentes, ela tem formas diferentes". Há níveis de educação popular." (Paulo Freire. Que fazer? p.20-21.).

DEPOIMENTOS SOBRE PAULO FREIRE.

O professor Waldemar Cortés Carabantes havia recebido do governo de Frei a tarefa de desenvolver um plano de alfabetização de adultos. Buscava os caminhos mais certos para alcançar os propósitos do governo, quando tomou conhecimento que a Corporação da Reforma Agrária, havia contratado um brasileiro que tinha um método de alfabetização de adultos que denominava método de "palavra geradora". Era 1965. "Então, diz Cortés, fui a conversar com esse brasileiro que se chamava Paulo Freire. A entrevista foi extraordinariamente cordial. E quando perguntei a Freire, quanto seria o monto de seus direitos de autor, ele me respondeu dizendo que nada, e que inclusive estava disposto trabalhar conosco no Ministério da Educação nos Programas de Educação de Adultos. Assim é Freire, de espírito fraternal e desinteressado". (Waldemar Cortés. Declarações em entrevista. Santiago do Chile, 1991)."

"Podemos dizer que havia começado, pouco antes de 1968, um processo de radicalização dentro do Partido Demócrata-Cristão, no governo. A testa deste movimento radicalizante, estavam os jovens cristãos de esquerda, insatisfeitos com os rumos conservadores que tomava a "Revolução em liberdade" do Presidente Frei. Paulo Freire se colocou na ponta dessas ações. Defendeu todo o processo de transformação estrutural, inspirado não na ideologia marxista, mas sim usando categorias de análise marxista da realidade. A gente se conscientizava, porém, não encontrava no mundo real os termos para canalizar todo esse potencial de reivindicação humana que se desencadeava. (Marcela Gajardo. Declarações em entrevista. Santiago do Chile, 1991)."

Paulo Freire produziu em nós, jovens estudantes universitários, uma enorme impressão. Suas aulas sobre educação de adultos e seu método psicossocial

despertaram em nós, indiscutível admiração. Imbuídos de ímpetos progressistas e revolucionários, aceitamos sem discussão, ao começo, as idéias de Freire. Achamos que na filosofia que sustentava Paulo, se encontrava um dos caminhos para a libertação das classes oprimidas." (Rolando Pinto. Declarações em entrevista. Santiago do Chile, 1991).

AGRADECIMENTOS

Nossa gratidão profunda, em primeiro lugar, aos casais chilenos Graciela e Teobaldo Venegas, e Norma e Alejandro Alvarez, sem cujo apoio material e espiritual, este estudo não teria sido possível.

Mas há outras pessoas e instituições que prestaram contribuições relevantes para o êxito desta pesquisa. A elas também nossos agradecimentos muito especiais. A Faculdade de Educação, Humanidades e Artes da Universidade de Concepción na cidade de Concepción, Chile, e a seus professores, de maneira singular à Doutora María Inés Solar Rodríguez, Coordenadora do Curso de Pós Graduação em Educação e ao professor Jorge Alegria, Chefe do Departamento de Currículo.

-A Direção do Centro de Investigação e Desenvolvimento da Educação - CIDE, e a seus professores que trabalham em educação popular. O CIDE nos proporcionou muita documentação importante para realização de nosso estudo.

-Ao professor Fernando Castillo Velasco, Reitor da Universidade Católica de Santiago do Chile, em tempos de Ernani Maria Fiori.

-À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especialmente ao professor Dr. José Vicente Tavares dos Santos, Pró-Reitor Adjunto de Pesquisa e Pós Graduação; à professora Maria Isabel Bujes, Diretora da Faculdade de Educação, ao professor Raimundo Helvécio Aguiar, Chefe do Departamento de Estudos Especializados e ao Professor Dr. Fernando Becker, Coordenador do Curso de Pós Graduação em Educação.

-Ao CNPq, por conceder uma bolsa de pesquisador.

-A FAPERGS, por uma bolsa de aperfeiçoamento.

-A UFRGS por conceder bolsas de Iniciação Científica.

-Um agradecimento muito especial à investigadora do CIDE, professora Ana María Cabello Lechuga, por sua contribuição importante no desenvolvimento da pesquisa.

-Um reconhecimento muito especial, de nossa parte, pela cooperação que nos prestaram no desenvolvimento da pesquisa, a senhora Hilda Costa Fiori, esposa de Ernani Maria Fiori, e Pedro Fiori, filho do casal Fiori.

Agradecimentos, finalmente, a todas as pessoas por nós entrevistadas, testemunhas e parceiras históricas de uma caminhada cuja memória tentamos resgatar.

Participantes na pesquisa.

Participaram no processo da pesquisa, como Bolsistas de Iniciação Científica, UFRGS-CNPq, as alunas de Graduação da Faculdade de Educação da UFRGS, Carla Meurer Magalhães e Cláudia Bittencourt; como Bolsista de Aperfeiçoamento da FAPERGS, a graduada da UFRGS, a professora Rosane Dorigon e, como pesquisadora colaboradora, a engenheira química e estudante de graduação da Faculdade de Educação da UFRGS, Elke Aida Emmi Diercks.

PESSOAS ENTREVISTADAS, ENTRE 1991 E 1993, ESPECIALMENTE
NO CHILE, SOBRE OS EDUCADORES ERNANI MARIA FIORI E PAULO
FREIRE E SEU TEMPO DE EXÍLIO NESSE PAÍS.

01.-Hugo Assmann.

Atualmente professor da UNIMEF (Universidade Metodista de Piracicaba, SP). Grande amigo de Fiori. Em Porto Alegre trabalhou vários anos, na década de sessenta. Depois se se encontraram no Chile, durante o exílio, em 1970. Amigo também de Paulo Freire. Trabalhou na Costa Rica e na Nicarágua nos tempos da ditadura brasileira. Foi ele quem organizou a Bibliografia comentada que aparece na primeira edição em espanhol de "Pedagogia do oprimido", em Montevideu, no ano de 1968.

02.-Sergio Arévalo.

Na época, Chefe do Departamento de Educação, em Santiago-Centro no Chile. Durante o governo de Salvador Allende foi chefe técnico de Educação de Adultos do Ministério da Educação chileno. Em 1967, foi aluno de Paulo Freire e Alvaro Vieira Pinto, em Santiago do Chile, em cursos de alfabetização de adultos.

03.-Manuel Bastias.

Educador e pesquisador em educação popular no CIDE (Centro de Investigación y Desarrollo de la Educación) em Santiago, Chile. Desenvolveu abordagens de educação popular inspiradas nas idéias de Paulo Freire.

04.-Gloria Beltrán

CIDE. Pesquisadora e educadora popular. Trabalhou sob a ditadura em programas de educação popular nas linhas

do pensamento de Paulo Freire. Sua dissertação de mestrado, apresentada na Universidade de Portland-USA, intitulada "Uma experiência curricular baseada no pensamento de Paulo Freire", em 1984, revela um profundo conhecimento das idéias do autor de "Pedagogia do oprimido".

05.-Carlos Eugenio Beca.

Chefe de Gabinete do Ministro da Educação chileno, no governo de Aylwin. Durante Governo de Salvador Allende, foi Chefe da Educação de Adultos (1970-1973) no Ministério da Educação. Como titular desse cargo, dirigiu a aplicação do método psicossocial de alfabetização de adultos. Foi aluno de Paulo Freire em seminários e cursos de educação de adultos. Foi secretário, durante um ano, do Vice-Reitor Acadêmico da Universidade Católica, professor Ernani Maria Fiori.

06.-José Joaquín Brunner.

Atual coordenador acadêmico da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais, FLACSO. Vice-Presidente do Conselho Superior de Educação do Chile. Membro do Conselho Nacional de Ciências. Pesquisador. Trabalhou durante dois anos com Ernani Maria Fiori, como secretário, na Universidade Católica do Chile quando o professor Fiori era Vice-Reitor Acadêmico. Especialista em sociologia da educação e da cultura.

07.-Fernando Castillo Velasco.

Fernando Castillo Velasco, ex-Reitor da Pontifícia Universidade Católica de Santiago do Chile, convidou Ernani Maria Fiori para ser Vice-Reitor Acadêmico. O nome de Ernani Maria Fiori foi

sugerido pelos estudantes universitários progressistas. Castillo Velasco foi Reitor entre 1967 e 1973. Iniciando a reforma daquela universidade chilena, concretizou os princípios que asseguravam a participação de todos os universitários na vida e desenvolvimento da Universidade Católica.

08.-Waldemar Cortés.

O professor Waldemar Cortés Carabantes era chefe nacional de Educação de Adultos, nos chamados programas especiais, do Ministério da Educação do Chile, ao iniciar-se o governo democrata-cristão do Presidente Eduardo Frei (1964-1970). Cortés convidou Paulo Freire que, nesse momento, trabalhava na Corporação de Reforma Agrária (CORA), a participar nos programas de alfabetização de adultos, promovidos pelo governo. Cortés nomeou uma comissão de professores chilenos, para adaptar o método psicossocial de alfabetização de adultos de Freire à língua espanhola e à realidade chilena.

09.-Guido Flamey.

Educador e pesquisador de educação popular do CIDE, cujas atividades atuais se apoiam, em geral, nas idéias de Paulo Freire.

10.-Marcela Gajardo.

Pesquisadora associada da FLACSO, no campo da educação, especialmente em educação de adultos e em educação rural. Atualmente trabalha na Agência de Cooperação Internacional, como Coordenadora de Programas Bilaterais de Cooperação. Este organismo foi criado em 1990, imediatamente após a posse do governo de Patricio Aylwin. Foi assistente de Freire no Instituto de Capacitação e de Inves

tigação da Reforma Agrária-CIRA, durante um ano e, junto com José Luiz Fiori teve participação nas discussões das idéias de "Pedagogia do oprimido". Através de José Luiz conheceu a família Fiori e cultivou com ela uma amizade sólida.

11.-Juan Eduardo
Garcia-Huidobro.

Coordenador do Programa de Melhoria da Qualidade do Ensino de primeiro grau, do Ministério da Educação do Chile, destinado às escolas mais pobres. Educador e pesquisador de educação popular e de educação de adultos. Conheceu Paulo Freire em 1968, quando este trabalhava no ICIRA. Em 1976 defendeu, na Universidade Católica de Louvain-la Neuve (Bélgica), uma tese de doutorado sobre o pensamento educacional de Gramsci. Em sua tese Garcia-Huidobro faz uma interessante aproximação crítica entre o pensamento pedagógico-político de Gramsci e a pedagogia do oprimido de Freire, da qual é profundo conhecedor. (*)

12.-Manuel Antonio Garretón.

Assessor do Ministro da Educação do Chile. Professor e pesquisador da FLACSO. Conheceu Paulo Freire no INDAP (Instituto de Desarrollo Agropecuario), do qual era Vice-Presidente o economista Jacques Chonchol, que, no governo de Allende, seria Ministro da Agricultura. Garretón também trabalhou com Ernani Maria Fiori no processo de reforma universitária da Universidade Católica do Chile.

(*) Juan Eduardo García Huidobro. Educación, conciencia y sociedad; un estudio del pensamiento educacional de Gramsci. Louvain-la-Neuve (Belgique), Université Catholique, Thèse de doctorat, 1976, 633p.

13.-Luiz Alberto
Gomes de Souza

Chegou ao Chile em 1966 e aí ficou até 1974. Trabalhou na FLACSO e na CEPAL. Também

na Universidade Católica. Nesta organizou, com Fiori, um seminário sobre reforma universitária. Esteve junto com Paulo Freire no CIRA.

14.-Sergio Gómez.

Pesquisador da FLACSO. Especialista em sociologia rural. Conheceu Fiori na Universidade Católica, durante o processo de reforma. Cultivou amizade com a família Fiori.

15.-Jorge Navarro Godoy

Professor da Universidade de Antofagasta, no Chile. Em 1965 foi aluno de Paulo Freire e de Alvaro Vieira Pinto. Em seguida, ajudante de Freire e de Vieira Pinto. Divulgou o método psicossocial de alfabetização de adultos, no Norte do Chile.

16.-Nelson Olvarria.

Professor da Universidade Católica. Assessor, no Ministério da Educação, da organização do Centro de Educação Integrado de Adultos. Pesquisador do uso do método psicossocial de alfabetização de Adultos de Freire, durante os governos de Frei, Allende e Aylwin e no período da ditadura.

17.-Olegario Ortiz.

Coordenador Nacional de Alfabetização de Adultos, no Ministério da Educação do Chile, durante o governo de Aylwin.

18.-Rolando Pinto.

Pesquisador do Programa Interdisciplinar de Investigações em Educação (PIIE). Professor da Universidade Metropolitana de Ciências da Educação. Foi aluno de Fiori e Freire no

INDAP. Depois trabalhou com ambos na mesma equipe no ICIRA.

19.-Juan José Silva.

Atual pesquisador e educador em educação popular no CIDE.

20.-Gloria Torres.

Atual Coordenadora do Programa de Participação Vicinal do CIDE.

SUMARIO. -----	15
O PENSAMENTO DE ERNANI MARIA FIORI. -----	1
DEPOIMENTOS SOBRE ERNANI MARIA FIORI. -----	3
O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE. -----	4
DEPOIMENTOS SOBRE PAULO FREIRE. -----	5
AGRADECIMENTOS. -----	7
BOLSISTAS DE APERFEIÇOAMENTO E DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA QUE PARTICIPARAM NA PESQUISA. -----	8
AS PESSOAS ENTREVISTADAS NO CHILE E NO BRASIL. -----	9
 CAPÍTULO 1. Os exilados brasileiros no Chile. -----	10
 CAPÍTULO 2. Ernani Maria Fiori e Paulo Freire chegam ao Chile. -----	27
1.-A situação política do país. -----	27
2.-A chegada dos brasileiros ao Chile.-----	38
3.-Paulo Freire e o clima político em tempos dos Presidentes do Chile, Eduardo Freire e Salvador Allende. -----	42
4.-O exílio na visão de Paulo Freire.-----	52
 CAPÍTULO 3. Ernani Maria Fiori no Chile. -----	57

1.-O clima político chileno. -----	57
2.-Fiori como pessoa e como docente. -----	67
3.-Ernani Maria Fiori e a reforma da Universidade Católica de Santiago do Chile. -----	81
4.-Fiori, a Universidade e a Educação Popular. -----	114

CAPÍTULO 4. Paulo Freire no Chile. -----134

1.-A chegada de Paulo Freire ao Chile. -----	134
2.-Paulo Freire e os Programas Especiais de Educação de Adultos do Ministério da Educação chileno-----	140
3.-Paulo Freire e suas atividades nos organismos da reforma agrária chilena: educação de adultos nos assentamentos. Suas experiências com os camponeses. ----	172
4.-Paulo Freire no ICIRA. Seus escritos. -----	198
a.-Paulo Freire e suas atividades no ICIRA em 1968. ----	200
b.-Os resultados do plano de atividades para 1968. ----	205
c.-A alfabetização de adultos e a investigação temática. -----	213
d.-Concepção "bancária" da educação. -----	221
e.-Os camponeses e seus próprios textos de leitura. ----	223
f.-A ação educativa nos "assentamentos". -----	227
g.-Os Círculos de Cultura. -----	231
h.-Ao coordenador de um Círculo de Cultura. -----	234
i.-O compromisso do profissional com a sociedade. ----	237
j.-A alfabetização de adultos. -----	240

k.-O método psicossocial e a reforma agrária. -----	244
l.-O trabalhador social e o processo de mudança. -----	248
m.-A alfabetização funcional no Chile. -----	253
5.-Um diálogo com Paulo Freire no Chile. -----	258

CAPÍTULO 5. A educação popular no Chile depois de

FREIRE.-----263

1.-Uma visão geral da educação popular durante a ditadura-----	267
2.-Os programas de educação popular no Centro de Investigación y Desarrollo de la Educación-CIDE-----	282

CAPÍTULO 6. Breves palavras sobre Fiori e Freire

no Chile.-----301

CAPÍTULO 1.-Os exilados brasileiros no Chile.

Esperamos que outros continuem este estudo, que nós iniciamos, no intuito de reconstruir as trajetórias de Ernani Maria Fiori e de Paulo Freire, documentando a influência que eles e outros brasileiros exerceram no Chile, nos campos nos em que lá atuaram. Naquele momento, ao mesmo tempo que acontecia o golpe militar de primeiro de abril de 1964, no Brasil, abria-se, no Chile, um período, que durou até 1973, repleto de transformações e esperanças. Eduardo Frei, democrata-cristão, assumia a Presidência do país com sua "Revolução em liberdade". E nos três primeiros anos de

seu governo se concretizaram reformas fundamentais para a nova vida da nação que se anunciava, como a reforma educacional, a reforma agrária, a sindicalização camponesa e a organização popular na chamada promoção popular.

A esse ambiente vibrante, prenhe de anseios de justiça social, chegaram os brasileiros. Em certo sentido, aí, na terra à qual chegavam, se estavam materializando muitas das idéias que eles, no governo de Goulart, sentiam como absolutamente necessárias para uma convivência social justa, humana e solidária.

Ernani Maria Fiori, por exemplo, pôde projetar no Chile aquela reforma da Universidade que postulava no Brasil e, ao mesmo tempo, continuar ligado à filosofia que animava os círculos de cultura que, em Porto Alegre, a ele coubera assessorar. Paulo Freire pôde continuar a sistematizar suas concepções de educação, especificamente as relativas a seu método psicossocial de alfabetização e educação de adultos. Agora, no exílio, livres, das lutas quotidianas, de natureza política e pessoal, que os absorviam na própria terra, apesar das naturais saudades, dispunham, talvez, de mais tempo para pensar.

A longa tradição chilena de ser "o asilo contra a opressão", como diz seu Hino Nacional, tradição que seria rompida brutalmente em 1973, a circunstância de serem alguns

brasileiros da mesma linha político-partidária do grupo que governava o Chile,naquele período, e a forte e definida linha progressista dos jesuitas chilenos,com muita influência nas altas esferas governamentais,ajudaram os brasileiros chegados na década de sessenta a incorporar-se imediatamente na discussão e concretização das aspirações reformistas,que animavam os dirigentes chilenos.

Nossa intenção inicial foi a de reconstruir o tempo de exílio de Ernani Maria Fiori e Paulo Freire no Chile. Percebemos logo que uma tarefa de tal envergadura precisava de meios que não estavam ao nosso alcance.Os recursos para pesquisas como aquela que postulávamos e todo tipo de investigação, sofreram, nos primeiros anos da década de 90, no Brasil, uma aguda e perigosa redução. Tivemos assim que diminuir a abrangência de nossos objetivos,procurando ser, porém, fiéis à idéia geral que alimentávamos no início.

Consideramos que os exilados brasileiros que chegaram ao Chile nos primeiros anos após o golpe de 64,representam,na história cultural chilena,uma contribuição importantíssima,só comparável à que prestaram os argentinos na década de 30 do século passado. Os argentinos chegaram ao Chile fugindo da tirania de Rosas. Domingo Faustino Sarmiento, mais tarde Presidente da República argentina, e Juan Bautista Alberdi,cujas "Bases",escritas em Valparaíso,deram os

fundamentos para a Constituição argentina de 1853, para assinalar somente dois nomes, deram valiosas contribuições à cultura chilena.

Argentinos e brasileiros, apesar de viverem em momentos históricos diferentes, tinham a mesma paixão pela liberdade e pela democracia. No Chile, eles encontraram ambiente adequado para concretizar alguns de seus sonhos.

Por isso, principalmente, é necessário, para o Chile, para o Brasil e para a América Latina, que sonha, desde Bolívar, com a unidade continental, contar às gerações presentes e futuras como esses brasileiros dos tempos de Frei e Allende trabalharam e pensaram por um país que sentiam como mais um pedaço de terra comum, nesta América do Sul.

Em geral, podemos dizer que os brasileiros trabalharam com destaque, em três áreas fundamentais: na reforma agrária, na economia e na educação, principalmente na alfabetização de adultos e na universidade.

"Quando me encontrei com Alvaro Vieira Pinto, de quem logo seria aluno e auxiliar, nos dizia Jorge Navarro, professor universitário chileno, num depoimento em 1992, tive a impressão de estar perante um sábio, não de uma pessoa

possuidora de muito saber, que também o tinha, mas de alguém que se identificava com a raiz da palavra filosofia, a de ser "amante da sabedoria". Vocês sabem, acrescentava nosso entrevistado, que encontrar uma pessoa que sabe muito não é tão difícil, mas sentir a irradiação de um sábio é quase um milagre que se oferece na vida quotidiana. E perante Vieira Pinto vivíamos numa espécie de perpétuo êxtase. Sentíamos sua modéstia, sua sabedoria e, ao mesmo tempo, nossa ignorância e o anelo ardente de aprender." E nos perguntava: "Vocês aí no Brasil, não os da ditadura, obviamente, admiram tanto a Vieira Pinto como nós os chilenos?"

Um dos exilados brasileiros que teve muita influência na cultura chilena, especialmente na pintura, foi Mário Pedrosa. Logo que chegou ao Chile, entrou em contato com o Diretor do Museu Nacional chileno, o pintor Nemesio Antúnez, e com o mundo dos artistas plásticos.

Pedrosa teve a idéia de fazer do Chile um Centro Internacional da Pintura. Para isso, se relacionou com diferentes pintores, convidando-os a enviar suas obras. Fundou, inclusive, um Comité Internacional do qual ele era Secretário Geral.

Quando se soube que a Guernica de Picasso deixaria o Museu de Pintura de Nova York para regressar definitivamente à Espanha, escreveu ao pintor espanhol,

mostrando-lhe que o verdadeiro lugar da célebre jóia da pintura universal, que lembra a destruição daquela cidade espanhola pela aviação alemã em 1937, deveria ser o Museu Internacional que se estava organizando no Chile. Picasso nunca respondeu a belíssima carta escrita por Mário Pedrosa.

Luiz Alberto Gomes de Souza assim relata esse importante momento histórico para a pintura chilena :

" Mas assim nasceu, com mais ou menos seiscentos quadros, entre eles "Os galos cantam ao amanhecer" de Miró, o Museu da Solidariedade. O Presidente Allende o inaugurou. Mário saudou Allende. O texto de seu discurso se perdeu, infelizmente. Eu lembro que Mário disse: "Presidente, isto é uma antecipação. Um dia, no reino da liberdade sonhado por Marx, toda a história será arte e toda a arte será história, porque a arte será concreta e concreto será o estético. E, por enquanto, nós estamos ainda na contradição." Allende, ao responder, retomou essa idéia e o fez muito bem. O Presidente improvisou e suas palavras, infelizmente, não foram recolhidas pela imprensa".

Em seguida, acrescenta Gomes de Souza:

" Quando se produziu o golpe militar, Pedrosa se

asilou na Embaixada do México. Mais tarde, em Cuba, organizou o Museu da Resistência "Salvador Allende", que tinha por objetivo reunir fundos, com a doação de obras de pintores de todo o mundo, para enfrentar a ditadura militar chilena".((1)1)

O mesmo Luiz Alberto Gomes de Souza viveu uma importante história, que deveria ser reconstruída e que começa em 1965, depois de haver sido preso pelos militares golpistas. Ele recebeu o convite de Ivan Ilich e de Dom Hélder Câmara para ir a Cuernavaca, no México. O caráter autoritário de Ilich criou dificuldades para um trabalho em equipe. Mais tarde, ele aceitou um convite do Diretor da FLACSO chilena, para fazer lá, o mestrado em Ciência Política. O Diretor da FLACSO era o argentino Horacio Godoy, muito amigo de Flínio Sampaio, que morava em Santiago. Depois de concluir o mestrado, Gomes de Souza ficou trabalhando na FLACSO. Permaneceu no Chile desde primeiro de agosto de 1966 até 31 de julho de 1974, tendo, assim, experiências com três governos chilenos.

Em seguida, Gomes de Souza foi para o Departamento social da CEPAL. Isto lhe permitiu colaborar com os planos do ICIRA (Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agraria) no qual trabalhavam Paulo de Tarso, Almino

(1) Luiz Alberto Gomes de Souza. Declarações em entrevista. Rio de Janeiro, 1991.

Affonso e Paulo Freire, entre outros brasileiros. Em 1968 ingressou como professor na Universidade Católica para lecionar introdução à Sociologia. Na Universidade Católica, com Ernani Maria Fiori, organizou um seminário sobre reforma Universitária, que teve profundas repercussões no ambiente universitário chileno. Posteriormente, ele trabalhou também na Universidade do Chile, na área de planejamento da saúde.(2)

Gomes de Souza, junto com outros brasileiros, especialmente com Paulo Freire, Ernani Maria Fiori, Paulo de Tarso e Almino Affonso, tiveram oportunidade de percorrer o país, realizando atividades programadas pelo ICIRA, pelo INDAF, que era dirigido por Jacques Chonchol, e pela CORA Corporación de Reforma Agraria) sob a direção de Rafael Moreno. (3) Desta maneira, ele se vinculou aos organismos medulares que estavam concretizando a "Revolução em liberdade " do governo de Frei. Uma enumeração rápida de suas atividades mais fundamentais, nos dá apenas uma idéia do trabalho ingente que nos caberia , para resgatarmos com justiça as responsabilidades que todos tiveram, durante o período de exílio no Chile, nas transformações vividas pelo país.

(2)Ibidem

(3)Ibidem

Referimo-nos especialmente ao primeiro grupo de exilados brasileiros, que chegou ao Chile logo após o golpe de 1964 no Brasil. Mais tarde, em 1970, já no governo de Allende, aconteceu o maior afluxo de brasileiros exilados. Estes não tinham caráter homogêneo do ponto de vista intelectual e das responsabilidades governamentais que haviam desempenhado no Brasil. Isto não quer dizer que tenham sido menos importantes para a vida política e social do Chile. Os da década de sessenta, chegaram, em sua maioria, vinculados a organismos internacionais, o que eliminava imediatamente as preocupações derivadas da necessidade de sobrevivência material. Este apoio tão fundamental não tiveram, em geral, os exilados que chegaram em 1970.

Destacamos apenas alguns nomes dos brasileiros que se incorporaram à "Revolução em liberdade" de Frei. Outros muito importantes como os que mencionamos, ou ainda os pertencentes à geração de exilados de 1970, viram suas vidas submersas nas sombras da história, esperando, talvez, que na América Latina se aprofunde o espírito de democracia e de liberdade, que leve a colocar em destaque esses homens, mulheres e famílias que submeteram a dura prova seus sonhos e utopias. Sonhos e utopias brutalmente esmagados, num primeiro momento, mas que ressuscitaram mais jovens e fortes, na busca dos caminhos que apontam para a fraternidade e a paz.

CAPÍTULO 2. Paulo Freire e Ernani Maria Fiori chegam ao Chile.

1.-A situação política do país.

Paulo Freire chegou ao Chile, pelo norte, pela cidade de Arica, em novembro de 1964, com 43 anos de idade. Ernani Maria Fiori tinha 52 anos quando pisou o solo chileno, em janeiro de 1966. O Chile, por ocasião da chegada de Freire, vivia um clima nacional de democracia e otimismo. Eduardo Frei, do partido democrata-cristão, havia recém assumido a Presidência da República, prometendo "Revolução em liberdade". Em 1966 esse ambiente de esperança, que agitava o

povo chileno, se mantinha praticamente intato. Em março de 1965, o governo democrata-cristão havia obtido, nas eleições parlamentares, uma maioria tão expressiva nunca dada a nenhum partido político, na história desse país andino. Frei não precisava do apoio de nenhum grupo partidário para governar: bastava-lhe a força de seu partido.

Ernani Maria Fiori e Paulo Freire não eram os primeiros exilados que em sua história recebia o Chile. A frase de seu Hino Nacional, "asilo será contra a opressão", se concretizou muitas vezes ao longo do tempo, desde 1818. Muitos políticos da América Latina se formaram em suas escolas e universidades. A maioria vivendo como exilados durante muitos anos.

Os chilenos estavam acostumados a receber os perseguidos políticos dos países vizinhos. Para eles, os militares chilenos eram "constitucionalistas", formados no pleno respeito à lei. Os "outros", os militares das nações latino-americanas, eram "gorilas". Os chilenos, em sua ingenuidade política, eram incapazes de distinguir, em meio à luz na qual viviam, as sinistras sombras que avançavam e que se constituiriam numa das mais brutais ditaduras deste continente.

Quando os argentinos chegaram ao Chile, fugindo de Rosas, encontraram um ambiente intelectual elaborado nos

marcos do classicismo pela figura extraordinária de Andrés Bello, venezuelano, que seria Reitor da Universidade do Chile, em 1843. Os buenaienses chegaram com outra concepção que nesses momentos estava dominando o mundo, o romantismo.

Domingo Faustino Sarmiento foi enviado, em 1839, à Europa e aos Estados Unidos, pelo Ministro de Educação chileno Manuel Montt, com o objetivo de estudar os sistemas educacionais. Em 1842, Sarmiento fundou a escola normal de Saantiago, sendo seu primeiro diretor. Nesse fato histórico podemos dizer que reside a origem de uma formação democrática e fortemente política do professorado chileno. Uma tendência leiga e uma concepção científica precocemente positivista que predominava no mundo, marcou, quase desde a origem, as tendências espirituais do magistério chileno. Isto significou que os educadores apoiaram, partidariamente, num primeiro momento, o Partido Radical e sua inclinação socializante, e em seguida, o Partido Socialista e o Partido Comunista. Em 1938, as forças de esquerda elegeram, para Presidente do Chile, Pedro Aguirre Cerda, que tinha, entre suas experiências docentes, as de haver sido professor primário. O triunfo de 1938 só foi alcançado, talvez, pela divisão que se produziu no seio do tradicional partido conservador, forte e decididamente católico. Dele se afastou um grupo de jovens católicos, da classe média abastada, para fundar a Falange Nacional, que em seguida se constituiria no Partido Democrata-Cristão com uma

plataforma político-econômica-social e educacional carregadas de idéias novas. Maritain dava as bases, principalmente, teóricas à nova agremiação política. O carisma era trazido por alguns oradores, como Radomiro Tomic, prendados pela palavra mágica e musical. Desse grupo que se afastou do Partido Conservador, saíram Eduardo Frei e Patrício Aylwin, que alcançaram a primeira magistratura da nação. Eduardo Frei foi o segundo presidente democrata-cristão de um país da América Latina. O primeiro foi o da Costa Rica.

Nos primeiros anos de Governo, Frei avançou consideravelmente na satisfação das necessidades do povo chileno, conforme o que havia sido prometido durante a campanha presidencial. Impactos fortes para a comunidade nacional foram, por exemplo, a reforma educacional que estabeleceu um ensino básico obrigatório de oito anos; a reforma agrária, que custou muitos esforços e inclusive, vidas, para concretizar-se, tendo participado nela muitos brasileiros; a promoção popular, através da organização das massas nas vilas e no campo, para atuar em defesa de seus direitos. Todas estas tarefas foram realizadas em meio de lutas com os partidos de esquerda, por um lado, e por outro, com os latifundiários.

A política econômica, em relação às grandes empresas, especialmente do cobre, em poder de norte-americanos, se

materializou no que os democrata-cristãos denominaram de "chilenização", que permitia aos empresários manter o 51% das ações o que, na prática, significava o comando das empresas.

Permanentemente entre dois fogos, as forças conservadoras, achando que ele avançava demais em suas mudanças, e os partidos de esquerda, que pediam transformações radicais, Frei começou a enfraquecer-se politicamente. Alguns fatos isolados contribuíram para que aumentasse a crítica a seu governo. Em educação, por exemplo, pela tradição leiga do magistério, não teve o apoio suficiente da maioria do professorado. Na reforma educacional que solicitava um pessoal com experiência, não existente em número suficiente, nas filas democrata-cristãs, o governo se viu obrigado a empregar, como "assessores", nas secretarias de educação e nas escolas, pessoas insuficientemente qualificadas do ponto de vista profissional. Por volta de 1968 as críticas se fazem muito mais fortes. Os próprios democrata-cristãos exigem, especialmente os chamados de "esquerda cristã", avanços mais decisivos nas reformas que o país necessitava. A reforma universitária de 1968 ofereceu campo propício para os enfrentamentos ideológicos.

Numa realidade política agitada, com a crença de que Frei havia realizado um recuo no plano de reformas, chegou a eleição de 1970 para Presidente do Chile. Três candidatos se apresentam para buscar o apoio do povo. A democracia

cristã lança o nome de Tomic , a direita tradicional,o de Alessandri,e os partidos de esquerda,agrupados na chamada Unidade Popular, apresentam,como candidato, Salvador Allende.O MAPU (Movimento de Ação Popular Unitária),separado da democracia cristã em 1969,agrupava os representantes de um pensamento de esquerda cristão, muito dos quais constituíam o movimento de " Cristãos para o Socialismo".Salvador Allende torna-se Presidente do Chile.Tomic, não contando com o apoio que esperava de seu partido, ficou em terceiro lugar.

Salvador Allende, socialista e maçom,pretendia chegar a uma sociedade socialista,em liberdade.Mas antes de assumir a Presidência teve que enfrentar graves problemas.Seu programa de governo,que contemplava especialmente a nacionalização das empresas multinacionais,o aprofundamento da reforma agrária,a reforma bancária, o estabelecimento da escola única e uma série de medidas de natureza socializante,produziu pânico na alta burguesia chilena e nas empresas multinacionais.Outras idéias ,como a medicina socializada, originaram rejeição total dos que se sentiam atingidos pelas futuras medidas que se anunciavam.Um setor da pequena burguesia,constituído de profissionais liberais,especialmente médicos,se sentiu ferido em seus interesses.

Entretanto, o triunfo socialista, liderado por Allende, com sua doutrina de socialismo em liberdade, transformou o Chile no centro dos interesses mundiais. Pessoas de todos os continentes, especialmente jovens, que já se haviam sentido atraídos pelo que estava sucedendo no país, no tempo de Frei, chegaram para participar na experiência chilena.

Um clima de esperança viviam todos que percebiam uma atmosfera nova de dignidade humana. Os indivíduos, tornados sujeitos através da participação, se sentiram pessoas. Isto durou mais ou menos até meados de 1972. Os norte-americanos não queriam outra Cuba no continente. E se empenharam em desestabilizar o governo de Allende, propiciando lutas internas e fechando para o Chile os mercados externos. Como isto não bastasse, sendo considerado apenas como uma preparação, apoiaram o golpe militar de 1973, terminando brutalmente com o governo que havia sido escolhido democraticamente pelo povo. A história do Brasil de 1964, se repetia tragicamente no Chile.

Naqueles momentos históricos que precederam o golpe, faltou diálogo entre os partidos políticos chilenos. Se o Partido Democrata-Cristão, a força política majoritária no país, houvesse cerrado fileiras em torno da vida democrática nacional, e alguns grupos da Unidade Popular tivessem uma atitude menos sectária, mais revolucionária, talvez a história chilena teria sido escrita de maneira diferente.

Todavia é indiscutível que esse avanço para o socialismo havia começado a preocupar bem antes, nossos vizinhos do norte e a oligarquia chilena. Os ímpetus reformistas de grupos do partido de Frei, já em 1968, começaram a inquietar as elites dirigentes majoritárias dos democrata-cristãos, que não desejavam avançar a galope. A ala insatisfeita dos democrata-cristãos abandonou o Partido, criando o MAPU.

Um educador chileno, referirindo-se ao clima político de 1964 a 1973 (1), diz que o Chile vivia um otimismo para a mudança, uma espécie de ingenuidade coletiva, quando se pensava que era possível fazer as transformações que nossa sociedade dependente e subdesenvolvida reclamava. Pensava-se que era possível mudar o país sem conflitos, num processo civilizado, sem entender que os interesses concretos, materiais, predominam. "Nesse período, afirma Pinto, podemos distinguir duas etapas: uma, reformista, a do governo de Frei, desde 1964 até 1970, inclusive. Foi uma fase calculada, uma mudança gradual, com um sentido realista muito grande, mas todos sabemos que a dinâmica social ultrapassa o planejamento frio, elaborado pacientemente. O governo de Allende é um período de mudança revolucionária, que ataca no que é essencial de uma sociedade que se sabe injusta, para

(1) Rolando Pinto. Declarações em entrevista. Santiago do Chile, 1991.

transformá-la ,buscando o bem-estar de todos.O reformismo,em seu objetivo último,quer recuperar a mudança para integrá-la à sociedade. Eu distinguiria,diz Pinto,duas etapas no governo de Frei:uma primeira,que se iniciou durante a campanha presidencial,que é anunciadora,carregada de utopias,que se nutre com a idéia de que é possível fazer uma revolução em liberdade, e que dura até meados de 1967,quando o reformismo percebe que a mudança começa a fugir de suas mãos e que ela é assumida por grandes setores da comunidade.Então o reformismo tem medo e freia toda a ilusão de mudança." (2)

Alguns consideram que essa época de dez anos, de 1964-1973, foi de ouro.Essas fases se dão raramente na vida dos povos.Não havia desemprego.Cada um sentia que estava vivendo horas especiais,plenas de humanidade (3)

De todas as partes,como já dissemos,chegavam intelectuais para participar nas mudanças profundas que estava vivendo o Chile.Havia uma efervescência política, uma busca apressada de um futuro que se ansiava,mas que não se deixava aprisionar pelos sonhadores,porque a maioria dos chilenos começou a viver no sonho, na esperança.Todavia,esta

(2)Rolando Pinto,Ibidem.

(3)Sergio Gomes. Declarações em entrevista. Santiago Chile,1991.

"ebulição que também se dava no campo intelectual, não alcançou aqui a originalidade, pois foi fundamentalmente dependente." (4)

O tempo de Frei e especialmente o tempo de Allende, foram também um período de decisões fundamentais para as tendências cristãs de esquerda, que iniciaram sua definição política, alimentadas pelas idéias progressistas incubadas no Vaticano II. O nascimento do MAPU, em 1968-1969, cortando o cordão umbilical que o unia ao Partido Democrata-Cristão, no governo, o surgimento dos teólogos da libertação e o papel que desempenhou, especialmente contra a ditadura militar, a igreja católica, são manifestações muito claras da reorganização ideológica que viveu a sociedade chilena nesse decênio.

Surge também, por outro lado, em 1966-1967, na Universidade Católica, o denominado "movimento gremialista", de ultradireita. Esse grupo, vinculado à Igreja Católica tradicional, congregava os estudantes dessa instituição universitária. (5) que teriam um papel muito importante, durante o governo de Allende, opondo-se, por todos os meios, às linhas de ação da Unidade Popular. Em seguida, durante a ditadura militar, como governo, os

(4) Manuel Antonio Garretón. Declarações em entrevista. Santiago do Chile, 1991.

(5) Carlos Eugenio Beca. Declarações em entrevista. Santiago do Chile, 1991.

gremialistas ,através de alguns de seus membros, terão alta responsabilidade no desenvolvimento da Universidade e no clima de terror que se abrigou nas aulas do ensino superior.

É indiscutível que no Chile se estabeleceu uma "luta de poder para fazer coisas que o país não podia fazer"(6).Verdadeiramente, havia no ambiente chileno, um tom de impaciência.Os que tinham esperanças,pensavam que estas não se materializavam com a rapidez que se desejava.Alguns grupos políticos que participavam da Unidade Popular,de maneira semelhante ao que fizeram certos grupos aliados do governo de Frei ,achavam que os passos dados pelas autoridades máximas do país eram demasiado cautelosos.Diante disso, queriam fazer,por iniciativa própria,que as coisas acontecessem. Isto aumentou a desorganização no meio de um povo convencido que os caminhos deveriam ser construídos com a maior brevidade.

(6)Fernando Castillo Velasco. Declarações em entrevista. Santiago do Chile,1991.

2.-A chegada dos brasileiros ao Chile.

Este era o ambiente político chileno quando chegaram os brasileiros ao país. O clima era de incertezas, de lutas, de projetos, de otimismo, de esperança, "de liberdade". (7) Frei havia assumido a Presidência do país. Este fato abriu, com maior facilidade, as portas chilenas, por exemplo, a Plínio Arruda Sampaio e Paulo de Tarso, que pertenciam ao Partido Democrata-Cristão brasileiro. Não havia, porém, discriminação ideológica, quando se tratava de receber um brasileiro perseguido pela ditadura militar que dera o golpe em 1964.

(7) Luiz Alberto Gomes de Souza. Ibidem

Para Frei não era fácil governar, apesar de ter uma forte ajuda internacional. A oposição interna, comandada pelo Partido Socialista e pelo Partido Comunista, se fez mais forte com o surgimento em Concepción, ao sul do Chile, do MIR (Movimento de Esquerda Revolucionário). O MIR era constituído, fundamentalmente, por jovens universitários com um pensamento de esquerda muito avançado que se chocava abertamente com grupos da Unidade Popular, especialmente com as estratégias e táticas do Partido Comunista. Durante o regime militar autoritário chileno, o MIR desempenhou um papel importante. Nunca deixou tranquilos os membros da ditadura, até o momento em que foi quase desmantelado.

Havia um marcado sectarismo, às vezes, quase cego. A luta aumentou, ao invés de diminuir, com o triunfo dos democrata-cristãos nas eleições parlamentares de março de 1965. O partido não necessitou de nenhum outro grupo político para governar. E isto foi prejudicial para o futuro da Democracia Cristã, especialmente na perspectiva da nova eleição presidencial, ao término do governo de Frei. O candidato natural era Tomic que ficou no partido quando nasceu o MAPU. Por sua linha de esquerda, pensou-se que Tomic seguiria os jovens mapucistas. Quando chegou a eleição, "o governo democrata-cristão não fez por Tomic o que tinha que fazer". (8)

(8) Fernando Castillo Velasco. Ibidem

"Os brasileiros foram recebidos com simpatia,mas também com desconfiança,com suspeita pelos grupos conservadores da Democracia-Cristã.Estes não podiam esquecer que os que chegavam eram revolucionários".(9) Mais tarde, em 1969, Paulo Freire receberá provas concretas desta desconfiança.O governo democrata cristão ,neste ano de 1969,estava em plena fase de recuo em sua linha de busca da justiça social.

Os brasileiros chegaram ao Chile, como exilados,em dois grupos.O primeiro,entre 1964 e 1970,era pequeno,e estava principalmente constituído pela elite intelectual de esquerda.Os integrantes deste grupo,,entre os quais poderiam mencionar-se Paulo de Tarso,Flinio Arruda Sampaio, Fernando Henrique Cardoso, Alvaro Vieira Pinto,Luiz Alberto Gomes de Souza,Almino Affonso ,Ernani Maria Fiori e Paulo Freire, foram fraternalmente recebidos no Chile.Estes brasileiros exilados estavam vinculados a organismos internacionais,ou chegaram ao país já com um emprego indicado,ou então recebiam rapidamente,depois de sua chegada, convites para trabalhar nos projetos de iniciativa do governo.Sua situação, nestas condições,foi excepcional.Além de viver um clima pleno de liberdade,não tinham que preocupar-se com a vida quotidiana,pensando na maneira como satisfazer as necessidades fundamentais, preocupação que marca, muitas vezes,a vida do exilado. Desta forma,com todos os recursos à

(9)Rolando Pinto.Ibidem

mão, materiais e espirituais,sofrendo apenas com a saudade da pátria,podiam produzir em seus respectivos campos. Pensamos até ,às vezes, que o exílio transformou Paulo Freire,dando-lhe as condições adequadas,de tempo e recursos econômicos,para ser a figura de valor internacional que é hoje.Talvez seu talento e sua personalidade não houvessem alcançado esse nível em meio às exigências quotidianas e de rotina, de sua vida profissional.

O segundo grupo de exilados, que chegou em 1970, sob certos aspectos, era totalmente diferente do primeiro,mas, no essencial, ambos eram idênticos-Todos estavam imbuidos de sonhos de liberdade, de democracia, de justiça social. Eram, em geral, jovens e não tinha, a maioria deles, a segurança de um emprego e menos ainda de estar vinculados a organismos internacionais. Assim, para muitos destes exilados de 1970,o exílio foi difícil. Estavam,porém, num país que queria realizar os sonhos políticos, humanos e fraternais de todos eles. E começaram a participar ativamente na concretização dessa esperança.

Infelizmente para os chilenos,em 1973, ou pouco depois, apareceu outro grupo de brasileiros,totalmente diferente dos grupos anteriormente mencionados. Tal grupo não buscava asilo no país. Seu objetivo era o de "assessorar"os golpistas do 11 de setembro de 1973. Geralmente, não tinham rosto público. Moviam-se

silenciosamente, nos campos da tortura, ou atuavam num segundo plano, nas diferentes esferas de atividades da ditadura. Eles não deixaram pegadas de amor e de compreensão. Desconheciam o significado da palavra fraternidade. Esses "assessores" se retiraram como haviam chegado, entre as sombras, desvanecendo-se no ar.

3.-Paulo Freire e o clima político nos tempos dos Presidentes do Chile, Eduardo Frei e Salvador Allende.

Qual foi a impressão de Paulo Freire em sua chegada ao Chile? Ele, que havia vivido intensamente a vida política brasileira, como se sentiu em terra estranha que, talvez, jamais pensara em conhecer?

Eis como nos relata sua primeira visão do país:

"Cheguei ao Chile dias depois da posse do governo democrata cristão de Eduardo Frei. Havia um clima de euforia nas ruas de Santiago. Era como se

tivesse ocorrido uma profunda , radical, substantiva transformação na sociedade. Somente as forças retrógradas, de um lado, e as de esquerda marxista-leninista, de outro, por motivos obviamente diferentes, não participavam da euforia. Ela era tão grande e havia uma certeza de tal maneira arraigada nos militantes da democracia cristã que sua revolução estava fincada em terra firme, que nenhuma ameaça poderia sequer rondá-la". (10)

Freire refere-se , em seguida, a um dos mitos que alimentavam, inclusive, os políticos chilenos com experiência, e muito mais , sem dúvida, a gente comum. Esse mito circulava de boca em boca ainda algumas horas antes do golpe militar de 11 de setembro de 1973. A gente acreditava na neutralidade e no espírito constitucionalista das forças armadas chilenas. O povo pensava que os soldados, aos quais amava e admirava nos desfiles pátrios, estavam aí para cuidar de sua liberdade , defendendo-os de hipotéticos ataques do exterior.

Freire captou esta ilusão dos chilenos com toda a clareza, e assim a expressou:

(10) Paulo Freire. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992. 245p. p.36

"Um de seus argumentos favoritos, muito mais metafísico que histórico, era o que chamavam a tradição democrática e constitucionalista das forças armadas chilenas.

Jamais se levantarão contra a ordem estabelecida diziam, cheios de certeza, em conversa conosco". (11)

Quando os exilados brasileiros insistiam na fragilidade desse argumento emocional dos chilenos, o diálogo se tornava impossível. "Milhares de chilenos, a quem se juntaram outros latino-americanos, pagaram muito caro pela perversidade e pela crueldade que se abateram sobre o Chile, em setembro de 1973". (12)

O primeiro presidente anti-imperialista que teve o Chile, foi Balmaceda, no final do século dezenove. Sentindo-se incapaz de resolver uma grave crise política e evitar derramamento de sangue, se suicidou. Avancou muito o sentimento democrático do país na década de vinte do presente século, com o governo de Arturo Alessandri, que estabeleceu políticas favoráveis ao povo trabalhador, como as de seguridade social, habitacional, etc. Mais tarde, com o lema "Governar é educar", Pedro Aguirre Cerda iniciou políticas de desenvolvimento industrial, educacional e social. Seu partido, o Radical, de tendência social-democrata, teve dois outros Presidentes do Chile. O primeiro, González Videla, se viu

(11) Paulo Freire, Ibidem, p. 36

(12) Paulo Freire, Ibidem, p. 37

envolvido na perseguição desencadeada pelos Estados Unidos contra os comunistas. Podemos dizer, então, que, a partir de 1920, começa um avanço das forças progressistas chilenas que se consolidam bastante por volta de 1938. Mas foi Eduardo Frei, do Partido Democrata-Cristão, o que bateu na medula da oligarquia chilena, especialmente com sua lei de reforma agrária, com a reforma educacional, com a promoção popular e a chilenização das empresas do cobre. Apesar da aparente continuidade do processo de transformações que estava vivendo o Chile, a eleição de Allende produziu pânico nas elites chilenas. Estas haviam apresentado como candidato à presidência do país, um liberal, Alessandri, filho do que fora Presidente no Chile em dois períodos: em 1920 e em 1932.

É possível que a ala direita da Democracia Cristã tenha votado em Alessandri, ao invés de votar no candidato do Partido, Tomic. Seguramente, no Norte, o fantasma cubano começava a tomar corpo com o governo da Unidade Popular, que aprovou no Congresso a lei de nacionalização das empresas do cobre que pertenciam todas a companhias norte-americanas. E os latifundiários chilenos sofreram um golpe mortal com o aprofundamento da reforma agrária. Aqui, nos assentamentos camponeses, chegou o método psicossocial de alfabetização de adultos, nas vozes de Paulo Freire, Ernani Maria Fiori, Alvaro Vieira Pinto e centenas de chilenos e latino-americanos, desde os primeiros momentos do governo de Frei.

Paulo Freire tem uma imagem do Governo de Allende:

"Visitei o Chile duas vezes durante o governo da Unidade Popular e costumava dizer, na Europa e nos Estados Unidos, que quem quisesse ter uma idéia concreta da luta de classes, expressando-se das mais diferentes formas, teria de visitar o Chile. Sobretudo quem quisesse ver, quase pegar, as táticas com que as classes dominantes lutavam, a riqueza de sua imaginação para tornar a luta mais eficaz no sentido de resolver a contradição entre poder e governo. (...) O golpe foi a solução". (13)

Podemos dizer que o fator que mais contribuiu, no período de 1964-1973, para o desencontro entre as forças agrupadas na Unidade Popular e a Democracia Cristã, foi o sectarismo. Tiveram que transcorrer dezessete anos de violenta ditadura militar, com dor, sangue e lágrimas, para muitos chilenos, para que as fronteiras ideológicas se abrissem para o diálogo e se constituísse a "Concertación Nacional" para derrotar o autoritarismo. Este sectarismo se deu em todos os níveis. A educação popular não ficou alheia a ele. Paulo Freire assegura que o MIR realizou vários projetos educativos nas áreas populares, entretanto, o Partido Comunista e o Partido Socialista se negavam a

(13) Paulo Freire, *Ibidem*, p.37

trabalhar com certas vilas, porque as mesmas "não tinham consciência de classe".(14) As atitudes destes Partidos, porém, não eram generalizadas. Dependiam mais que tudo das pessoas que os representavam. Muitas vezes, pessoas originárias de diferentes partidos, inclusive da Democracia Cristã, realizaram atividades comuns, em diferentes zonas do país. Mas para tornar possível isto eram necessárias longas conversações prévias, porque num país tão politizado como o Chile, onde cada pessoa estava partidariamente definida, as palavras deviam ser cuidadosamente medidas.

Paulo Freire viveu quatro anos e meio no Chile. Sua experiência política, cultivada fortemente no Brasil, lhe permitiu captar com nitidez a realidade do governo democrata-cristão, como nos revela ao dizer:

"De novembro de 1964 a abril de 1969, acompanhei de perto a luta ideológica. Assisti, às vezes surpreso, aos recuos político-ideológicos de quem, tendo proclamado sua opção pela transformação da sociedade, assustado, arrependido, voltava medroso do meio do caminho e se tornava ferrenhamente reacionário".(15)

(14) Paulo Freire, Ibidem, p.38

(15) Paulo Freire, Ibidem, p.40

Na década de 60 na América Latina, se realizaram várias tentativas de libertação política, de democratização das sociedades. Nenhuma sobreviveu. O Chile buscou um atalho: a revolução em liberdade. As pressões, porém, especialmente as que vinham do Norte, eram tão fortes, que se tornou impossível dar ao povo a revolução e a liberdade nos níveis com que ele as solicitava. Havia que colocar freios aos anseios das massas. Estas ficaram frustradas com o governo democrata cristão. Em parte, isto explica o triunfo de Allende. O povo aprendeu a saborear a revolução e quando ela foi suprimida, buscou os novos caminhos que lhe oferecia o allendismo: fazer a revolução e chegar ao socialismo com liberdade.

"Os quatro anos e meio que vivi no Chile foram anos de um profundo aprendizado", diz Freire. (16) E acrescenta, "Talvez tenha sido Santiago, em si mesma, naquela época, o melhor centro de "ensino" e de conhecimento da América Latina". (17)

Ele tem ampla razão. Como já dissemos, os governos de Frei, em sua primeira época, e o de Allende, constituíram um verdadeiro laboratório onde se experimentavam os caminhos novos para alcançar o bem-estar do ser humano. E todos

(16) Paulo Freire, *Ibidem*, p. 43

(17) Paulo Freire, *Ibidem*, p. 45

queriam participar, de alguma maneira, na concretização dessa possibilidade.

Em meados de 1968 e começos de 1969, a ruptura se produziu no seio da Democracia Cristã-O esquecimento da marcha prometida na campanha presidencial de Frei, e os primeiros passos realizados nesse sentido, no começo do governo, determinaram greves de camponeses, de operários, de professores. Essa tendência direitizante do governo alcançou também os programas de alfabetização de adultos, como constata Paulo Freire,

"Por outro lado, corresponde também, minha atividade no ICIRA, às primeiras denúncias veiculadas pelos setores mais radicalmente direitista da Democracia Cristã contra mim. (...) Mesmo que a condição de exilado não me transformasse num intelectual neutro não me assistia jamais o direito de me imiscuir na vida político-partidário do país".(18)

Um brasileiro diz, referindo-se ao período que estamos destacando do governo de Frei: "O clima político era teoricamente aberto, não tanto na prática".(19)

(18) Paulo Freire, Ibidem, p. 52

(19) Luiz Alberto Gomes de Souza, Ibidem.

Estas denúncias lógicas,mas injustas e falsas contra Freire,se manifestariam com a não renovação de seu contrato de trabalho.Antes que isto se concretizasse,Freire aceitou um convite para trabalhar na Universidade de Harvard,nos Estados Unidos. O convite,vindo deste país,resulta irónico,e tornam-se,ridículas as apreensões emanadas de alguns setores conservadores da Democracia Cristã.

Em junho de 1973,Paulo Freire visitou o Chile, "meses antes da violência golpista,que,já pairando no ar,era facilmente perceptível(...) Minha visita ao Chile, em junho de 1973, qualquer que seja o ângulo em que a observe, declara ele, distante hoje como estou dela,foi das que mais vivas marcas me deixou".(20)

Naqueles momentos de 1973, Freire constatou as táticas das elites para desestabilizar o governo de Allende.Os alimentos haviam desaparecido das prateleiras, os combustíveis não existiam mais, ou em escassíssima quantidade,obrigando o povo a viver em permanentes filas.A gente ia ao cinema e logo depois, às 23 horas,entrava nas filas para conseguir um quilo de pão,de leite,ou de carne,etc.,cinco ou seis horas mais tarde.O creme dental,por exemplo, era vendido de contrabando.Tudo era culpa dos que haviam votado em Allende. O interessante é que,imediatamente

(20)Paulo Freire, Ibidem,p.186

após de produzido o golpe, sobravam alimentos, gasolina, remédios.

Allende era um homem de espírito democrático, formado na idéia de tolerância e de justiça social. É assim que o lembra Paulo Freire.(21) A Unidade Popular, que escolheu Allende numa convenção de partidos de esquerda, como candidato à Presidência do Chile, no governo, ou já talvez antes, cometeu muitos erros, mas, como diz Freire:(...) "a razão do golpe se achava muito mais nos acertos do que nos erros das esquerdas".(22)

Ser estrangeiro num país que parece um vulcão em erupção pelas lutas ideológicas que nele se desenvolvem, é difícil. Ainda mais, quando esses estrangeiros estão comprometidos com projetos de transformação da sociedade que visam ao bem-estar coletivo e à democracia plena. Estes foram o sonho e a luta de Allende, e muitos que chegaram ao Chile, os fizeram seus. Alguns desses estrangeiros mesquinhamente são assim denominados. Por que deve ser considerado estranho aquele que compartilha teus sonhos? Quando não encontraram condições adequadas para continuar vivendo no país, regressaram a suas pátrias ou buscaram outros destinos, mais nobres quiçá. Outros, teimosamente, após do golpe militar de 11 de setembro de

(21) Paulo Freire, Ibidem, p.190

(22) Paulo Freire, Ibidem, p.33

1973, permaneceram no Chile. Muitos deles, pagaram com a vida sua ousadia.

4.-O exílio na visão de Paulo Freire.

O exílio, o desterro, a expatriação, não é um fato histórico novo. Poderíamos dizer que ele existiu sempre. Pode ser até voluntário. Mas o ostracismo político envolve, muitas vezes, um castigo feroz que se impõe aos que, geralmente, se opõem às formas autoritárias de convivência social. É uma maneira de salvar a vida, ameaçada pelas ditaduras. É um caminho para viver longe do terror. É uma via de sobrevivência. Os ditadores "humanos" desterram os "subversivos". Assim eliminam as más ervas que envenenam o ar interno da pátria. Outros criam meios atrozes para extirpar

maciçamente "os inimigos dos valores tradicionais" do país, ou os sepultam em cárceres horríveis.

O exílio pode destruir famílias, amizades. Ou fazê-las mais fortes, mais sólidas. O desterro pode mudar o espírito da pessoa, abrir-lhe horizontes nunca sonhados, mudar suas formas de vida, suas ideologias, levá-la a avançar em sua espiritualidade, em sua criação intelectual. A pessoa pode amarrar-se à lembrança do solo natal e morrer na saudade de voltar. Ou pode descobrir que a pátria também é a terra onde crescem o trigo, o amor, os filhos.

Historicamente, os gregos sistematizaram o exílio, como tantas outras coisas. Em Atenas se denominava ostracismo, pelo fato de que os que decidiam o exílio deviam usar uma concha de ostra para emitir sua opinião nas praças públicas. Conta-se que um cidadão ateniense, perguntado por que estava votando pelo ostracismo de Péricles (495-429, a.C), respondeu: "Todo o mundo diz que Pericles é tão perfeito que estou cansado de sua perfeição". Talvez seja o único caso na história do ostracismo em que se use esse argumento para expulsar de seu lar e de sua terra uma pessoa.

Ao que parece, o exílio se generalizou após 1930. Isto não quer dizer que antes não existiu a expatriação em massa. Algumas das emigrações que se realizaram no século

dezenove para a América Latina tiveram matizes tais, que em suas bases distinguem-se caracteres de perseguição política.

A América Latina tem uma longa experiência com o exílio. Talvez desde 1810. É muito difícil encontrar um país desta parte do mundo que não tenha tido casos de exílios. As ditaduras, geralmente brutais, sempre inumanas, estabeleceram o ostracismo, em nosso continente, como forma quase normal de vida.

O Chile, até 1973, se vangloriava de receber exilados e de nunca enviar ao ostracismo seus filhos. Nesse ano, a mais brutal ditadura militar conhecida na América Latina, espalhou os chilenos por todos os continentes.

É certo, como diz Paulo Freire, (23) que o exilado, ainda que no caso hipotético chegasse a algum lugar sozinho, sem família, sem amigos, sem outras pessoas, sempre teria, sobre a sua consciência, a carga de sua vida anterior, de sua infância, de sua adolescência, de sua vida adulta. Em cada esquina, aparecerão suas lembranças. Em cada momento, quando surge um fato, na terra que lhe deu abrigo, que o desloca para o passado, ao solo de seu lar pátrio, o espírito é povoado de imagens. E então ele compara e talvez a saudade o atravessasse como uma faca, ferindo-o e fantasmas, frustrações, esperanças, sorrisos, lágrimas, agitam

(23) Paulo Freire, Ibidem, p.33

suas asas em seu interior, como buscando as estrelas ou o abismo.

Um dos enganos freqüentes que sofre o exilado, e que Freire descreve com a precisão que se baseia nos fatos, diretamente observados é o de que o ditador durará pouco tempo no poder, e ele, o que vive no exílio, poderá voltar rapidamente à sua terra. (24) Este erro de apreciação da realidade, no caso do Chile, atingiu também alguns políticos que apoiaram o golpe militar, na crença de que após seis meses, tempo necessário, criam eles, para pôr em ordem o país, eles receberiam o poder da mãos dos golpistas. Muitos chilenos no desterro buscaram lugares que ficassem perto de seu país, para regressar rapidamente após a queda próxima da ditadura. Nunca pensaram que o período autoritário pudesse durar dezessete anos.

"Conheci exilados, diz Freire, (25) que só a partir do quarto e do quinto anos de exílio começaram a comprar um ou outro móvel para suas casas. Era como se suas casas semivazias falassem com eloquência de sua lealdade à terra distante". "No fundo, reconhece Freire, é difícil viver o exílio". (26)

(24) Paulo Freire, Ibidem, p.33

(25) Paulo Freire, Ibidem, p.33

(26) Paulo Freire, Ibidem, p.34

Mas o grau das dificuldades apresentadas pelo exílio depende das circunstâncias que rodeiam o expatriado. Se este resolveu satisfatoriamente suas necessidades materiais de alimentação, de moradia, de educação dos filhos, e tem o amor de sua família e o abraço fraterno de seus amigos, o exílio pouco a pouco vai-se tornando satisfatório. A pátria deixada contra sua vontade e a que o recebeu, tornam-se realidades de um mesmo sonho.

"É um equívoco pensar que o exílio é pura negatividade. Ele pode constituir-se também num ensaio de profunda riqueza, de profunda criatividade". (27)

Esta afirmação de Paulo Freire, retrata com exatidão sua própria realidade como intelectual. Voltamos a repetir que o exílio criou a personalidade internacional, a figura do educador mais famoso de nosso tempo. Se houvesse continuado no Brasil, solicitado constantemente por mil atividades diferentes, Freire poderia ter chegado a ser Ministro da Educação, talvez até Presidente do país, mas nunca o pensador que o mundo reconhece hoje.

(27) Paulo Freire & Antonio Faúndez. *Por uma pedagogia da pergunta*. 3ed. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1988. 158p.p.13

CAPÍTULO 3.-ERNANI MARIA FIORI NO CHILE.

01.-A chegada da família Fiori ao Chile. O clima político chileno.

O professor Ernani Maria Fiori chegou ao Chile em janeiro de 1966. Antes, em dezembro de 1965, havia chegado seu filho José Luiz, sociólogo, hoje professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em março de 1966, chegaram a Santiago a esposa de Ernani Fiori, a senhora Hilda, e seu filho Jorge. Outro filho, Pedro, estudante e líder secundarista, que ficou em Porto Alegre, preso, inclusive, por

organizar passeatas de estudantes contra a ditadura militar, reuniu-se com a família, na capital chilena, só em março de 1967.

O professor Ernani Maria Fiori foi convidado para trabalhar, no Chile, no Instituto de Educação Rural (IER) que era dirigido pelo Padre Larrain, jesuita. Essa entidade estava vinculada ao Centro Belarmino, sede dos jesuitas chilenos.

A Companhia de Jesus desenvolveu um papel muito importante na formação ideológica progressista, com fundamentos cristãos, dos jovens de 1938 que se separaram do velho e tradicional Partido Conservador, para constituir a Falange Nacional, que mais tarde passaria a denominar-se Partido Democrata-Cristão. Vários líderes políticos desta agremiação se formaram nos colégios dos jesuitas. Foi o caso, por exemplo, de Radomiro Tomic, estudante do colégio São Luis de Antofagasta, cidade situada no norte do Chile, que viria ser, mais tarde, senador e candidato do Partido Democrata Cristão à Presidência do Chile, para substituir Eduardo Frei, em 1970, sendo derrotado por Salvador Allende. A linha política avançada de Tomic assustou a ala direitista da Democracia Cristão, majoritária no Partido, e esta não deu a seu candidato o apoio necessário.

Os jesuitas tinham uma revista, "Mensaje", que no período 1964-1973, causava, com a publicação de cada número, um impacto surpreendente na opinião pública. Ninguém que desejava conhecer, com clareza, os momentos políticos que vivia o país, podia prescindir da leitura daquela órgão. Cabe observar, contudo, que embora "Mensaje" mostrasse, freqüentemente, uma linha progressista, surpreendia, às vezes, com seus recuos e indecisões.

Foi o Centro Belarmino, dos jesuitas, responsável, em grande medida, pela chegada ao Chile dos brasileiros, depois do golpe militar de primeiro de abril de 1964. Num primeiro momento, como já dissemos, a qualidade de democrata-cristão de alguns exilados, como foi o caso de Paulo de Tarso e de Plínio Sampaio, ajudou a que as portas do governo chileno se abrissem fraternalmente para os brasileiros. Posteriormente, os mesmos exilados, entre eles os já mencionados, serviram de ponte para a chegada de outras pessoas que não podiam continuar vivendo com tranquilidade no Brasil.

Por outro lado, os jesuitas tinham muita influência em entidades da alta hierarquia do governo democrata-cristão de Frei. Isto facilitava a possibilidade de abrir possibilidades de trabalho para os recém chegados. Sem falar na influência direta do Centro Belarmino em órgãos como o Instituto de

Educação Rural e o Instituto Latino-Americano de Desenvolvimento de Estudos Sociais(ILARDES) .É fundamentalmente importante destacar,também,que alguns dos que solicitavam asilo pertenciam a setores progressistas do mais alto nível intelectual e político do governo de Goulart.Eles,em certo sentido,representavam os sonhos de libertação do homem latino-americano,explorado e oprimido,e que,naquele momento via surgir um caminho no Chile,que apontava,precisamente ,para uma tentativa de concretizar,em liberdade,esse anseio.Desta maneira, os brasileiros representam uma valiosa contribuição para fixar os contornos da utopia.

Plínio Sampaio foi um dos exilados que mais influência teve para que Ernani Maria Fiori fosse convidado a trabalhar no IER. Este organismo,como o ORMEU e o ILARDES, realizavam um trabalho também voltado para a juventude universitária.Com esta se realizavam atividades que visavam ao desenvolvimento de processos de informação e de compreensão da realidade,especialmente a latino-americana.Paulo Freire também participou em jornadas promovidas por alguns destes organismos.

Ernani Maria Fiori,durante sua permanência no Chile,nunca perdeu o contato com os organismos vinculados ao Centro Belarmino, apesar de estar trabalhando na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica,desde 1967 e depois em

1968 e 69, como Vice-Reitor Acadêmico da mesma instituição. Deixou a Vice-Reitoria especialmente porque as lutas políticas partidárias estavam muito acentuadas dentro da Universidade. Ele não queria, como estrangeiro que era, decidir-se por algum dos grupos em permanente luta pelo poder, e passou a trabalhar como professor de filosofia, no Instituto de Ciências Políticas.

O professor Fiori permaneceu no Chile até janeiro de 1973. Naquele momento, solicitou à Universidade licença por seis meses, sem salário. Desejava aceitar alguns convites que havia recebido, de diferentes pontos da América Latina. Pensava em voltar à Universidade Católica após aquele período. Mas em junho, um General realizou uma tentativa de golpe, totalmente frustrada, contra Allende. Tal movimento foi conhecido popularmente como o "tacnaço", porque nasceu no regimento Tacna. Mas se o golpe fracassou, a incerteza nacional cresceu extraordinariamente. O clima político transformou o país num caos. A greve dos caminhoneiros, que, segundo voz corrente, era financiada do exterior, deixou o país sem meios de transporte para uma adequada distribuição de alimentos, combustíveis, etc. A paralisação dos médicos, cujas diretorias estavam em mãos dos democrata-cristãos de direita, produziu profundos transtornos no atendimento à saúde do povo. Estas greves, que podemos considerar como medulares, porque havia outros movimentos de grevistas sem a abrangência dos indicados, se

juntavam ao bloqueio continental, estabelecido pelos Estados Unidos, à queima das semeaduras de trigo pelos latifundiários, à matança das vacas que deixavam sem leite as crianças, aos atentados diários às indústrias, aos seqüestros, ao desaparecimento dos alimentos e da gasolina, à falta de peças de reposição para as máquinas, a maioria delas de fabricação norte-americana, ao surgimento das longas e lentas filas para conseguir algum produto, do mercado negro, etc. Tudo isto levou os chilenos a uma profunda confusão.

Se era difícil viver nesse meio para um chileno, muito mais o era para um estrangeiro, se este era considerado de tendência progressista. Por isso Fiori não regressou às suas aulas na Universidade Católica.

Pedro Fiori viveu de perto todos os momentos da situação chilena que iria estourar com o golpe de 11 de setembro de 1973, já que permaneceu no Chile até outubro do mesmo ano. Ele tem, por isso, uma visão dos fatos ocorridos nos últimos nove meses do governo de Salvador Allende que, por ser ocular e ter ele vivido, no Brasil, em 1964, uma experiência relativamente semelhante, merece ser destacada, em seus traços mais importantes.

No Chile, o golpe militar veio para matar. Ali decepou muita cabeça e praticamente a cabeça estruturada. Era uma população muito menor que a brasileira, mas com uma consciência política muito acentuada. O exército tinha uma sólida disciplina profissional, construída nos moldes do nazismo. Isto se mostrou não só nos campos de concentração, que se estabeleceram em diferentes lugares do país, mas também pelas formas sádicas de torturar os prisioneiros. Nesse processo de violência, infelizmente, também participaram brasileiros, talvez como uma medida imposta pelos norte-americanos.

O bombardeio de La Moneda, a Casa do Governo chileno, foi muito impressionante. Nesses instantes de tanto valor histórico nas lutas pela democracia, a fala de Salvador Allende emocionou. Não se pode negar que havia um movimento forte, armado para uma resistência perante um possível golpe. Mas Allende disse pelo rádio: "Entreguem as armas. Não lutem, porque vai correr muito sangue." E correu muito sangue mesmo sem a tentativa de revidar. Os que pilotaram os aviões eram norte-americanos. Afirma-se que nem sequer treinaram os pilotos chilenos. Depois da morte de Salvador Allende, os que estavam dentro de La Moneda, começaram a render-se. A tendência não era render-se. A situação era de vida ou morte. Ali morreriam todos. E os militares queriam matar a todos. Os jornalistas que estavam no Palácio pediram que entrassem primeiro os bombeiros, para

apagar o fogo. Allende tratou de dialogar com os militares até os últimos momentos de sua vida. Os aviões lançaram as bombas com uma precisão incrível. Acertaram em La Moneda, que é um prédio baixo, construído no fim do século dezenove pelo arquiteto italiano Toesca, uma verdadeira peça artística, situada no meio de edifícios de até dez andares. Nenhum desses prédios foi atingido pelas bombas. Da casa dos Fiori se via arder o Palácio.

Antes do 11 de setembro, a Democracia Cristã e a Unidade Popular dialogaram. Houve tentativas para conseguir um acordo, que assegurasse a estabilidade do governo de Allende. Mas o Partido de Frei queria praticamente quase a metade dos ministérios. O Partido Socialista de Allende, que integrava a Unidade Popular, se opôs. O Partido Comunista estava de acordo em entregar um terço das responsabilidades do governo do país ao Partido Democrata Cristão, aceitando em parte, as condições deste. Outras forças de esquerda, como o MIR, apoiaram a atitude do Partido Socialista. Num momento crucial para o destino do país, Allende, passando por sobre os desejos de seu Partido, decide aceitar a proposta do Partido Democrata-Cristão. Mas já era tarde. O Partido de Frei, dominado pela ala conservadora, recuou. Não havia mais possibilidade alguma de trabalhar na busca de um acordo. E então a Democracia Cristã, através da greve dos transportadores e de outros movimentos grevistas, chegou a paralisar o país.

Pelo menos dezoito membros da CIA, infiltrados diretamente no país, segundo as investigações realizadas pelo Senado norte-americano, e amplamente divulgadas pela imprensa internacional, em 1977, ajudaram a derrubar o governo de Allende. A intervenção da CIA contou com vigoroso apoio econômico de determinados setores da sociedade chilena. Acrescente-se a tudo isto o bloqueio internacional, desencadeado pelo governo americano. Nessa hora, o Chile era uma ilha, rodeada de ditaduras militares. Todas as portas do continente se fecharam para a experiência allendista. Somente o México e Cuba não obedeceram às ordens emanadas do país do norte.

Os Fiori viveram todos esses momentos da evolução política do Chile. Num primeiro momento estava sendo construído, com o governo Democrata-Cristão, um processo de conscientização que se ampliou cada vez mais, até 1973. Nele participaram Ernani Maria Fiori e Paulo Freire entre outros brasileiros. Num segundo momento, a partir de 1968, a maioria conservadora da Democracia Cristã achou que o processo de transformações estava-se desenvolvendo muito rapidamente. E houve um retrocesso nas políticas de mudanças propostas. Finalmente, a retomada das idéias que levaram Frei à Presidência do Chile em 1964, com novos delineamentos e com maior profundidade, que terminaram tragicamente no dia 11 de setembro de 1973.

Os Fiori não tiveram problemas maiores para adaptar-se à realidade chilena, ajudados bastante pela presença de brasileiros. Sem isto, teriam tido, talvez, algumas dificuldades, porque "o chileno realmente é muito mais fechado do que o brasileiro. Os brasileiros se visitam quando estão com vontade; quanto ao chileno deve haver um convite". (Hilda Fiori).

Estabeleceram-se estreitos vínculos com Paulo Freire, com Plínio Sampaio e Paulo de Tarso. O relacionamento com Paulo Freire cresceu no trabalho realizado em comum, em relação à cultura popular e ao método de alfabetização de adultos. Fiori explicitava a fundamentação filosófica das idéias de Freire. Por isso, "eles sempre tinham muito que conversar," observa D. Hilda Fiori. (*)

(*) Este capítulo foi elaborado, fundamentalmente, com apoio nas declarações que fizeram, numa entrevista, em 1991, a senhora Hilda Fiori, esposa de Ernani Maria Fiori, e seu filho, Pedro Fiori, que se valeram também das lembranças de José Luiz Fiori. Outras consultas se realizaram às pessoas mencionadas, em 1992 e em 1993.

2.-Ernani Maria Fiori como pessoa e como docente.

A geração dos jovens chilenos do tempo de Ernani Maria Fiori na década de sessenta, que eram então estudantes universitários ou que estavam se iniciando na vida profissional, lembram o ex-professor de filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como um ser humano, uma pessoa e um docente com qualidades extraordinárias. Aquela juventude que conviveu com Fiori ocupa, hoje, altos cargos na administração pública, na docência, na pesquisa. Vivem comprometidos com uma postura política progressista. Todos eles tiveram problemas com a ditadura militar do golpe de 73. Muitos tiveram que viver durante anos, longe de sua pátria. Quando o autoritarismo foi derrotado, através do voto do povo, em 1989, assumiram imediatamente responsabilidades no processo de consolidação da vida democrática do Chile.

A socióloga Marcela Gajardo, que foi assistente de Paulo Freire no ICIRA, e conheceu Fiori, através de seu filho José Luiz, também sociólogo e assistente de Freire, assim refere-se à personalidade de Fiori:

"O estilo de Fiori era diferente do de Freire. Fiori era mais tranqüilo. Fiori era um filósofo muito sério, muito sólido, muito respeitado. Não tinha a atracção pelas massas que possui Freire. Seu discurso profundo não era para leigos. A família de Fiori é uma das mais extraordinárias que eu conheço. Em primeiro lugar, eles, como casal, eram um casal muito harmônico, muito belo fisicamente, muito transparente. Os filhos dele, muito encantadores e brilhantes. A casa de Fiori aberta sempre a todo mundo, funcionava como lugar de encontro muito grato. Lá se debatiam muitas idéias, estávamos sempre conversando sobre as correntes do pensamento filosófico, sociológico, etc. A casa de Fiori era um lugar onde se reunia quase todo o exílio brasileiro. Lá me encontrei com Luiz Alberto Gomes de Souza, Paulo Freire, Almino Affonso Paulo de Tarso e outros. A família Fiori era extraordinariamente acolhedora"-(1)

(1) Marcela Gajardo. Declarações em entrevista. Santiago do Chile, 1991.

O atual Diretor de FLACSO em Santiago, o professor José Joaquín Brunner, refirindo-se à personalidade de Ernani Maria Fiori, assim nos falou:

"Eu estava recém formado. Havia terminado meu quinto ano de Direito. Trabalhei com o professor Fiori quase dois anos. Era um verdadeiro mestre. Eu fui seu aprendiz. Foi capaz de receber-nos todos nós pessoas jovens e ignorantes, mas cheias de vocação intelectual, e de guiar-nos com tranquilidade, mostrando-nos que as coisas eram complexas, colocando sempre um grande acento nas idéias matrizes. Afinal, ele era um homem de idéias. Não era um organizador, nem era um homem a quem interessasse demais a política quotidiana concreta. A ele interessava como poder transmitir um corpo determinado de idéias. Ele era, neste sentido, um homem que transmitia essa paixão, a paixão pelas idéias. Gostava de conversar e desenvolver as idéias. Ao contrário de muita gente que tinha dele a imagem de ser um homem muito exigente, muito severo, eu, que trabalhei com ele quase dois anos, durante os quais tivemos que conversar, às vezes, durante horas, preparando um discurso para o Reitor Fernando Castillo, por exemplo, posso dizer que era muito

jovial e cheio de humor, muito generoso. Na intimidade fazia também reflexões sobre as situações concretas da vida quotidiana, e mostrava não estar desligado dela. Era uma pessoa extraordinária, um grande mestre. Ensinou a todos os jovens que tivemos a sorte de conviver com ele, o respeito e o compromisso com as idéias. Ernani Maria Fiori foi, nesse momento da reforma universitária, o modelo de vida intelectual que nós, jovens, esperávamos encontrar na universidade. A tarefa desta era a de acolher e desenvolver as pessoas na dimensão humana e profissional que víamos concretizada em Ernani Maria Fiori."(2)

Muitas pessoas que reconhecem em Fiori seu grande talento intelectual, ficam, às vezes, surpresas quando descobrem o pouco que escreveu o mestre. Brunner nos diz como sentiu naqueles momentos em que trabalhou com Fiori, essa dimensão do pensador:

"De fato, nessa época não lhe era fácil escrever. Dizia-me: pela idéia que eu tenho do pensamento, como algo que nunca está acabado, como que produzindo-se continuamente a si próprio, em

(2) José Joaquín Brunner. Declarações em entrevista. Santiago do Chile, 1991.

em busca do novo e mais profundo significado das coisas, me custa muito escrever, porque o escrever é uma forma de congelar o pensamento, e eu quero continuar pensando. Por isso, tu tens que escrever porque, na realidade, temos que levar uma proposta ao Reitor. Eu sei que não poderei fazê-lo. Conversemos. Tu escreves e depois me mostras o escrito. Ele era muito generoso. Eu escrevia e não captava mais do que o 30% da riqueza e profundidade do que ele havia falado. E o professor me dizia: "Muito bem. Captaste perfeitamente". Ele não gostava de escrever. O que mais gostava era de ficar conversando com a gente. Alguém colocava as idéias no papel e as apresentava ao mestre. E ele dizia: "Aqui podemos aperfeiçoar esta frase. Aqui, acrescentemos isto", etc. Mas que ele sentasse, para escrever um documento de trinta páginas, eu não o vi fazer, nesse período". (3)

Salientamos acima que todos aqueles jovens que conviveram com Fiori e Freire na Universidade Católica ou no ICIRA, constituíram um grupo que, mais tarde, teria no país responsabilidades extraordinárias relacionadas com as lutas pela libertação do homem da opressão e da miséria. Quais eram as impressões que Fiori, como professor, tinha dos estudantes chilenos e dos professores que trabalhavam com ele na

(3) José Joaquín Brunner, Ibidem.

Universidade Católica? Brunner, ao comentar este aspecto, coloca em destaque outros traços da personalidade de Fiori:

"Ele era muito discreto, muito cuidadoso, quando se tratava de opinar sobre pessoas. Nunca falava sobre coisas quotidianas relativas a determinadas pessoas em particular. Na realidade, ele não era nada trivial. Tinha grande respeito e admiração pelos estudantes chilenos. Gostava deles. Entre os professores, ele era crítico. Pensava que estava numa universidade muito tradicional, muito conservadora. Apenas um grupo de professores, os que estavam em torno de Fernando Castillo Velasco, tinha idéias modernas do que deveria ser uma universidade. Fiori era um homem polêmico, agudo, queria a discussão com os professores que tinham conceitos antigos, horizontes muito estreitos, sobre a vida universitária". (4)

O Reitor, Fernando Castillo Velasco, que convidou Ernani Maria Fiori, primeiro como assessor e depois como Vice-Reitor Acadêmico, conta como surgiu a idéia do convite e como o conheceu:

(4) José Joaquín Brunner, Ibidem.

"Os estudantes me convidaram para uma missa, onde me disseram que eu iria a conhecer um brasileiro por quem eles tinham muito respeito e carinho. Na missa, vi passar Ernani Maria Fiori com grande expressão de recolhimento e abstração. Depois da missa o conheci. Minha primeira impressão foi de que se tratava de um homem com vida interior muito profunda." (5)

Fiori, convidado por Freire, participou também no ICIRA (Instituto de Capacitação e Investigação da Reforma Agrária), que era coordenado por Paulo de Tarso e onde se trabalhava com o pensamento de Paulo Freire. Fiori dava a unidade básica e compreensiva dos conteúdos dos cursos. Atuava como docente.

Pinto, que trabalhava na equipe de ICIRA diz:

"Para mim, Fiori era um filósofo que trabalhava a linha do personalismo cristão fenomenológico. Ele era um fenomenólogo por excelência. Isto permitia o que poderia chamar-se uma primeira aproximação de uma filosofia política. Era um brilhante intelectual. Uma das pessoas mais lúcidas que já conheci, mas com muito pouco trabalho prático. Neste sentido, existia uma grande diferença entre ele e Freire. Fiori era mais universitário, baseava a sua

(5) Fernando Castillo Velasco, Ibidem.

sabedoria na produção de conhecimento acadêmico; e a sabedoria de Paulo surgia da teorização de sua própria prática. Teorizando sua prática, Freire enriquecia sua prática e enriquecia sua teoria também".(6)

Esse trabalho diário, realizado em diferentes pontos do país, permitiu a Pinto captar outros aspectos da personalidade do professor Fiori:

"Era uma pessoa de altas qualidades humanas. Pedagogicamente impressionante. Eu diria que o grande mérito de Fiori era de ter tempo para ouvir uma pergunta. De escutar e refletir. Nunca se negou à possibilidade diálogo. Sempre sua reflexão avançava muito mais profundamente do que a gente propunha. Era uma atitude de dialogar problematizante. Eu era coordenador de cursos e havia um momento de avaliação das atividades. E aí surgia Fiori como filósofo. Com ele o grupo era capaz de transpor o óbvio, o evidente".(7)

Os chilenos, que viram trabalhar juntos Fiori e Freire, perceberam rapidamente a sólida amizade que unia a ambos, como também a relação intelectual que cultivavam. Pinto define desta maneira esse fato:

(6) Rolando Pinto, Ibidem.

(7) Rolando Pinto, Ibidem.

"A importância de Freire foi a de construir uma nova visão da educação; a de Fiori, consistiu em apoiá-la teoricamente. Isto não significa que a cabeça pensante era Fiori e a cabeça atuante era Freire. Não. Paulo tinha sua própria reflexão. O problema é que muitas vezes um educador ou pensador do vulto de Freire, precisa de uma outra parte sólida que lhe dê elementos para retro-alimentar seu próprio pensar." (8)

É bastante comum ouvir-se falar dos filósofos como se eles vivessem alheios à realidade quotidiana, pairando acima das coisas que preocupam o mundo dos mortais. Concluiremos relatando um fato que desmente este rótulo, revelando um detalhe interessante da sensibilidade profundamente humana de Ernani Maria Fiori.

No Chile, são freqüentes os tremores de terra. Alguns deles têm se constituído em verdadeiras tragédias nacionais. Os chilenos estão mais ou menos acostumados a essas ocorrências sísmicas. Isto não quer dizer que estejam totalmente indiferentes a elas. O medo aparece até nos mais tranquilos. Mas para os estrangeiros sem essas experiências, qualquer tremor de terra, ainda o mais modesto, produz pânico. Pinto conta:

(8) Rolando Pinto, Ibidem.

BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFRGS

"Estávamos num curso para dirigentes camponeses em Talca, cidade situada a trezentos quilômetros ao sul de Santiago, quando houve um tremor de terra e Fiori ficou absolutamente aterrorizado, encomendando-se à Virgem Maria".(9)

Uma reação humana revelando sensação natural e espontânea de uma quase onipotência da natureza.

É bom sentir de perto que os filósofos são gente, como nós, e que, por isso mesmo, são capazes de alcançar, com profundidade, e desvelar luminosamente a realidade e a condição humana que, em embora as vivamos, fogem o mais das vezes, à nossa compreensão.

Sem dúvida Ernani Maria Fiori ficou surpreso quando foi convidado pelo Reitor Fernando Castillo Velasco, para ocupar o cargo de Vice-Reitor Acadêmico da Universidade Católica, que iniciava seu processo de reformas. Sua primeira reação foi a de rejeitar o convite.

O professor Beca nos conta:

"Eu trabalhei diretamente com o professor Fiori durante um ano. Ele resistiu muito à nomeação,

(9) Rolando Pinto, Ibidem.

porque não lhe parecia que um estrangeiro, tendo vivido muito pouco na Universidade pudesse assumir tão alta responsabilidade. Finalmente, ele aceitou, ante a insistência do Reitor Castillo e de todo o grupo que estava apoiando as transformações em curso naquela instituição de ensino superior. Todos sentiam que Fiori possuía as condições intelectuais e morais para as funções para as quais estava sendo indicado. Depois que aceitou o cargo, pediu um ajudante, e eu, que me havia recém formado em filosofia, comecei a trabalhar como seu secretário. "Você é meu chefe de gabinete", me dizia o professor Fiori, usando uma figura que não existe na vida universitária chilena."(10)

Alguns chilenos que conheceram Fiori e Freire insistem em salientar a influência do primeiro sobre o autor de "Pedagogia do oprimido".

O sociólogo Sergio Gómez expressa assim essa idéia:

"A importância de Fiori sobre o pensamento de Freire é muito grande. Penso que Paulo tinha a

(10) Carlos Eugenio Beca. Declarações em entrevista. Santiago do Chile, 1971.

intuição, mas quem deu organização a suas idéias transformadoras da educação foi Fiori. Por outro lado, a família de Fiori constituía um belo grupo. Em sua casa, sempre havia visitas que compartilhavam seu mundo de cultura vastíssima. Fiori escreveu pouco, mas o que publicou revela um espírito muito profundo e sábio. E aí tem você, por exemplo, essa introdução que escreveu para apresentar a "Pedagogia do oprimido". A mim me parece superior à própria obra prefaciada".(11)

Hugo Assmann, que era amigo pessoal de Fiori, trata de explicar a passagem deste, seu interesse pela problemática da educação, em 1963, quando se propôs a idéia de fundar em Porto Alegre, o Instituto de Cultura Popular. Na reunião convocada com aquele objetivo, participou Fiori. E declara Assmann,

"Nesse momento acho eu que se realizou o salto de Fiori em direção à educação. Fiori era basicamente um filósofo, um cristão muito convicto, que se havia voltado para a problemática sócio-política, mas não tinha essa ponte estreita entre a filosofia e a educação. As viagens de Paulo Freire

(11) Sergio Gomez, Ibidem.

a Porto Alegre nesse mesmo ano de 1963, e a grande amizade que começou a estabelecer-se entre eles, abriram para Fiori, também, o mundo educacional.(12)

Fiori viveu quase três anos do governo de Allende. E foi não um espectador neutro, distante. Segundo Assmann,

"Ernani foi uma pessoa de muito impacto. Foi também uma pessoa de acentuada influência, mas não se pode adjudicar nenhuma autoria na produção de materiais da reforma educacional propiciada pelo governo chileno da Unidade Popular. Esta mudança nos rumos da educação, especialmente definida através da idéia da escola única, encontrou extraordinária resistência na direita e também na democracia cristã. Foi uma espécie de guerra ideológica sobre um assunto que poderia haver sido muito mais pacífico. Fiori assessorou no planejamento dessa reforma. Mais tarde, quando nos encontramos na América Central, Fiori me disse: "Uma traição que não entendo é a traição da democracia cristã do Chile." Isso sintetiza muito. Fiori trabalhava, nesse tempo de Allende, no Instituto de Ciências Políticas da Universidade

(12)Hugo Assmann. Declarações em entrevista. Porto Alegre, 1991.

Católica. E mantinha uma vinculação estreita com o grupo dos jesuitas e suas posições ambíguas, algumas delas muito afinadas com o governo da Unidade Popular e outras não tanto. Mas "Mensaje", a revista jesuita, sempre esteve aberta a Fiori. Entretanto Fiori era tímido, não gostava de publicar muito as coisas. Além disso, era mais um homem de fala do que de escrita. Lembro-me de um seminário sobre Hegel, muito concorrido e que eu freqüentei algumas vezes. Deleitava-me com a riqueza e originalidade dos debates."(13)

Fiori sentiu profundamente a confusão que se originou no Chile, entre 1970-1973. Afirma Assmann:

"Fiori nunca foi de depressões psicológicas, mas, durante esses anos, abrigou um certo cansaço frente à incrível criação de problemas secundários, dentro da própria Unidade Popular, e uma profunda amargura em relação à incapacidade da democracia cristã de dar o salto que deveria ter sido dado".(14)

(13)Hugo Assmann, Ibidem.

(14)Hugo Assmann, Ibidem.

3.-Ernani Maria Fiori e a reforma da Universidade Católica do Chile.

Em 1967 , Fiori ingressa, como professor, no Instituto de Filosofia da Pontificia Universidade Católica de Santiago do Chile. No mundo do catolicismo nesses momentos, iniciados depois do Vaticano II, novos ares percorrem os homens e as entidades católicas. E as Universidades Católicas chilenas de Valparaíso e Santiago sentem tremer suas bases. A Universidade Católica de Santiago, considerada como reduto e reflexo da aristocracia tradicional que buscava uma formação superior, em sua essência, parecia abrigar a idéia de que esses postulados que nasceram em Roma não a atingiam. Pretendia seguir os velhos e seguros caminhos pavimentados pelos longos anos e séculos, nos quais, dentro da perspectiva de certo ângulo da realidade humana, a terra é habitada, ad infinitum, por ricos e pobres.

Aquela Universidade Católica, baseada na solidez de seu espírito conservador, ignorava que havia nascido Cuba e que a Aliança para o Progresso, de Kennedy, falava de reforma agrária e de erradicação da pobreza no Terceiro Mundo. Os democratas cristãos de Frei, que estavam no poder, e que se inspiravam na encíclica "Rerum Novarum", nas idéias inovadoras do Vaticano III sobre a sociedade, e que liam Maritain, sentiam rejeição, mais que vergonha, dessas "ovelhas negras" do catolicismo.

Ocorre, porém, que esses democrata-cristãos viviam também no seio da Universidade. E eles constituirão, no começo, o fermento das profundas transformações que agitarão o meio universitário. Mas as mudanças que viveria a Universidade Católica não irromperam inesperadamente. Elas foram incubadas ao longo de um processo cujas etapas apresentam matizes diversos.

É conveniente ressaltar que a Universidade Católica não havia permanecido estática no tempo. Dentro de seus moldes, sem alterações fundamentais, havia seguido as mudanças do ensino superior chileno. Mas não estava preparada para dialogar com esses católicos que queriam fazer no Chile uma "Revolução em liberdade", empregando quase a mesma fraseologia marxista dos partidos chilenos de esquerda. Nos serenos, tranquilos, paternais senhores do

latifúndio, esse vocábulo "revolução", produzia arrepios em seus espíritos, quando era pronunciado perto de suas terras e nas aulas da Universidade Católica.

Fatos inesperados e aparentemente sem importância para consequências colaterais, podem desencadear preocupações e interrogativas que logo se transformam em ações com outros e profundos significados. Tal é o caso da tragédia de 1960, vivida pelo sul do Chile por causa do gigantesco tremor de terra, acompanhado de invasão das águas do oceano que levou consigo cidades quase inteiras.

Uma solidariedade nacional e mundial manifestou-se, de diferentes maneiras. Os jovens universitários santiaguenses, incluindo os da Universidade Católica, foram socorrer seus patrícios. E aí entraram em contato não só com a dor humana, mas também com a pobreza, a ignorância e a fome das massas marginalizadas, mais aguçadas pelo cataclismo.

Alguns observaram, talvez pela primeira vez, que essa forma de existência humana não era resultado do fenômeno telúrico que havia acontecido. Ele apenas colocava aquela realidade perante seus olhos e sua consciência. Essa juventude se sentiu ferida em sua sensibilidade. As "torres de marfim" de suas universidades estavam alheias a esse mundo real no qual acidentalmente haviam penetrado. Alguma semente

ficou, sem dúvida, em seus espíritos, à espera das condições férteis que lhe permitissem germinar, crescer e amadurecer.

O Chile vivia, na década de sessenta, clima de mudança, como o resto do mundo. O ambiente era propício para esperanças de justiça social.

Mas o apoio veio, para esses jovens católicos, da Universidade, não de fontes estranhas a suas crenças, a sua fé. Chegou através da revista "Mensaje", órgão oficial dos jesuitas chilenos, em dezembro de 1962. Ela reconhecia que havia uma revolução em marcha no mundo e que não era possível permanecer numa atitude de neutralidade: ou se combatia ou se apoiava aquela revolução. "Mensaje" proclamava: "Cristo não veio para defender velhos esquemas, mas para fazê-los estourar." E acrescentava: "(...) o que se requer é uma transformação profunda das estruturas (...) para assegurar a libertação da grande maioria". (15)

Mais tarde, em 1963, Veckemans, através da mesma revista "Mensaje", enumerava os entraves que alguns espíritos cristãos com suas crenças, opunham ao bem-estar comum. Entre elas, anota, "Uma apresentação das estruturas sociais existentes como "queridas por Deus" e, como consequência, uma

(15) Revolução en América Latina. In: Revista Mensaje. Santiago de Chile, 1962. Editorial.

condenação de toda mudança mais ou menos radical," e "uma insistência nos valores culturais, espirituais, "humanos", cristãos, com desprezo por ocupações "materiais". E declara na mesma ocasião: "Só o povo mesmo, consciente e organizado, pode operar a mudança cultural que o conduza à conquista de sua libertação.(16)

Uma linguagem desta natureza, quando o governo conservador estava encerrando já seu mandato, era não apenas uma chama, com a qual a juventude pudesse reacender suas esperanças, mas também bandeira de ação revolucionária. Para os tradicionalistas da Universidade Católica, esas idéias, vindas de setores católicos, eram facas traiçoeiras.

O candidato da Democracia Cristã à presidência do país, Eduardo Frei, em 1962, já em plena campanha política, para as eleições de 1964, que o tornariam chefe supremo da nação chilena, dizia aos jovens: "O povo está consciente da injustiça social. Por isso, estamos vivendo um período completamente revolucionário."(17)

Frei pensava que se os católicos progressistas não fizessem a revolução, outras forças, as marxistas e socialistas, a realizariam. Por isso, chamava os jovens

(16) Veckemans, R. Realidad y desarrollo. In: Revista Mensaje Santiago de Chile, 1963. Outubro.

(17) Frei, Eduardo. Sobre la misión de la juventud en América Latina. Santiago, OREMEU, 1963. p.17-18.

universitários a integrarem-se nestas lutas, que visavam dias melhores para a vida da maioria dos chilenos.

Mas não eram só os políticos católicos de posicionamentos avançados que falavam de transformações sociais. Também a Igreja Católica do Chile, através de seus bispos, se manifestava, pedindo reformas urgentes nas instituições da vida chilena. Por outro lado, o Concílio Vaticano II e as Encíclicas de João XXIII e de Paulo VI, "Mater e Magistra," "Pacem in Terra" e "Populorum Progressio" representam um apoio, em meados da década de sessenta, para essas forças inovadoras, que agitavam o ambiente chileno e que, particularmente, também começavam a surgir, no seio da tradicional Universidade Católica. Nesta, como em todo o país, dois grupos de católicos entraram em "guerra". De um lado, "alguns setores de mentalidade tradicional, eram donos do poder econômico e político", (18) que resistiam às mudanças, de outro lado, os que, em geral, se abrigavam na Democracia Cristã, que desejavam concretizar a sua "Revolução em Liberdade".

As eleições presidenciais de 1964, e as parlamentares de 1965, significaram o domínio político dos democrata-cristãos no país. Por outro lado, essa vitória originou quase o

(18) Resentimiento dentro de la Iglesia. Santiago de Chile, 1966. In: Revista Mensaje. Editorial. Julio /1966.

desaparecimento do Partido Conservador, ninho do catolicismo tradicionalista, do panorama político chileno.

As autoridades da Universidade Católica estavam plenamente conscientes do novo espírito que animava a Igreja Católica, em geral, e a amplos setores dos católicos chilenos, em particular. " Mas eles persistiam, declara Brunner, em resolver os problemas à maneira antiga".(19)

Brunner, que era aluno, naquela época, e que teria depois um papel importante na reforma, trabalhando com Fiori, diz, referindo-se a um aspecto da vida da Universidade:

"Insistiram na linha dos cursos de "cultura católica", que deviam difundir, entre os estudantes um princípio comum de identificação na fé e um monólogo com as realidades temporais. Essa linha, porém, não ia longe. Interrompia-se e originava práticas puramente formais e rituais da cultura católica, sendo que esta era transmitida como um complemento, uma disciplina, entre outras mais importantes, atraentes e úteis."(20)

(19) José Joaquín Brunner. Universidad Católica y cultura nacional en los años 60: los intelectuales tradicionales y el movimiento estudiantil. Santiago de Chile, FLACSO, 1981. 201p. p.96.

(20) José Joaquín Brunner. Ibidem, p.96

A crise foi-se aprofundando em relação "ao caráter especificamente católico da Universidade".(21) Rapidamente, invadiu todo o espírito universitário e alcançou as altas esferas, que governavam essa casa de ensino superior. Brunner descreve assim esse momento:

"Tal crise era, em última instância, uma crise de autoridade do grupo intelectual que governava a Universidade, e que constituía maioritariamente seu corpo docente. Sua capacidade de influir sobre os estudantes, de criar um clima cultural propício para a socialização de valores e atitudes, junto com formas aptas para a transmissão de conhecimentos e habilidades, em síntese, sua capacidade de encaminhar a formação das novas gerações, estava deteriorando-se rapidamente. Estas últimas, porém, se voltavam progressivamente para fora da Universidade, a fim de lá encontrar o que a Universidade era incapaz de proporcionar-lhes: uma orientação intelectual e cultural".(22)

Essas bandeiras levantadas especialmente pelos estudantes, cujos anseios que se identificavam com os novos rumos apontados pelo Vaticano II, originavam-se principalmente de duas fontes. Uma destas, era representada

(21) José Joaquín Brunner. Ibidem, p. 97

(22) José Joaquín Brunner, Ibidem, p. 99

pela linha de pensamento da revista "Mensaje", dos jesuitas. Seu diretor, o padre Hernán Larraín, escreveu um artigo, em 1964, que apareceu num livro publicado pela Federação de Estudantes da Universidade Católica. Esse artigo, intitulado "Universidades Católicas: luces e sombras", originou um impacto profundo, não só entre os estudantes, mas também entre os professores de todas as tendências. (23)

Mais tarde, em 1967, em Buga, na Colômbia, o Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) elaborou o Documento CELAM N.3, "Os cristãos na Universidade", com grande ressonância em todo o continente. Nessa declaração os estudantes da Universidade Católica encontraram as respostas principais que necessitavam para suas angustiadas perguntas. (24)

É necessário destacar com ênfase que em Buga estiveram presentes, entre outros pensadores católicos, Ernani Maria Fiori e Luiz Alberto Gomes de Souza. Sem dúvida alguma, o espírito que animava a **Pedagogia do oprimido**, que estava em seus esboços finais, e que esses dois brasileiros compartilhavam com o autor, Paulo Freire, alimentou a linha fundamental das idéias de Buga.

Por isso, não é de estranhar que o Documento de Buga contenha uma série de sugestões para o desenvolvimento das

(23) José Joaquín Brunner, *Ibidem*, p. 99

(24) José Joaquín Brunner, *Ibidem*, p. 101

Universidades Católicas do continente, verdadeiramente revolucionárias para as mentalidades conservadoras que se abrigam no ensino superior. Hoje muitos desses conceitos são de trânsito comum entre os universitários católicos. Outros, em alguns lugares, representam ainda desejos, pelos quais se luta para alcançá-los. As idéias, por exemplo, contidas na declaração de Buga, de que os alunos e professores deveriam participar no governo da Universidade, eliminando todo tipo de "monarquismo eclesiástico", a "necessidade de conhecer a realidade social", de desenvolver um processo de "conscientização" do mundo real, no qual a universidade está inserida, de "criticar a mentira social e política", a "politização da comunidade universitária" etc., abriram, ao mesmo tempo, profundas feridas e horizontes de diálogos e esperanças. Muitos dos estudantes e professores da Universidade Católica pensaram que esses postulados eram dirigidos diretamente a eles. (25)

A Universidade Católica, antes de 1960, só abrigava em seu seio, estudantes da classe social alta. "Ela expressava um pouco a estrutura latifundiária no mundo cultural e educacional. Era o núcleo cultural que restava aos setores mais tradicionais, ou mais conservadores do país. A Universidade era definida, de algum modo, como a prolongação de um colégio particular. Foram as federações de estudantes

(25) CELAM. Los cristianos en la Universidad. Colombia, Buga, 1967. Documento CELAM N.3

que começaram a levantar o tema de transformação daquele colégio em Universidade".(26)

Os estudantes democrata-cristão, nos albores da década de sessenta, triunfam em todas as universidades e impõem seus dirigentes. Garretón comenta assim este fato:

"Quando a Democracia Cristã Universitária atinge a direção da Federação de Estudantes da Universidade Católica, em 1960, estabelece como principal preocupação a chamada "extensão social": para mostrar aos estudantes acomodados da Universidade qual era o país real, levando-os ao campo, às vilas populares, às provincias."(27)

Em seguida, acrescenta Garretón:

"Porque diferentemente de outras universidades, na Universidade Católica(...) não existiam estudantes de esquerda".(28)

(26) Manuel Antonio Garretón. Notas sobre los orígenes y desarrollo de la reforma en la Universidad Católica de Chile (1967-1973). In: *Realidad Universitaria*. Santiago de Chile, Universidad Católica, 1987. N.3, pp.4-16.p.6. Revista del Centro de Estudios de la Realidad Contemporánea de la Universidad Católica.

(27) Manuel Antonio Garretón, Ibidem, p.6

(28) Manuel Antonio Garretón, Ibidem, p.8

Estes surgem quando na Universidade se rompe a unidade democrata-cristã, em 1968-1969, abrindo espaço ao nascimento do MAPU.

"Toda esta agitação, vivida pelos estudantes durante sete anos, culmina bruscamente em 11 de agosto de 1967, quando os alunos tomam a Casa Central da Universidade Católica. A imensa maioria da juventude universitária apoiou esta medida extrema." (29)

Naquele momento, no ano de 1967, a Federação de Estudantes da Universidade Católica proclama a necessidade de ter "novos homens para a nova Universidade". (30)

Os conservadores da Universidade se sentem isolados. Não têm, desde logo, o apoio dos estudantes, nem do Partido Democrata-Cristão de Frei nem da hierarquia chilena da Igreja Católica, a cuja testa está o Cardeal Silva Henríquez. (31)

A greve se soluciona onze dias depois de iniciada, com a posse de Fernando Castillo Velasco, preferido dos estudantes e indicado para o cargo pelo Cardeal Silva Henríquez, como Reitor da Universidade Católica, no dia 22 de agosto de

(29) Sergio España. Veinte años y un movimiento (1968-1988). In: *Realidad Univesitaria*. Santiago de Chile, Universidad Católica, 1988. pp. 12-18. p. 12.

(30) Manuel Antonio Garretón. Op. cit. p. 7

(31) Manuel Antonio Garretón. Ibidem, p. 7

1967. Castillo Velasco governaria a Universidade até o golpe militar de 11 de setembro de 1973, quando nasce no Chile a chamada "Universidade vigiada".(32)

A solução do conflito foi concretizada com evidente rapidez, quando se esperava uma longa resistência das forças tradicionalistas. Dez anos mais tarde, em 1977, o Cardeal Silva Henríquez explicou esse fato: "Atuamos com a máxima rapidez porque o processo de luta já era muito longo." E acrescenta em seguida:

"Além disso, no dia 17 de agosto de 1967, à noite, recebi um chamado confidencial do Presidente da República, Eduardo Frei, que me fez saber sua preocupação, já que o conflito universitário ameaçava estender-se a todo o país, e as Forças Armadas temiam que o movimento dos estudantes católicos se transformasse numa verdadeira revolução. O Presidente me solicitou que eu tomasse com urgência as medidas para solucionar a greve e me informou que, se na segunda-feira 21 de agosto não estivesse resolvido o conflito, o Governo tomaria a Universidade. Na

(32) Luis Scherz. Reforma y contrarreforma en la Universidad Católica de Chile (1967-1980). In: *Realidad Universitaria*. Santiago de Chile, Universidad Católica, 1988. N.6. pp.36-61. p.44.

sexta-feira 18, me chamou o Ministro de Relações Exteriores, para pedir-me, em nome do Presidente, que solucionasse o movimento grevista dos estudantes. O governo não ficaria indiferente e estava disposto a tomar sob a sua tutela direta a Universidade Católica. A CUT (Central Única de Trabalhadores) havia anunciado ações de solidariedade com os alunos, e o que se temia era que a esquerda alimentasse a situação até provocar uma revolução contra o governo". (33)

A faísca, originada por um "grupo de estudantes ricos", estava a ponto de transformar-se numa fogueira de contornos nacionais. A cúpula governamental estava consciente desse perigo. E por isso, até o Presidente da República estava atento para apagar qualquer tentativa de perturbação da ordem interna, seguindo os caminhos democráticos.

Não basta ainda esta situação de conflito e de agitação política que existia no seio da Universidade Católica e no país inteiro, para compreender as reticências de Ernani Maria Fiori para aceitar o convite de Fernando Castillo Velasco para a Vice-Reitoria Acadêmica da Universidade e, mais tarde, seu afastamento voluntário dessa responsabilidade.

(33) Sergio España. Op.cit., pp.13-14

Dois acontecimentos políticos importantes, um interno, da Universidade, e outro de âmbito nacional, intimamente ligados, originaram profundas preocupações. Um, foi a virada do Governo de Frei e da ala conservadora do Partido Democrata-Cristão para uma posição de centro - direita, colocando em perigo a concretização dos postulados levantados pela "Revolução em liberdade". Um resultado concreto dessa mudança de enfoque foi o nascimento, dentro da Universidade e no país todo, do MAPU, que agrupava os católicos de esquerda com tendências socialistas. O movimento universitário reformista se enfraquecia.

O outro acontecimento foi o triunfo, um ano depois de iniciada a reforma, do grupo gremialista, de ultra-direita, com fortes conotações nazistas, que lhe deram a Presidência da Federação de Estudantes, em 1968, com 45,8 por cento dos votos. O Movimento 11 de agosto, gestor da reforma, alcançou 43,5 por cento da votação. (34)

Mais tarde, este movimento gremialista organizaria desfiles dos estudantes católicos contra o governo de Allende e constituiria o partido político União Democrata Independente (UDI), de fundamental influência na violenta e sangrenta ditadura que semeou a dor entre o povo chileno.

O movimento gremialista, diz España,

(34) Sergio España. Op.cit., p.15

"governou sem interrupção a Federação de Estudantes católicos durante dezesséis anos, dos quais apenas cinco como resultado de uma votação universal. Em 1986 esse movimento gremialista perdeu a Presidência da Federação, quando se impôs o candidato do Partido Democrata Cristão, apoiado por todas as forças democráticas da Universidade."(35)

Durante toda a década de 60, que teve seus pontos culminantes entre 1967 e 1970, a Universidade Católica foi uma caldeira em ebulição-Brunner,(36) que viveu esse período em sua dupla qualidade de estudante, primeiro, e depois como professor, observa que,

"Na Universidade Católica houve uma linha de estudantes muito progressistas. Havia lá dentro forças de esquerda, de ultra-esquerda e de centro esquerda. Também surgiu e chegou a ser muito forte, já desde 1968 e, fundamentalmente, desde 1970 em diante, um movimento neoconservador, de cunho corporativista e com traços autoritários. Esse grupo realizava uma profunda crítica à política

(35) Sergio España. Ibidem, p.15

(36) José Joaquín Brunner. Declarações em entrevista. Santiago do Chile, 1991.

democrática, especialmente aquela que admitia a possibilidade da participação popular no manejo da coisa pública. A pregação deste grupo se viu facilitada por ser a Universidade Católica uma Universidade de elite, que recrutava uma parte significativa dos seus alunos nos setores mais abastados economicamente, e entre as famílias mais tradicionalistas do Chile. Este espírito conservador, sempre presente na história da Universidade Católica, teve seus ideólogos destacados (teólogos, historiadores, filósofos) que semearam essas idéias, especialmente nas décadas de 30 e 40. Tais idéias tiveram grande desenvolvimento no Chile, apoiadas pelos acontecimentos no panorama mundial. Quase de improviso, esses grupos corporativistas e autoritários se viram confrontados com novas realidades políticas, que postulavam, como os integrantes da Democracia Cristã, transformações revolucionárias. Na direita tradicional e no Partido Liberal, não havia respostas para enfrentar esta nova realidade. Esses jovens da Universidade Católica buscaram o caminho anti-democrático para sair do curral que a história estava construindo para as tendências que se apoiavam na tradição e em concepções sócio-econômicas elitistas da sociedade.

Durante algum tempo tiveram êxito. Mas não cresceram fora da Universidade."

Para um estrangeiro, como Fiori, amplamente reconhecido como um professor progressista, o ambiente universitário católico era pelo menos preocupante. Isto apesar do grande respeito que despertava entre seus adversários conservadores, porque para os professores e alunos que estavam integrados nos processos de reforma da Universidade, Fiori era um verdadeiro guia e uma peça essencial, na concepção da nova Universidade que se desejava.

A reforma da Universidade Católica desenvolveu-se através de um processo longo. Muitos fatores concorreram como temos já visto, para configurar a mudança. Numerosos fatos concretos concorreram para atingir o que se desejava. Uma listagem deles resulta impossível de realizar, como é difícil também estabelecer uma hierarquia de importância. Mas, sem dúvida, a greve dos estudantes e a tomada da Casa Central da Universidade em 11 de agosto de 1967, são acontecimentos desencadeantes, iniciais, de tudo o que se pretendia fazer. Isto levou ao primeiro ato vital da reforma: a indicação de Fernando Castillo Velasco como Reitor da Universidade Católica em 22 de agosto de 1967. Logo em seguida, a escolha de Ernani Maria Fiori como Vice-Reitor Acadêmico é uma decisão essencial. O cargo tem uma significação fundamental. Fiori tinha em suas mãos a

possibilidade de penetrar no mais íntimo da vida dos estudantes e professores. E podia mudar o sangue dessa tradicional Casa de Estudos. Fiori realizou as transfusões necessárias. Sua experiência universitária brasileira o apoiou em suas ações. "Ele postulava, diz o ex-Reitor Fernando Castillo, que cada estudante fosse o autor de sua própria história". (37)

Para que o jovem pudesse traçar a linha que desejasse em seu processo de formação, a Universidade deveria apresentar-se aberta, sem caminhos rígidos, apenas mostrando o que ela podia oferecer no pensar e no fazer. Por isso, "Fiori estabeleceu a flexibilidade curricular e criou os departamentos, que rompiam o pétreo esquema das faculdades. Ele dizia que a Universidade deveria ser um belo caos". (38)

Se estas inovações já eram revolucionárias para os espíritos conservadores que se abrigavam na Universidade, outras propostas de Fiori, que não parou aí, produziram quase escândalo, incredulidade. Uma idéia sua reduziu a cinzas o velho esquema de autoritarismo, de autoridades verticais, unipessoais ou de pequenos grupos, escolhidos por razões de amizade ou estabelecidos para constituir inveterados centros de poder." Fiori queria

(37) Fernando Castillo Velasco. Ibidem

(38) Fernando Castillo Velasco. Ibidem

a participação de todos os segmentos no governo da Universidade: professores, alunos e funcionários com igualdade geral de direitos, deveres e responsabilidades". (39)

Fiori encarnava o espírito democrático que devia existir na Universidade. Não impunha suas idéias.

Carlos Eugenio Beca nos lembra:

"Ele tinha muita clareza de como deveriam orientar-se as mudanças, a flexibilidade curricular, a departamentalização, a participação de alunos, professores e funcionários na vida universitária. Ele atuava com verdadeira modestia, com muita humildade, respeitando as opiniões, defendendo, porém com extraordinária energia seus pontos de vista. O diálogo, poderia dizer, era um traço medular de sua personalidade." (40)

A reforma atingiu fortemente a estrutura da Universidade. Até o início dos processos de mudança, aquela Casa de Estudo era essencialmente profissionalizante. Com esse objetivo, de formar profissionais, a pesquisa e a extensão ficavam reduzidas a meras atividades ocasionais, sem políticas estabelecidas. O quadro inteiro da Universidade aparecia

(39) Fernando Castillo Velasco. Ibidem

(40) Carlos Eugenio Beca. Ibidem

como um grande mosaico, constituído por parcelas entre as quais não existia comunicação nenhuma, ou mostrando uma ligação tão fraca que carecia de significado.

Segundo Beca,

"O professor Fiori lançou a idéia de criar institutos por disciplinas, contendo em seu interior departamentos. Isto deu outro caráter ao trabalho universitário, mais amplo, e ao mesmo tempo, mais profundo". (41)

Mas isto não bastava ao espírito inovador de Fiori. A mesma testemunha observa:

"Ele pensou a idéia que logo cristalizou, de criar institutos interdisciplinares, nos quais se reunissem pessoas provenientes de diferentes institutos". (42)

A Universidade anterior à reforma praticamente carecia de contato com a realidade nacional. Ela não conhecia seus problemas, salvo de maneira ocasional e fragmentária. Era a Universidade Católica, como dizia o jesuíta Hernán Larraín, "uma torre de marfim", imersa em suas próprias dimensões, alheia à comunidade e seus problemas. Pensava a Universidade que bastava formar os agrônomos, os médicos e os dentistas por exemplo, para cumprir sua grande função na sociedade. Eram

(41) Carlos Eugenio Beca. Ibidem

(42) Carlos Eugenio Beca. Ibidem

os profissionais ,considerados individualmente, e sem uma visão global do país, os que deviam resolver os problemas dos indivíduos dentro das perspectivas que ofereciam suas respectivas áreas de especialização.(43)

Fiori pensava de maneira diferente. Cabia à Universidade,teoricamente, a possuidora dos talentos mais elevados da nação, realizar estudos que pudessem servir de base às mudanças que o país necessitava concretizar numa visão cristã de desenvolvimento social, de bem-estar coletivo,alcançado em forma democrática.

Beca relata:

"E aí formulou a idéia da criação do Centro de Estudos da Realidade Nacional-CEREN, que teria como objetivos fundamentais, a pesquisa dos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais do país.Seu primeiro Presidente foi Jacques Chonchol.Foi fechado com o golpe militar de 1973".(44)

Mas não foi só o CEREN que atingiu grande importância e relevância,que nasceu na Universidade,enquanto a mesma avançava em seu processo de reforma.Outros organismos ,como

(43)Carlos Eugenio Beca. Ibidem

(44)Carlos Eugenio Beca. Ibidem

o Centro de Estudos Agrários , foram criados e alcançaram também notável desenvolvimento."(45)

A idéia de centros interdisciplinares desenvolveu-se com muito ênfase."Sob essa inspiração, esclarece Beca, criou-se o Programa Interdisciplinar de Investigação em Educação, o PIIE, que, imediatamente depois do golpe, se tornou um organismo autônomo e continua trabalhando, atualmente, com grande êxito".(46)

Naqueles anos de 1967 a 1969, Fiori trabalhou incansavelmente para concretizar os aspectos que fariam da Universidade Católica uma instituição moderna, onde a pesquisa, a docência e a extensão se alimentassem mutuamente, além de apoiar toda a vida universitária numa concepção democrática transformadora, que ultrapassasse os muros da Universidade, colocando-a a serviço da comunidade nacional.

As tarefas de Fiori, apesar da envergadura e complexidade das mesmas, são relativamente fáceis de materializar, pelo menos durante alguns meses de sua gestão como Vice-Reitor Acadêmico.

(45) Carlos Eugenio Beca. Ibidem

(46) Carlos Eugenio Beca. Ibidem

A grande maioria dos estudantes e um setor importante dos professores vive intensamente o espírito da reforma. Seu prestígio, seu caráter equânime, seu temperamento tranqüilo e a profundidade de seu pensamento, por outro lado, facilitam a marcha para as metas que democraticamente são concebidas. Todos estão envolvidos nas mesmas idéias. As discrepâncias, a troca de idéias, o diálogo existem sobretudo na busca dos meios para concretizar as mudanças.

Fiori queria uma Universidade que investigasse. A pesquisa requer, porém, recursos econômicos, humanos e técnicos adequados, que permitam aos pesquisadores tempo para pensar e criar. Um corpo de professores constituído, em sua maioria de profissionais horistas, transformava a idéia de pesquisar numa ilusão.

As novas estruturas universitárias não podiam ficar como meros esqueletos administrativos, com objetivos e funções impossíveis de atender. Era necessário mudar o regime de trabalho dos professores. Além disso, as novas dimensões científicas, sociais e culturais da Universidade exigiam também pessoal adequado e aumento dos quadros de profissionais.

Durante o processo de reforma, escreve Scherz,

"O número de docentes(em Santiago e províncias) muda visivelmente.De 1.242 professores em 1967 (24,1% de dedicação exclusiva) chega a 1.753 em começos de 1971,sendo quase a metade destes de dedicação exclusiva".(47)

Por outro lado,cresce o alunado, tratando-se estabelecer uma relação que se considera recomendável, em torno de sete alunos por professor. Ao mesmo tempo,desencadeia-se um programa de aperfeiçoamento de docentes,através de bolsas de estudo,e cria-se um Fundo para a Pesquisa. Tudo isto, permite visualizar uma Universidade dentro de um novo espírito,com responsabilidade intelectual no desenvolvimento do país.(48) "Sem dúvida quem deu substância,quem deu conteúdo verdadeiramente profundo à reforma universitária,foi Fiori," sintetiza Gómez.(49)

Fiori já era conhecido quando os alunos tomaram a Casa Central da Universidade em 11 de agosto de 1967.Quando as aulas reiniciaram,em 23 de agosto,depois que o Cardeal Raúl Silva Henríquez empossara,como Reitor,no dia 22 de agosto,Fernando Castillo Velasco, formou-se um grupo de seis pessoas,quatro professores e dois alunos,para pensar

(47)Luis Scherz. Op.cit.,p.40

(48)Luis Scherz.Op.cit.,p.40

(49)Sergio Gomez,Ibidem

sobre o processo de reforma da Universidade. Dois desses docentes, Ernani Maria Fiori e Manuel Antonio Garretón, representavam a linha de esquerda.

No começo das discussões o professor Luis Scherz apareceu como o orientador do diálogo. Ele reivindicava o modelo de inserção da Universidade na sociedade. Logo começou, porém, a impor-se, naturalmente, a figura de Fiori. "Para mim ele colocava de maneira diferente o que se havia pensado até então, sobre o papel da Universidade", diz Garretón. (50)

Em seguida Garretón esclarece:

"Fiori concebia a Universidade como uma instituição mais próxima da realidade nacional, e inserida no processo de desenvolvimento humano. Por isso deu tanta importância à criação de um centro de reflexão sobre a Universidade. Ele concebia a Universidade Católica num processo total de transformação. Sua contribuição para estabelecer o currículo flexível, não na visão americana, de parcelamento da personalidade do estudante, mas numa concepção de totalidade do sujeito, na qual se inclui

(50) Manuel Antonio Garretón, Ibidem.

também a pesquisa, foi fundamental." (51)

A transformação da Universidade era, para Fiori, uma tarefa imediata, que não permitia qualquer tipo de postergação. Não concebia, contudo, uma Universidade que, depois de atingido certo patamar de ação, ficasse detida, imóvel no tempo. A Universidade deveria viver um estado de permanente transformação. Por isso Fiori defendia uma Universidade crítica, orientada profundamente pela pesquisa e voltada para o conhecimento da realidade nacional.

Garretón destaca:

"Se foi importante sua contribuição para a reforma do currículo da Universidade, também o foi sua visão quanto à importância da pesquisa na Universidade, e quanto à que lhe cabe nos destinos do país. Uma Universidade como consciência crítica do país, refletindo sobre o que é a sociedade. Para isso foi criado o CEREN que, depois de Chonchol, me coube a mim dirigir". (52)

(51) Manuel Antonio Garretón, Ibidem

Esta concepção de Fiori sobre a Universidade se chocava abertamente com visão tradicional vigente na Universidade Católica. A mesma havia vivido, durante toda a sua história, como um reduto isolado da realidade, como uma ilha social e de "saber". A concepção de Fiori entusiasmava especialmente os estudantes. Eles sentiam que Fiori lhes mostrava, em forma possível de realizar, uma Universidade concebida para o presente e para o futuro. E os jovens se sentiam também responsáveis por esses tempos. Fiori dizia: "Temos feito uma revolução na Universidade. Agora temos que administrar esse poder revolucionário." (53)

Uma das grandes idéias de Fiori, que se inspirou em instituição semelhante já existente no Brasil, foi a criação, na Universidade Católica, do Centro de Estudos da Realidade Nacional (CEREN). Seu segundo diretor, Manuel Antonio Garretón, traça uma idéia do CEREN nos seguintes termos:

"Eu acho que as coisas nunca são como a gente as imagina inicialmente. De fato, o CEREN, no começo, foi um centro de encontros, de conversações, com uma revista, mas não foi um centro de pesquisa. Isto num clima profundamente ideologizado, onde a reflexão

(39) Manuel Antonio Garretón. Idem.

sobre o país se transformou rapidamente em repressão sobre os esquemas para pensar o país. Vivíamos uma época de marxização acadêmica, de grande contato com o marxismo que vinha da Europa, principalmente althusseriano. Fiori criticava a visão de Althusser de ver a sociedade em níveis. Fiori era mais hegeliano, e sempre se colocava, na discussão, num ângulo não conjuntural da política." (54)

Talvez não seja puramente filosófica a atitude de Fiori. A reforma estava em andamento. Os reformistas, nos primeiros momentos, para alcançar as mudanças, ficaram todos politicamente unidos pela idéia que os congregava de transformar a Universidade. Mas quando o processo de transformação se iniciou, imediatamente apareceram as tendências políticas partidárias. Cada qual queria imprimir seu carimbo nos passos que dava a mudança. Noutras palavras, entre os progressistas começou uma luta pelo poder no seio da Universidade. Fiori desejava não tomar partido neste terreno. Entendemos que assim agiu, em primeiro lugar, por suas concepções filosóficas sobre a Universidade. Além disso, para setorizar ideologicamente, com seu

(54) Manuel Antonio Garretón, Ibidem.

pensamento,o processo de reforma que se vivia, e,finalmente, por sua condição de estrangeiro,que sempre o preocupava.

Seu prestígio,depois de demitir-se da Vice-Reitoria Acadêmica, permaneceu incólume,talvez acrescido por haver sido,em determinado momento da reforma da Universidade,uma das duas ou três pessoas mentoras da mais alta cúpula que regia os processos de mudança vividos no ambiente univesitário.Prova disto foi sua escolha,pela comunidade universitária,para integrar o Primeiro Claustro da Universidade Reformada.

Garretón assim evoca aqueles momentos:

"Lembro-me que Fiori foi escolhido,junto conosco,na lista que levamos para o Claustro. Ele desempenhou aí um papel muito dinamizador Mas em seus posicionamentos não se detinha em reflexões sobre o quotidiano político-partidário nem sobre democracia liberal. Defendia a idéia de que a Universidade devia estar a serviço exclusivamente do projeto libertador. Seu pensamento versava sobretudo em torno de uma sociedade justa, orientada para o desenvolvimento das pessoas e da coletividade".(55)

(55)Manuel Antonio Garretón,Ibidem.

O clima nacional e o ambiente vivido pela Universidade Católica, no momento que se iniciava, em maio de 1971, o Primeiro Claustro da Universidade, do qual participaria Fiori, eram diferentes dos que respiravam em 1967, quando começava a reforma com a tomada da Casa Central. Neste ano de 1967, o governo de Frei estava em pleno período de avançadas mudanças.

Na Universidade Católica, os "gremialistas", estudantes de extrema direita, antirreformistas, haviam ganho a direção dos alunos desde 1968. Em 1971, quando Allende tinha seis meses de governo, os "gremialistas" encabeçavam uma luta contra o allendismo, especialmente fora dos muros da Universidade, nas ruas. O avanço eleitoral de Allende, na escolha dos deputados e senadores em março de 1971, pareceu estimular aos ultraconservadores. Allende superou o magro 36% dos votos de 1970, quando foi eleito Presidente do Chile, contando agora com o apoio de quase 50% do eleitorado nacional.

Sem dúvida, neste ano de 1971, a confiança no governo de Allende estava carregada de esperanças. A idéia de uma "Revolução socialista democrática" agitava positivamente amplos setores da sociedade chilena.

As forças conservadoras, não estavam, porém, silenciosas nem quietas. Pelo contrário. Sentiam-se muito animadas, porque sabiam que contavam, em seus esforços para destruir o governo da Unidade Popular, com a ajuda do poderoso vizinho do Norte, e com a contribuição de todas as ditaduras da América Latina.

O programa do governo do socialismo produzia profunda irritação nos grupos reacionários. As idéias de reforma agrária, de nacionalização das grandes empresas multinacionais, de reforma do sistema bancário, da escola única, etc., feriam gravemente os interesses da alta burguesia chilena.

Esta conjugação de objetivos, tendo como centro polarizador a Universidade Católica, originava grandes expectativas, não só no meio universitário, mas também no país inteiro.

Ao abrir esse primeiro Claustro, máximo organismo deliberativo universitário, em maio de 1971, o Reitor da Universidade Católica, Fernando Castillo Velasco, expressa:

"É necessário definir para esta segunda etapa da reforma uma política de pesquisa e uma política educacional que atendam muito fielmente os

princípios da reforma e o compromisso que tem a Universidade com o povo que quer servir".(56)

Três tendências políticas se enfrentaram para esquentar fortemente esse Primeiro Claustro de maio de 1971. Fiori participava como representante da Frente Acadêmica Progressista que tinha 381 eleitores docentes de um total de 1753; 745 eram da Frente Cristã da Reforma(da Democracia Cristã),e 510 pertenciam à Frente Acadêmica Independente, constituída fundamentalmente pelos conservadores e contrareformistas. O resto era formado por professores independentes. Os estudantes participavam com uma representação que equivalia ao 25% dos docentes presentes no Claustro.(57) E apesar de tudo, "o caminho de modernização seguiu adiante. O diálogo se impôs. Os acordos tornaram irrelevantes as discrepâncias. Manteve-se a convivência humana."(58)

(56) Fernando Castillo Velasco. *Cuenta del Rector de la Universidad Católica de Chile al Claustro Pleno*. Santiago de

(57) Luis Scherz. Op.cit., p.41

(58) Luiz Scherz, Idem, p.42

4.-Ernani Maria Fiori, a universidade e a educação popular.

Quando Fiori chegou ao Chile, em 1966, tinha já amadurecido uma profunda reflexão sobre sua prática universitária, que se construía não só como professor, mas também como presidente da Federação de Estudantes Universitários. Suas experiências, porém, com educação popular, eram recentes.

As experiências de Fiori com a educação popular, se iniciaram, possivelmente, com Paulo Freire, em torno a 1960. Sua única experiência concreta, relevante, foi a presidência que exerceu, em 1963-64, do Círculo de Cultura Popular do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

Esses contatos profissionais iniciais, entre Fiori e Freire, transformariam-se rapidamente, numa grande amizade.

Estes antecedentes são importantes para compreender, em primeiro lugar, o impacto e os resultados positivos que tiveram, naquela época, sua ação e pensamento, entre os alunos e professores da ainda conservadora Universidade Católica, na qual Fiori se incorporou como professor de filosofia. Estas informações servem também para descobrir a genial percepção da realidade de uma educação libertadora que se revela em "Aprender a dizer a sua palavra", prólogo à "Pedagogia do oprimido" de Paulo Freire.

O pensamento sobre o que devia ser a Universidade, Fiori o expressa, de maneira mais sistematizada, em três momentos: primeiramente, na palestra pronunciada na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1962, durante o Seminário sobre Reforma Universitária, organizado pelos estudantes;(59) numa conferência em Toledo, Uruguai, em janeiro de 1967;(60) e numa palestra apresentada na reunião de CELAM, em Buga, na Colômbia, em 1967, e à qual já nos referimos. Algumas de suas idéias centrais sobre a Universidade aparecem também em outros textos, como a conferência sobre Educação e Conscientização,

(59) Ernani Maria Fiori. Aspectos da reforma universitária. In: *Textos Escolhidos*. Porto Alegre, L&M, 1992. 287p. pp. 17-43. Volume 2. Educação e Política.

(60) Ernani Maria Fiori. Universidade e compromisso histórico. In: *Op.cit.*, pp. 44-55

em Washington, em 1970, e aquela sobre Educação Libertadora, no Panamá, em 1971.

Muitas das idéias que aparecem nesses documentos, foram concretizadas na reforma da Universidade Católica do Chile, que começou em agosto de 1967 e que se prolongou, especialmente, durante 1968 e 1969. O pensamento de Fiori apresenta, porém, mudanças importantíssimas, na sua concepção de Universidade, como em seguida veremos.

O aspecto fundamental que defendiam os estudantes chilenos em 1967, como os brasileiros em 1962, era o co-governo da Universidade. Os jovens entendiam que essa forma de dirigir a Universidade produziria um avanço notável na democratização da vida universitária. Compartilhavam-se responsabilidades e assegurava-se a participação de todos os estudantes e professores na ação diretiva.

Fiori, explicando, em 1962, porque estava de acordo com a participação dos estudantes na direção da Universidade, afirma:

"A técnica de organização, de elaboração do orçamento, foge à competência até mesmo da maioria dos professores. É tarefa para os burocratas. Mas a direção da política cultural que se esboça na discussão do orçamento,

deve ser concebida por todos os que integram o convívio universitário".(61)

E acrescenta em seguida Fiori: "O co-governo, é, pois, para mim, exigência que brota da própria natureza do processo cultural, na Universidade".(62)

Nesta idéia de co-governo defendida por Fiori, ficam fora, ainda que não totalmente, em 1962, os funcionários.

Fiori diz:

"Concebam uma Universidade sem professor. Concebam uma Universidade sem aluno. É impossível. Concebam uma Universidade sem funcionários(...) Entendido o governo da Universidade nos termos anteriormente postos, nele não há lugar para o funcionário, embora talvez deva estar muito presente num órgão destinado a estudar questões relativas à técnica administrativa".(63)

Entretanto, esta limitação estabelecida, ao que parece, por Fiori, em 1962, na participação dos funcionários no co-governo, desaparece em 1967, quando professores, alunos e funcionários da Universidade Católica, têm uma representação

(61) Ernani Maria Fiori. Aspectos da forma universitária. In: Op.cit., p.33

(62) Ernani Maria Fiori. Idem, p.33

(63) Ernani Maria Fiori. In: Op.cit., p.38

importante, ainda que não igual, percentualmente. Um ano mais tarde, quando avança a reforma universitária, os três segmentos universitários da Universidade do Chile, alunos, professores e funcionários participam no processo de reforma e, em seguida, na vida da Universidade, nas proporções de 25, 63 e 12 por cento, respectivamente.

Outra mudança que se observa no pensamento de Fiori, em sua concepção de Universidade, refere-se ao papel de destaque que têm os professores catedráticos. Em 1967, não se estabelecem diferenças entre os professores quanto a suas possíveis responsabilidades nos organismos que regem a Universidade. Desaparece a figura do catedrático, iniciando-se assim uma nova carreira já sinalizada já concretamente, por Fiori em 1962.

Se os aspectos assinalados são importantes para o processo de democratização da vida da Universidade, maior ressonância ainda terão seus pontos de vista sobre a estrutura da Universidade. Fiori defende a idéia de departamento.⁽⁶⁴⁾ A constituição do departamento, a menor unidade acadêmica com ampla autonomia de ação, verdadeira célula básica da existência da Universidade, só se concretizaria no Chile, em 1967.

(64) Ernani Maria Fiori. In: Op.cit., pp.38-39

Fiori ainda não fala, em 1962, do currículo flexível, uma das principais idéias defendidas na reforma da Universidade Católica, que teve completo êxito em sua implantação.

A idéia básica de Fiori de que cada "aluno deveria escolher e fazer sua própria história intelectual", sofreu um enfraquecimento notável, porque, na prática, ocorreu a "americanização da flexibilidade", isto, é o esfacelamento da unidade cultural desejada. A idéia dos departamentos assim deturpada, trouxe a destruição das turmas e, com isso, a diminuição da carga e coesão afetivas, necessárias para viver a existência da Universidade em todos os seus aspectos. Os alunos se transformaram em células individuais, isoladas, preocupados exclusivamente com sua própria sobrevivência na Universidade.

Já em 1962, Fiori colocava a idéia de uma carreira universitária. Suas concepções sobre este particular, são muito interessantes. (65) Por exemplo, dizia que "o professor para subir em sua carreira, e passar pelos diferentes graus da mesma,

"deveria ser julgado por seu curriculum vitae e não através de concursos quase sempre artificiais e teatrais." (66)

(65) Ernani Maria Fiori. Op.cit., pp.26-29

(66) Ernani Maria Fiori. Op.cit., p.28

Em seguida, crescentava com extraordinário acerto:

"A partir do edital de abertura do concurso passam a estudar dia e noite, improvisando artificialmente conteúdos.(...) As vezes, o mais ágil, o mais brilhante, mas não o mais profundo, o mais sério, o mais preparado, vence ,em nossas universidades".(67)

Fiori defende para a idéia de rigor nos concursos de ingresso dos professores na Universidade. Depois, para avançar em sua carreira universitária, deveria bastar uma avaliação de seu curriculum vitae.

A Universidade Católica do Chile, acolheu a idéia de Fiori. No Brasil, muitas Universidades exigem, para a passagem de professor adjunto ao nível de titular, entre outras provas, a de ministrar uma aula, frequentemente perante alunos que só existem na imaginação do candidato e dos membros da banca. Os candidatos, em algumas oportunidades, convidam amigos que ali permanecem, como fantasmas, sem cabeças e sem mãos, ouvindo apenas. E o professor, numa sala vazia ou quase, é obrigado a mostrar como deve ser dada uma aula. Isto é ridículos, absurdo. Esse candidato, que aspira ao (67)Ernani Maria Fiori. Ibidem, p.28

mais alto nível da carreira docente, que é doutor, que estudou na França, na Inglaterra ou na Alemanha, que tem publicações e pesquisa, que ministrou em sua vida centenas de aulas, que está no final de sua carreira, terá algum proveito para sua vida profissional, na realização de uma atividade geralmente desenvolvida num meio artificial.?

Fiori concebe a Universidade como "o centro máximo de consciencialização do processo cultural." (68) Por isso na Universidade de Fiori a pesquisa tem singular importância, mas quando a realizamos "não devemos esquecer as necessidades humanas" - (69)

As necessidades humanas se apresentam na sociedade, na vida de todos os homens. Numa sociedade de classes, a classe oprimida, é a que tem maiores necessidades. Por isso, "a Universidade deve ligar-se às raízes populares e deve integrar-se, criticamente à sociedade global". (70)

Esta idéia geral de Fiori se materializa na Universidade Católica do Chile, através de várias instituições, sendo, talvez, as principais, o Centro de Estudos da Realidade Nacional, CEREN, e o Instituto Interdisciplinar de Ciências Políticas. Este último, funcionou durante dois

(68) Ernani Maria Fiori. Op.cit., p.19

(69) Ernani Maria Fiori. Op.cit., p.26

(70) Ernani Maria Fiori. Universidade e compromisso histórico. Op.cit., p.49

anos sob a direção de Fiori. O primeiro, ao que parece, foi concebido segundo a idéia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros-ISEB

Toda esta bagagem de conceitos sobre a Universidade, que Fiori trazia como resultado de uma reflexão amadurecida através de sua longa experiência universitária, despertou, como já dissemos, um vivo entusiasmo entre alunos e professores progressistas da Universidade Católica. Não pensemos que Fiori tinha uma visão marmórea, petrificada, do que deveria ser uma Universidade. Pelo contrário, seu pensamento plástico, refazendo-se permanentemente, "nunca acabado", como disse ele, encontrou nesse clima democrático que vivia o Chile, além de desejos de estabelecer transformações necessárias na vida Universitária, um profundo anseio de diálogo. Houve um enriquecimento mútuo, sem dúvida, entre brasileiros e chilenos. A clareza do pensamento de Fiori, porém, unida à força com que defendia seus pontos de vista, à sua honestidade intelectual e à sua natural e acentuada modéstia, rapidamente o elevaram à responsabilidade de ser um dos principais, talvez o mais importante, entre os mentores do processo de reforma que viveu a Universidade Católica do Chile.

Em relação à sua experiência com a educação popular, no Chile, queremos destacar apenas a sua presença nas

escrever os três primeiros capítulos do livro, na ocasião eu acreditava que fosse o livro todo, entreguei-os ao Ernani e disse:

"Eu terminei esse treco, agora-agora chamado *Pedagogia do oprimido*-e quero te deixar muito livre para, com base na nossa amizade, decidir se tem sentido ou não; se achares que tem, gostaria que escrevesse o prefácio, se achares que não, não precisa dizer a ninguém mas me devolve, e eu não fico triste contigo. Ele levou o texto para casa, leu, e dez dias depois, num daqueles sábados, voltou com o prefácio na mão. Vocês podem imaginar a alegria que eu tive quando ele me leu o texto. Era maravilhoso. É uma das melhores coisas que eu conheço sobre que diabo é essa pedagogia do oprimido. O prefácio é, no fundo, melhor que o livro. É uma síntese extraordinária de compreensão do que eu dizia." (73) (O destaque é nosso). Fiori entregou-lhe o prefácio em dezembro de 1967. (74)

Esse prefácio de Fiori, acompanhando a "*Pedagogia do oprimido*" tem percorrido o mundo em muitas línguas. Só no Brasil o livro já tinha, em 1991, dezenove edições. Um registro lamentável: a tradução francesa de "*Pedagogia do*

(73) Paulo Freire. Op.cit., p.285

(74) Paulo Freire. *Pedagogia da esperança*, p.60

oprimido" excluiu o prefácio de Fiori. Com certeza, sem consultar o autor do livro, Paulo Freire.

Fiori começa seu "Aprender a dizer a sua palavra", apoiando-se no marxismo quando escreve que "a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes", lembrando a "Ideologia alemã", para falar, depois, nos termos do "Manifesto do Partido Comunista", de opressor e oprimido.

Em seguida, porém, se revela totalmente fenomenólogo em sua análise da "Pedagogia do oprimido". A linguagem husserliana apresenta-se com toda clareza, não em suas linhas conservadoras, mas sim na perspectiva progressista de Merleau Ponty. Sua concepção dialética da realidade nós leva diretamente a Hegel, e sua visão de sociedade e do homem, especialmente do Terceiro Mundo, prenuncia as idéias e as práticas da teologia da libertação. Mounier, e seu socialismo personalista, oferece o fio condutor de sua práxis que denuncia um mundo de injustiça e apregoa que o paraíso pode estar na terra para todos. Já em 1964, Fiori dizia:

"Este socialismo personalista muitas vezes soa escandalosamente a certos ouvidos, porque quase todos os que o defendem, no Brasil e fora do Brasil são cristãos, e muita gente acha que há uma incompatibilidade essencial entre Cristianismo e

Socialismo".(75)

Acusado de ser um professor "de características ideológicas extremistas", (76) trata de explicar ,aos membros da comissão que o julga,o que é o socialismo personalista,proclamando:

"Na economia a necessidade , e não o lucro deve constituir a única razão de ser do processo econômico;no social o imperativo da fraternidade deve guiar a tarefa comum de humanização do mundo pelo trabalho; e no político,o homem não será sujeito de sua história,se não se auto-governar . no plano econômico e social,pois que isto é a democracia política".(77)

Uma declaração dessa natureza,feita com tanta altivez e dimensão humana,quando se iniciava o período autoritário,perante algumas pessoas que representavam a indignidade, a falsidade e a injustiça,era como pedir para beber a cicuta.

(75)Ernani Maria Fiori. Um documento histórico.
Op.cit.,p.268

(76)Ernani Maria Fiori. Ibidem,p.265

(77)Ernani Maria Fiori. Idem,p.269

Se compararmos, ainda que superficialmente, o pronunciamento ideológico de Fiori de 1964 e o conteúdo de "Aprender a dizer a sua palavra", notaremos algumas diferenças significativas. Em 1967, o pensamento de Fiori revela-nos a ocorrência de um salto em relação ao que expressou em sua defesa de 1964. Suas idéias se vitalizaram e estão muito mais próximas do concreto social. Poderíamos dizer que elas são fecundadas pela realidade na qual se têm nutrido. Não representam uma postura "intelectual", relativamente alheia aos fatos. Vibra nelas toda uma força, que somente aparece quando se vive íntegra e intensamente uma práxis.

Se "Aprender a dizer a sua palavra" é, a nosso ver, um dos principais textos de Fiori sobre sua concepção filosófica no mundo, ele é também a fonte mais importante para uma compreensão filosófica do que são a pedagogia do oprimido e a educação libertadora. Esse prólogo é ainda uma descrição extraordinária do método de alfabetização de adultos de Paulo Freire.

Alguns parecem limitar, diminuir os horizontes do pensamento de Fiori, quando reconhecem no mesmo as dimensões do socialismo personalista e da fenomenologia, pensando especialmente em sua concepção de mundo. A visão dialética que Fiori tem da realidade livra-o dos limites de uma

escola e o eleva ao cume do pensamento progressista. Se isto não bastasse, para aqueles que pudessem levantar restrições a seu pensamento e à sua ação, observamos que o importante é a luta que se trava todos os dias para libertar os seres humanos, e na qual o que realmente importa é o compromisso concreto que a todos deve unir, não apenas as idéias que se tem sobre as coisas e sobre o mundo, por mais atualizadas que sejam. A tolerância conseqüentemente, o diálogo e a fraternidade devem congrega-nos na busca de um mesmo destino no universo quotidiano do homem. Se isto vale para os que lutam realmente contra a opressão, buscando construir, até por caminhos diversos, a libertação, não significa que se possam conciliar concepções de mundo e formas de vida radicalmente antagônicas. A este respeito Fiori é muito claro, ao escrever, em seu prefácio:

Diz Fiori em seu "Aprender a dizer a sua palavra":

"Os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação do oprimido. Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a "educação como prática da liberdade" postula, necessariamente, uma "pedagogia do oprimido". Não uma pedagogia

para ele,mas dele".(78)

Ao apresentar o pensamento de Freire,ele assinala a existência de duas concepções inconciliáveis de educação: uma,a dos opressores,que eles impõem também aos oprimidos. é a educação que conhecemos e na qual nos formamos. A outra concepção,duma educação dos oprimidos,que haverá de vir,e que servirá para sua libertação, bem como para a libertação do opressor de sua condição desumanizante de opressor.

Quando falamos de existência futura da pedagogia do oprimido,não esquecemos das muitas tentativas que se têm realizado no mundo, de libertar o oprimido também através da escola, como na experiência chilena de Allende e, mais recentemente na Nicaragua. Outros esforços que poderiam ser catalogados também como libertadores,pensamos que não são tais,porque lhes têm faltado,precisamente,a dimensão democrática da livre expressão das idéias.

Mas ,qual é a medula da pedagogia do oprimido? Fiori no-la aponta, ao escrever:

"Os caminhos da liberação são os do oprimido que

(78)Ernani Maria Fiori. Aprender a dizer a sua palavra. In: Paulo Freire. *Pedagogia do oprimido*. 19ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971. 184p.p.9

se libera:ele não é coisa que se resgata,é sujeito que se deve autoconfigurar responsavelmente."(79)

Esta idéia central,ele a desdobra, em seguida, com a clareza meridiana que é uma das suas virtudes filosóficas e estilísticas:

"A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de,reflexivamente,descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria história".(80)

Fiori nos introduz realmente na compreensão do que é a educação libertadora. Quem melhor reconhece o valor do prólogo de Fiori é o próprio Freire, que declara, empolgado: "Era maravilhoso.é uma das melhores coisas que eu conheço sobre que diabo é essa pedagogia do oprimido".(81)

Na sua visão fenomenológica da realidade,Fiori coloca ênfase nos conceitos de cultura e de subculturas,no mundo vivido e assinala a fonte específica, de natureza cultural, da educação libertadora, ao escrever:

(79)Ernani Maria Fiori.Ibidem,p.9

(80)Ernani Maria Fiori. Ibidem,p.9

(81)Paulo Freire. Depoimento de um grande amigo. Ibidem,p.285

"Uma cultura tecida com a trama da dominação, por mais generosos que sejam os propósitos de seus educadores, é barreira cerrada às possibilidades educacionais dos que se situam nas subculturas dos proletários e marginais. Ao contrário, uma nova pedagogia enraizada na vida dessas subculturas, a partir delas e com elas, será um contínuo retomar reflexivo de seus próprios caminhos de libertação." (82)

é interessante registrar que no Chile, "Aprender a dizer a sua palavra", teve ampla divulgação entre os que participavam em educação popular, às vezes sozinho, às vezes com "Pedagogia do oprimido". Os envolvidos em educação e cultura popular encontravam em Fiori as bases teóricas para compreender mais claramente as suas práticas e o coração do pensamento de Freire, especialmente o que era expresso na "Pedagogia do oprimido".

Quando Fiori analisa o método de alfabetização de Paulo Freire, mergulha profundamente no pensamento do autor da "Pedagogia do oprimido" e extrai dele aquela riqueza que não pode ser, obviamente, percebida e valorizada por aqueles que têm uma concepção mecanicista do método. As aplicações do método em regimes autoritários, têm eliminado simplesmente

(82) Ernani Maria Fiori. Aprender a dizer a sua palavra. In: Paulo Freire. Pedagogia do oprimido.

toda a sua dimensão libertadora. Tanto a visão mecanicista quanto a autoritária, são castradoras, e nada têm ver com o método de Paulo Freire.

método de Paulo Freire.

O próprio Fiori já advertia contra as possíveis deturpações:

"As técnicas do método de alfabetização de Paulo Freire, embora em si valiosas, tomadas isoladamente não dizem nada do método. Também não se juntaram ecleticamente segundo um critério de simples eficiência técnico-pedagógica. Inventadas ou reinventadas numa só direção de pensamento, resultam da unidade que transparece na linha axial do método e assinala o sentido e o alcance de seu humanismo: alfabetizar é conscientizar." (83)

Alguns ainda acreditam que Paulo Freire criou apenas um método de alfabetização de adultos. E que este método, assim concebido, por si só "conscientiza". Esquecem, ou ignoram, a dimensão global de sua proposta, enunciada já no título do seu livro, "Pedagogia do oprimido". Fiori, já em 1967, dizia:

"Talvez seja este o sentido mais exato da

(83) Ernani Maria Fiori. Op.cit., p.11

alfabetização: aprender a escrever a sua vida como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historizar-se. Por isto a pedagogia de Paulo Freire, sendo método de alfabetização, tem como idéia animadora toda a amplitude humana da "educação como prática da liberdade", o que, em regime de dominação, só se pode produzir e desenvolver na dinâmica de uma "pedagogia do oprimido". (84)

Se "(...) aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história(...)" é o sentido da alfabetização e, numa dimensão mais abrangente, de toda a pedagogia, então esta aprendizagem, para indivíduos e povos condenados à "cultura do silêncio", deve significar, acima de tudo, a conquista do direito à palavra e aprendizagem da palavra. Fiori soube colher e registrar esta exigência mais radical da "pedagogia do oprimido" numa das passagens mais luminosas de seu prefácio, ao escrever:

"Com a palavra o homem se faz homem, e o método que lhe propicia essa aprendizagem comensura-se ao homem todo, e seus princípios fundam toda a pedagogia, desde a alfabetização até os mais altos níveis do labor universitário. A educação reproduz, assim, em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do

(84) Ernani Maria Fiori. Op.cit., p.11

processo histórico de produção do homem. Para o homem, produzir-se é conquistar-se, conquistar sua forma humana. A pedagogia é antropologia". (85)

Precisaríamos deter-nos muito mais longamente em "Aprender a dizer a sua palavra". Mas quisemos apenas chamar a atenção para a importância de se estudar este escrito de Fioria que, como nenhum outro, revela a sua condição de pensador engajado decisiva e definitivamente na obra de libertação dos seres humanos, em qualquer lugar onde existam oprimidos e explorados.

CAPÍTULO 4.—PAULO FREIRE NO CHILE.

1.—A chegada de Paulo Freire ao Chile.

Depois de haver estado preso no Brasil, e de haver sido submetido a um interrogatório humilhante, Freire parte, como exilado, para Bolívia. Muito breve é sua permanência naquele país. Outro golpe militar o obriga a deixar La Paz. Seu rumo agora é o Chile. Este país tem uma longa tradição democrática. Além disso, um governo progressista assumiu o poder máximo da nação. Este fato, precisamente, facilitará a chegada dos brasileiros ao território chileno.

(85) Ernani Maria Fiori. Op.cit., p.13

Todas estas instituições, CORA, INDAP e ICIRA, tinham estreita e forte vinculação com o processo de reforma agrária que estava sendo desenvolvido pelo governo democrata-cristão. Nos "assentamentos", os camponeses pretendiam criar um novo Chile, e terminar com o latifúndio.

Esta possibilidade que se ofereceu a Freire nestes organismos, o colocou em contato direto com os camponeses chilenos. Em suas numerosas viagens, especialmente à zona central chilena, foco do latifúndio e dos principais centros de analfabetos, teve a oportunidade de conhecer a idiossincracia do homem chileno do campo. Desta maneira pôde avaliar melhor o desenvolvimento dos processos de alfabetização que estava assessorando.

Paulo Freire não trabalhou somente nos organismos oficiais mencionados. Prestou ajuda também a instituições privadas, ligadas à Igreja Católica.

Os quatro anos e meio em que Freire permaneceu no Chile, desde novembro de 1964 a abril de 1969, foram de intensa atividade teórica e prática. Vários livros foram concebidos nesse tempo. O principal deles, foi, sem dúvida, "Pedagogia do oprimido" que o tornou célebre no mundo inteiro, e que foi concluído em 1967. Antes, em 1965, havia

publicado "Educação como prática da liberdade." Em 1968, escreveu "Extensão ou comunicação"? Outros dois livros publicados posteriormente, depois de haver deixado o Chile, "Ação cultural para a liberdade" e "Educação e mudança", contém materiais que foram empregados como documentos de trabalho durante o desenvolvimento de suas atividades chilenas. Por outro lado, muitas idéias apenas esboçadas ou mencionadas durante esses anos, mais tarde foram por ele trabalhadas profundamente. Uma delas é a pergunta, como elemento fundamental de uma pedagogia da libertação. Sua concepção sobre o assunto aparece, com bastante destaque, na "Pedagogia do oprimido", onde Freire discorre em torno da "problematização" dos temas geradores. Mas ele a retoma, de maneira mais explícita, num de seus livros dialogados, sugestivamente intitulado "Por uma pedagogia da pergunta", em co-autoria com Antonio Faúndez, um chileno companheiro de exílio em Genebra.

2.-Paulo Freire nos Programas Especiais de Educação de Adultos do Ministério da Educação chileno.

O governo da Democracia Cristã elaborou um ambicioso plano de desenvolvimento da educação de adultos. Uma de suas metas mais caras era de alfabetizar aqueles grupos que se haviam mantido alheios a todas as campanhas de alfabetização realizadas no país. O propósito era o de baixar as percentagens de analfabetos, que se mantinham altos especialmente na zona rural. Para concretizar estes objetivos foi designado chefe desses Programas Especiais o professor Waldemar Cortés Carabantes

O professor Cortés nos conta que ele estava preocupado em buscar os caminhos mais certos para materializar as responsabilidades que o governo havia deixado em suas mãos. Naquele momento, tomou conhecimento que a Corporação de Reforma Agrária-CORA, havia contratado um brasileiro, que tinha um método de alfabetização de adultos, chamado por ele de "palavra geradora". Era 1965. "Então, diz Cortés, fui falar com esse brasileiro que se chamava Paulo Freire. Posso dizer que a entrevista foi extraordinariamente cordial. Quando lhe coloquei o motivo de minha visita, imediatamente ficou à nossa disposição. E quando fiz uma pergunta, mais por gentileza, sobre quanto seria o valor do direito de autor, Paulo me respondeu que não podia cobrar, porque o Chile o havia recebido muito bem, e que, inclusive estava disposto a trabalhar conosco. A entrevista foi cordial e fraterna. E aí nasceu uma amizade grande e forte." (5)

"Imediatamente, continua o professor Cortés, formei uma equipe de metodólogos para adaptar o método da palavra geradora ao Chile e ao espanhol, e nós o batizamos de método psicossocial. O primeiro método psicossocial que se elaborou no Chile, baseado nas idéias de Paulo Freire, foi para os camponeses da reforma agrária. Foi a CORA a primeira

(5) Waldemar Cortés. Ibidem

organização a lançar um manual do método psicossocial, para trabalhar com os adultos dos assentamentos".(6)

Mas o método não podia ficar restrito aos homens do meio rural. Era necessário que todo o país pudesse trabalhar com as idéias de Paulo Freire. "Por isso elaboramos, prossegue Cortés, um manual, como guia geral para aplicação do método psicossocial. Um grupo de professores chilenos, sob a supervisão de Freire, trabalhou intensamente. O resultado foi um instrumento que chegou a todas as partes. E começou a aplicar-se sem carga alguma de política partidária. Respeitamos a pessoa."(7)

Paulo Freire se somou com entusiasmo à divulgação e aplicação do método de alfabetização. "Foi um fato histórico muito importante-declara Cortés-esta adaptação que fizemos do método de Paulo Freire. Centenas de monitores, ao longo do país, foram capacitados na filosofia e técnica do método. Às vezes, nos acompanhou o próprio Freire. Inclusive a brigada militar dos setores fronteiriços tomou conhecimento do método. Chegou depois outro brasileiro para trabalhar conosco. Este era um sábio, um filósofo, Alvaro Vieira Pinto. Fomos seus alunos. Sua palavra era maravilhosa".(8)

(6)Waldemar Cortés. Ibidem

(7)Waldemar Cortés. Ibidem

(8)Waldemar Cortés. Ibidem

Algumas vezes tem se levantado a idéia de que o método psicossocial foi elaborado totalmente no Chile; que Paulo Freire tinha apenas uma idéia geral de seu método. Cortés afirma: "Paulo tinha elaborado, em português, a parte introdutória, que é fundamental. Não podíamos usar, por exemplo, a palavra "tijolo", que foge à realidade chilena e aos princípios fonéticos e lingüísticos do espanhol. Freire divulgou seu método em toda a América Latina e nosso trabalho de adaptação foi conhecido em todo o continente." (9)

Não é raro encontrar pessoas convencidas de que o método psicossocial de Paulo Freire se pode aplicar tanto nos regimes autoritários como nos democráticos. O MOBRAL, por exemplo, dizia que seus professores e animadores seguiam as idéias de Freire, na alfabetização de adultos. É um fato reconhecido por todos que o método psicossocial de alfabetização de adultos foi aplicado durante os governos de Frei, Allende e Pinochet, sendo novamente usado agora sob a Presidência de Aylwin. Cortés faz uma análise crítica muito lúcida das diferentes maneiras como foi usado, ideológica e politicamente, o método de Freire, relatando em sua entrevista conosco:

"Nós começamos aplicando o método de Paulo no
governo de Frei. Seguimos as idéias matrizes de

(9) Waldemar Cortés. Ibidem

Freire sobre conscientização, participação, diálogo e organização. Mas nosso trabalho eliminou todo sectarismo partidário. Não queríamos formar democrata-cristãos através da alfabetização. Veio depois o governo de Allende. O método psicossocial se transformou num claro instrumento do sectarismo. Queria-se alfabetizar, mas também formar partidários da Unidade Popular, gente que apoiasse o governo de Allende. Em seguida, chegou a ditadura, e o método continuou sendo usado. Agora, porém, como um aparato neutro. Não existia reflexão crítica sobre a realidade. As palavras "leite" e "casa", por exemplo, foram despidas de qualquer significado social, revolucionário ou de protesto. Nos dois últimos casos, achamos que não se aplicou o método psicossocial de alfabetização de adultos. No primeiro, no tempo de Allende, a carga ideológica era definida e operacional. Era o método a serviço de uma doutrina. Durante o regime militar, o método foi despojado de toda a sua força libertadora. Em ambos os casos, segundo nosso ponto de vista, Freire foi totalmente deturpado". (10)

(10) Waldemar Cortés. Ibidem

De acordo com o professor Cortés, foi durante o governo da Democracia Cristã que o método psicossocial de alfabetização de adultos foi corretamente usado. Dentro da mesma linha, o método continuou sendo aplicado depois, no governo de Aylwin. De que maneira o método psicossocial foi utilizado com os alfabetizandos, nesta nova fase da vida nacional? O professor Cortés esclarece:

"Estamos vivendo um período de redemocratização nacional. A ditadura deixou marcas muito profundas na consciência do país, nas pessoas. Há um renascimento no espírito de liberdade. Há um novo governo democrata-cristã. Não é uma volta ao passado, apesar de muitos homens da década de setenta, estarem em cargos de alta responsabilidade na vida da nação. Meu chefe imediato, Patrício Rojas, no Ministério da Educação em 1968, é agora Ministro da Defesa; Pacheco, agora senador, era, naquela época, Ministro da Educação. Estes democrata-cristãos, apesar das suspeitas em torno de Freire, por seu passado brasileiro revolucionário, me apoiaram quando alguns padres e outras pessoas me acusaram de que eu estava usando, nas escolas, o método psicossocial de alfabetização, que era marxista." (11)

(11) Waldemar Cortés. Ibidem

Em seguida, o professor Cortés refere-se à situação política vivida pelo país e à relação desta com a aplicação do método psicossocial:

" Nas condições atuais que o país vive
país, tendo como Presidente o democrata-cristão
Aylwin e como Ministro de Educação, Ricardo Lagos,
socialista, o pensamento de Freire está voltando
com a sua força ideológica, centrada na
conscientização e na participação".(12)

Pareceu-nos interessante conhecer uma opinião crítica, a do professor Cortés, sobre o método psicossocial. Sua vasta experiência em educação de adultos, como consultor da UNESCO como chefe do Centro Latino-Americano de Educação de Adultos, com sede no México, e como responsável pelo desenvolvimento, no continente, da alfabetização funcional propiciada pela UNESCO, dá à sua palavra o valor de quem tem estado muito perto das realidades do analfabetismo na América Latina. É por isso que seus questionamentos trazem a marca da solidez que brota da práxis, como nas reflexões que seguem:

(12)Waldemar Cortés. Ibidem

Paulo Freire nos permitiu realizar um belo trabalho no Chile, com seu método de alfabetização de adultos. Eu diria que é importante despertar a consciência crítica, mas é fundamental que a consciência crítica não navegue no vazio. É preciso que ela possa abrir-se às mudanças concretas, reais, nas quais vive o homem. Do contrário corre o risco de uma frustração. É como ensinar as pessoas a ler, e depois não terem o que ler. Ou como dizer ao homem: "Você pode ter trabalho no futuro, mas não temos trabalho agora" E ele continua com fome, abandonado, sem assistência médica, etc. Esse salto da consciência crítica às mudanças não pode ser muito distante da realidade. Do contrário, o que resultará serão unicamente amarguras e profundas frustrações. Estamos plenamente conscientes de que, para atingir tudo isso, precisamos mudanças grandes, estruturais. Como então combinar esse despertar crítico, próprio do momento da alfabetização, com as transformações que se colocam como metas que se diluem no tempo?".(13)

Indiscutivelmente, o método psicossocial funciona melhor nos processos de alfabetização grupais: de

(13)Waldemar Cortés. Ibidem

camponeses, de sapateiros, de pescadores, etc. Os interesses são comuns, o universo das palavras é homogêneo, todos desenvolvem as mesmas atividades. A comunicação é fácil.

"Eu diria, como Alvaro Vieira Pinto, afirma Cortés, que os processos de alfabetização do adulto estão intimamente ligados ao mundo do trabalho. E, como disse Alvaro, com a alfabetização devemos mudar a situação existencial de trabalho, do alfabetizando, para que ele sinta que, ao alfabetizar-se, se muda a sua existência. Do contrário, ele continuará analfabeto, porque descobrirá que para continuar como está, não precisa saber ler e escrever." (14)

Nessa linha de pensamento, Cortés defende, por isso, a idéia de que, ao mesmo tempo que o sujeito se alfabetiza, deve progredir em seu trabalho, aprendendo novas técnicas, dominando os detalhes, que lhe permitirão, como camponês, obter maior rendimento em sua colheita de trigo, eliminando as pragas que destroem as sementeiras, ou, como pescador, conhecer e explicar os segredos de seu trabalho.

Não é possível alfabetizar no vazio, num mundo abstrato. O mundo do alfabetizando é o mundo do seu trabalho

(14) Waldemar Cortés. Ibidem

quotidiano, o mundo do pescador, do arrozeiro, do algodoeiro. Devemos partir de uma situação concreta, do homem de carne e osso, que tem filhos, que tem mulher, que tem um trabalho determinado. Por isso, o êxito de Paulo Freire no ICIRA, no INDAP e na CORA. Alfabetizava-se o homem do campo, o camponês que conhecia cada palavra que deveria escrever e saber ler. Assim o método psicossocial tem uma força incrível. (15)

Waldemar Cortés conclui suas ponderações, corroborando-as com o depoimento eloquente de um camponês:

"Um dia, na Colombia, nós vínhamos de volta do campo. Encontramos um homem, com suas ferramentas ao ombro. Conversamos. E a uma pergunta nossa, ele nos disse: "Olha, senhor, o que nós queremos é a educação do trabalho." Isto nos fez pensar como eram válidos os princípios de Paulo Freire. Mas não podemos alfabetizar misturando grupos, trabalhando, simultaneamente, com alfabetizando arrozeiros e sapateiros. São mundos concretos diferentes, e a alfabetização torna-se mais difícil, mais complexa." (16)

(15) Waldemar Cortés. Ibidem

(16) Waldemar Cortés. Ibidem

O método psicossocial de alfabetização de adultos, de Paulo Freire, se emprega desde a década de sessenta, em forma ininterrupta, no sistema educacional chileno, segundo o Coordenador Nacional de Alfabetização, do Departamento de Educação de Adultos, da Divisão de Educação Geral do Ministério da Educação, professor Olegario Ortiz. Com uma experiência de mais de vinte anos na área, ele conhece todas as atividades desenvolvidas pelo Ministério, em relação à Educação de Adultos, nas últimas décadas. Para o professor Ortiz, a presença de Paulo Freire no Chile, nos anos sessenta, foi importante. E desde aquele tempo, usa-se a mesma metodologia de alfabetização, elaborada segundo o pensamento de Freire. Isto quer dizer que o método psicossocial foi usado durante quatro governos chilenos, três deles eleitos democraticamente, e um que, surgido como resultado de um golpe militar, durou dezessete anos. É importante saber como, por exemplo, se desenvolvia, no período autoritário, o processo de conscientização dos alfabetizandos, um dos traços essenciais da concepção de Freire. Ortiz nos esclarece:

Existe uma situação muito complexa, em termos sociais. Utilizou-se a metodologia de Paulo Freire, a partir de palavras geradoras... Isto é, a própria metodologia... Em todos os governos empregou-se a mesma metodologia. E foram praticamente os mesmos professores, os responsáveis pelo processo de

alfabetização."(17)

As palavras do professor Ortiz parecem indicar que o plano nacional de convivência entre os chilenos era sempre o mesmo. Se houve mudanças no uso do método psicossocial, isto deveu-se, não à iniciativa do poder autoritário, mas aos que assumiram a responsabilidade de alfabetizar.

Quando nos preocupamos em saber quais haviam sido as palavras geradoras usadas durante o período ditatorial, e em que forma elas foram empregadas, o professor Ortiz assegura:

"Usamos a maioria das palavras geradoras que vinham sendo utilizadas nos governos de Frei e Allende. No caso das palavras "casa" e "leite", por exemplo, foi eliminada a carga ideológica, muito forte durante a fase allendista. Também foram eliminadas algumas palavras e substituídas por outras. Foram os diretores técnicos de alfabetização que propuseram o universo de palavras, que representava a dimensão nacional do método".(18)

(17) Olegario Ortiz. Declarações em entrevista. Santiago do Chile, 1991.

(18) Olegario Ortiz. Ibidem

Noutros termos, durante a ditadura, as palavras foram despojadas do possível sentido que elas poderiam ter, de conscientização da realidade dos alfabetizandos. Os vocábulos escolhidos, na forma com que eram empregados, não continham a crítica do mundo em que se vivia. Eram absolutamente neutros. Ou seja, como é lógico, o método de Freire, de fato, não existia. Tomou-se o arcabouço da idéia, eliminando-se desta todo o conteúdo que a sustentava.

Durante a democracia, os professores alfabetizadores não tinham problemas para seguir o pensamento de Freire. No período autoritário porém,

"(...) a política era vedada. É um fato. Ninguém podia fazer qualquer crítica ao sistema ditatorial. Desta maneira, o método psicossocial se empregava divorciado da realidade". (19)

A mecânica do método de alfabetização, era o que interessava. Essa prática, sem dúvida, significava um retrocesso violento, nas relações do sistema educacional de adultos com os alfabetizandos. Mas os alimentadores desse sistema, os alfabetizandos, os professores e animadores, tinham que sobreviver a essa dura circunstância

(19) Olegario Ortiz. Ibidem

histórica que vivia o país. Por outro lado, em condições políticas normais, democráticas, o processo de alfabetização depende muito do professor. O método de Paulo Freire exige um compromisso político do educador. No caso que não exista este compromisso, o processo de alfabetização fica truncado.

O professor Ortiz reconhece que a filosofia de Paulo Freire, que se refletia em seu método psicossocial de alfabetização de adultos, ultrapassa os limites da mera alfabetização. É uma concepção global da educação. Afirmar Ortiz:

"Noutras palavras o pensamento de Freire abrange todo o processo educativo. Operacionalizou-se na alfabetização de adultos. Pode ser, porém, inspirador de outros níveis de ensino. No Chile, por exemplo, é difícil encontrar grupos de analfabetos: de pescadores, de camponeses. Exige-se um trabalho individual de alfabetização. Isto limita o método psicossocial em sua idéia de crescimento mútuo. Mas é possível desenvolver o pensamento de Freire na pós-alfabetização e na educação básica e média, por exemplo". (20)

(20) Olegario Ortiz. Ibidem

O método psicossocial começou a ser aplicado num período de grandes mudanças para o país. O governo de Frei, que reunia setores de todos os níveis sociais, deu especial relevância aos grupos que até aquele momento haviam sido marginalizados das conquistas da civilização e da cultura. O desenvolvimento popular, apoiado em importantes reformas que foram feitas pela "revolução em liberdade", tais como a reforma agrária, a reforma educacional, a sindicalização camponesa, a "nacionalização" das grandes empresas multinacionais, como as do cobre, etc., originaram um sentimento de participação muito amplo. Inserido dentro desse contexto, o método psicossocial de alfabetização de adultos, de Freire, com sua filosofia libertadora, encontrou um terreno muito fértil para seu desenvolvimento. É a partir disto que se explica, em parte, seu êxito no Chile. (21)

Segundo alguns, porém, foi durante o período do governo de Allende, entre 1970 e 1973, que o método psicossocial de Freire, alcançou o mais alto nível de desenvolvimento e aplicação. Ao que parece, os allendistas encontraram nesse recurso pedagógico de contato com os adultos, um instrumento de primeira ordem, para despertar nos cidadãos um sentimento de profundo interesse para conhecer e participar nas transformações sócio-econômicas e culturais propiciadas pelo presidente socialista.

(21) Olegario Ortiz. Ibidem

O Chefe Técnico da Seção de Educação de Adultos, do Ministério da Educação, durante o governo de Allende, e atual Chefe do Departamento Regional de Educação Santiago-Centro, o professor Sergio Arévalo, diz que conheceu Paulo Freire em 1967, quando foi convocado a Santiago, como professor de Educação de Adultos, na cidade de Ancud, no sul, para participar de um seminário no qual seriam professores dois brasileiros, Alvaro Vieira Pinto e Paulo Freire.

"O primeiro, diz ele, nos impactou a todos com suas idéias inovadoras e sábias. E com Freire, conhecemos seu método psicossocial, que despertou em nós um grande interesse. O método, acrescenta ele, nos impressionou por sua simplicidade, pela forma pela forma dialógica, pela motivação. Tiramos proveito da idéia da conscientização. Nós a reelaboramos, e a fizemos chilena. Nós elaboramos um texto que acabou sendo conhecido noutros países latino-americanos e aplicado nestes com muito poucas modificações. Para mim, a motivação do método psicossocial é a mais interessante e a mais rica. Ela é um apelo para a necessidade de coerência que deve existir na conduta moral do professor". (22)

(22) Sergio Arévalo. Declarações em entrevista. Santiago do Chile, 1991.

A negação da conscientização, dimensão essencial do método psicossocial, fez que o mesmo de fato não fosse empregado durante a ditadura. O que se usou foi uma forma mecânica, elaborada sem nenhuma seriedade. Não se precisa um conhecimento profundo do método de Paulo Freire para descobrir a fraude que se intentava colocar em prática. (23)

Uma comparação entre os textos do método psicossocial, "empregados nos diferentes períodos, poderia mostrar as diferenças que apresentavam. É muito difícil, porém, encontrar um exemplar do método psicossocial usado durante o governo de Allende. Depois do golpe, era crime ter em seu poder livros dessa natureza. Por isso, foram queimados". (24)

Segundo o professor Arévalo, se as diferenças entre a aplicação do método durante o período democrático durante a ditadura eram evidentes, também o foram, ainda que noutra dimensão, durante os governos de Frei e Allende. No primeiro, se tratava da problemática do subdesenvolvimento de uma maneira muito suave. Por exemplo, quando se tratava da palavra "casa", se iniciava a conscientização e a motivação baseados no homem que não tinha casa própria. Continuava-se, depois, com conhecimento dos planos habitacionais do

(23) Sergio Arévalo. Ibidem

(24) Sergio Arévalo. Ibidem

governo, e com a discussão do compromisso de todos com aquelas iniciativas. O coordenador deveria ter uma boa informação, capaz de humanizar a problemática a partir da origem da questão social de falta de moradia. O alfabetizando se integrava naturalmente na discussão do problema à medida que se manejavam os dados históricos e o estudo da realidade. No governo de Allende, em primeiro lugar, se havia avançado muito, do ponto de vista do compromisso social e de uma compreensão mais profunda dos problemas nacionais. Existia, portanto, maior unanimidade, maior esperança, e uma identificação mais sólida dos professores com a política allendista. (25)

Frente à crítica de que, durante o governo de Allende, se colocou demasiada ênfase na conscientização, esquecendo um pouco de oferecer aos sujeitos os instrumentos para atuar em cima da realidade, o professor Arévalo afirma:

"Não foi assim. Essa crítica já foi levantada, nos tempos de Frei, pelas tendências políticas conservadoras. Estas, inclusive, acusaram Freire de ser marxista. Para entender o método de Paulo era necessário incorporar ao espírito toda uma concepção de pensamento que corresponde a uma visão libertadora do homem imensamente humanista. Paulo Freire e Alvaro Vieira Pinto se

(25) Sergio Arévalo. Ibidem

distinguiram claramente por isso. E todos os professores chilenos nos sentimos comprometidos com o destino do ser humano. Nós, educadores, não teríamos permitido uma deturpação mesquinha do método. A conscientização não é outra coisa, senão a motivação para a liberdade humana. Se os professores trabalharam, nos tempos da ditadura, com um remedo do método, foi por problemas essencialmente de sobrevivência. (26)

Se os educadores chilenos consideravam o método psicossocial de Freire como uma "lâmpada encontrada para iluminar a sua vida profissional", (27) qual foi a reação dos alfabetizandos frente ao pensamento de Freire ? O professor Arévalo declara:

"Foi incrível. Foi maravilhosa. Os alfabetizandos, logo que aprendiam a ler exigiam mais e mais luz, com sede insaciável. Não se tratava de casos isolados. Havia uma espécie de mística. Os que dominavam a leitura e a escrita, logo se transformavam em alfabetizadores. Todas essas capacidades, que estavam freçadas sob problemas culturais, emergiam até ser capazes de ação. Eu

(26) Sergio Arévalo. Ibidem

(27) Sergio Arévalo. Ibidem

digo que, para mim, foi profundamente satisfatório e honroso descobrir que nos anos da ditadura, pessoas formadas por nós, realizaram um trabalho de alfabetização rústico, nas vilas, nos bairros. Isso dá uma idéia do alcance e da profundidade que teve, para as pessoas, o método psicossocial de Paulo Freire, que conheceram nos primeiros anos da década de setenta. Como consequência, dez anos mais tarde, eram capazes de correr riscos de vida, sob a ditadura brutal, para guiar seus irmãos na busca dos segredos da leitura." (28)

Os fundamentos do método psicossocial, conhecidos principalmente através de Vieira Pinto, eram profundos e complexos. Como os profissionais da educação encararam essas dificuldades, como se preparavam para estar à altura do que exigiam as novas circunstâncias históricas que viviam? Os educadores tiveram a impressão que suas funções tradicionais se enriqueciam notavelmente. Eles se definiam como um trabalhador social especializado em educação. Isto significava desde conhecimentos de desenvolvimento das comunidades, com seus elementos físicos, materiais, humanos e políticos, até concepções sobre a inserção do homem na realidade em transformação, da América Latina. Os pensadores brasileiros com os quais estavam em contacto, impresionaram, de maneira notável, os educadores de primeiro (28) Sergio Arévalo. Ibidem

e segundo graus, e os jovens animadores de educação de adultos.(29)

Segundo o professor Arévalo,

"Dois caminhos foram seguidos, para dar resposta aos compromissos nascidos da nova filosofia que alimentava o processo de alfabetização. Em primeiro lugar, os educadores se autopreparavam, estudavam, individualmente ou em grupos, sem omitir sacrifícios pessoais ou familiares. Em seguida, em forma oficial, o Ministério da Educação, através de estruturas informais e formais, chegou massivamente aos educadores. Para cumprir este objetivo, as Universidades também assumiram responsabilidades. A Educação de Adultos dispôs, nesses momentos, de recursos econômicos tais, de que que nunca se teve conhecimento antes, ao longo da história. Centenas de professores eram capacitados todos os anos. Também os estudantes universitários se juntaram a este desenvolvimento da Educação de Adultos que se estava realizando no país."(30)

(29) Sergio Arévalo. Ibidem

(30) Sergio Arévalo. Ibidem

As políticas públicas desencadeadas pelo governo de Allende, profundamente progressistas e humanas, obrigaram os que as apoiavam a introduzir mudanças nas estruturas, funções e conteúdos de muitas iniciativas importantes, para adaptá-las melhor aos objetivos que se desejavam alcançar. O método psicossocial também sofreu transformações. Foi iniciada a metodologia mudando a motivação, que ficou muito diferente da de Paulo Freire. Essa motivação foi orientada a uma reflexão sobre a problemática do homem e de sua realidade, num país subdesenvolvido, para a redescoberta daquelas capacidades que permitam modificar o mundo em conjunto com outros homens, como esclarece Arévalo:

"Portanto, nós começamos confrontando os educandos com sua realidade de alimentação, e incorporamos a palavra "leite". Este era um vocábulo denso e rico em elementos motivadores. Nos planos do governo era prioritário melhorar a alimentação do povo. E o "leite" era um dos elementos básicos da melhoria de vida dos habitantes, especialmente das crianças, que recebiam gratuitamente, meio litro diário de leite. O governo estava realizando, neste sentido, grandes investimentos, e os cidadãos deveriam tomar consciência desta realidade para ajudar a materializá-la da melhor maneira. A motivação foi, assim, reformulada, escolhendo-se palavras

que pertencessem realmente ao vocabulário dos chilenos, ligados a conteúdos de reflexão próprios de sua realidade"- (31)

Com a volta da democracia, também regressou o método psicossocial de Paulo Freire.

Observa, porém, Arévalo:

"A realidade é outra, muito diferente da que vivemos entre 1970 e 1973. A educação de adultos não é a primeira prioridade do plano educacional do governo de Aylwin. Outros são os problemas que vive o país. A alfabetização de adultos não é básica. O importante é a pós-alfabetização. Deseja-se qualificar e elevar o nível de escolaridade do adulto. O Ministério da Educação e outros organismos oficiais estão preocupados, prioritariamente, com os problemas que vive a juventude. E é bom que assim seja. Mas se percebe facilmente que não existe esse espírito de esperança que agitava o povo chileno nos primeiros anos de setenta. A ausência dessa força talvez se deva ao período de transição que estamos vivendo. As sombras da ditadura pairam ainda sobre o coração dos

(31) Sergio Arévalo. Ibidem

chilenos."(32)

Durante o governo de Allende, entre os anos 1970 e 1973, o atual chefe de gabinete do Ministro da Educação, Ricardo Lagos, o professor Carlos Eugenio Beca, teve sob sua responsabilidade a chefia da Educação de Adultos do Ministério da Educação. Beca, como dissemos, foi aluno de Freire no ICIRA. A partir do Ministério da Educação, Beca estabeleceu uma relação muito estreita de colaboração, para tarefas de alfabetização e de educação de adultos, com os organismos encarregados da reforma agrária. Ele sabia que, por influência de Freire, existiam no ICIRA, no INDAP e na CORA, equipes capacitadas para trabalhar em educação de adultos. Estes grupos se juntaram aos do Ministério da Educação, que também haviam sido formados por Freire. De maneira que o pensamento do educador brasileiro era absolutamente dominante, entre todos os que estavam vinculados à Educação de Adultos.

Declara Beca:

"Minha experiência me mostrava que muitos dos que diziam trabalhar com o método de Paulo

Freire o faziam de forma mecânica. Não haviam

captado a verdadeira filosofia do método. Os cursos

(32) Sergio Arévalo. Ibidem

ou seminários que haviam realizado com Freire ou intermediários(monitores,educadores,etc.), não lhes proporcionaram a clareza que era necessária para aplicar o método com dimensões transformadoras.

Por outro lado, uma idéia como a trabalhada por Freire requeria uma fundamentação que muitos não possuíam. Também a política de concretizações socialistas, que animava o governo de Allende , exigia novas dimensões de desenvolvimento da educação de adultos. Por estas e outras razões, o Ministério da Educação introduziu modificações importantes no método psicossocial de Freire. A versão original do método foi alterada especialmente no referente à motivação e as palavras geradoras."(33)

Como já observamos acima, o aspecto mecânico do emprego do método de Paulo Freire, foi um traço essencial de sua aplicação durante a ditadura. As pessoas esqueciam que a grande contribuição de Freire é para a educação que visa a libertação do ser humano. Elas se detinham, muitas vezes, no esquemático, sem descobrir as profundas conotações humanas que movem o pensamento de Freire. No melhor dos casos

(33) Carlos Eugenio Beca. Ibidem

achavam que Freire é autor, exclusivamente, de um método de alfabetização de adultos.(34)

É conveniente ressaltar também que, no governo de Allende, se colocou muita ênfase na conscientização, esquecendo às vezes as tarefas relacionadas com o saber ler e escrever. Ficaram também de lado as possibilidades de que os adultos pudessem adquirir certas competências básicas, necessárias para transformar a realidade".(35)

Em maio de 1969, o chefe dos Planos Extraordinários de Educação de Adultos, do Ministério da Educação, professor Waldemar Cortés Carabantes, apresentou um relatório das atividades desenvolvidas pelo setor, no período 1965-1969. O documento deve ser destacado por diferentes razões importantes. Em primeiro lugar, porque essa foi a fase na qual Paulo Freire prestou sua colaboração direta à Educação de Adultos no Chile. Além disso, porque a etapa abrangida pelo relatório coincide com o tempo transcorrido por Freire no Chile. Ele deixou o país para ir trabalhar na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, em abril de 1969. Havia uma terceira razão. Se lermos atentamente, com efeito, o documento mencionado, descobriremos, em muitas de suas páginas, os traços das idéias de Freire. Isto quer dizer que seu pensamento estava impregnando a trajetória do

(34) Carlos Eugenio Beca. Ibidem

(35) Carlos Eugenio Beca. Ibidem

desenvolvimento da Educação de Adultos naquele país. Como quarta razão, cabe lembrar que, no dia 8 de dezembro de 1967, "Dia Internacional da Alfabetização", a UNESCO outorgou um reconhecimento internacional ao Chile, pelo "esforço sistemático para reduzir rapidamente a taxa de analfabetismo do país e para integrar os programas de alfabetização aos objetivos do desenvolvimento nacional".(36) Em quinto lugar, é interessante salientar que nesse relatório existem referências específicas ao método psicossocial de alfabetização de adultos de Paulo Freire.

Não pretendemos afirmar que este reconhecimento internacional da UNESCO para o Chile se deveu apenas ou principalmente ao trabalho realizado por Freire no Ministério da Educação daquele país. Sem dúvida alguma muitos fatores se uniram para tornar possível esta distinção. Viviam-se, naquele período, a euforia da "Revolução em liberdade", e as pessoas se sentiam chamadas a participar em tarefas que visassem o bem-estar coletivo. Reconhecia-se o direito de todos à condição de cidadãos conscientes e responsáveis pelo progresso do país, podendo usufruir, portanto, dos bens culturais, entre os quais, o de saber ler e escrever. Por outro lado, foram colocados na Educação de Adultos os dirigentes certos, adequados ao clima do tempo que se respirava. Noutras palavras, havia uma

(36) Chile. Ministerio de Educación. Informe sobre la educación de adultos en Chile. Santiago de Chile, 1969. 103p p.14

"espécie de vontade geral" de avançar e de fazer as coisas de forma positiva.

Se não podemos atribuir exclusivamente ao trabalho de Freire o reconhecimento da UNESCO, pensamos, porém sinceramente, que o seu método psicossocial foi um instrumento inesperado e riquíssimo, nas mãos daqueles que buscavam caminhos para realizar as transformações que o país pedia. Deve-se salientar, aqui, a sensibilidade do responsável, em nível nacional, para desenvolver os programas de alfabetização de adultos, o professor Waldemar Cortés, em captar, desde o primeiro instante, as vantagens que apresentava, frente aos outros métodos, a proposta de Paulo Freire.

Entre as páginas 16 e 21 inclusive, o "Informe" ao qual nos estamos referindo, apresenta uma descrição detalhada do método psicossocial. Não se menciona, em nenhuma parte do relatório, o nome de Freire. As circunstâncias políticas obrigaram, talvez, a silenciar o nome do autor do método. Freire havia sido questionado, como dissemos, pela ala direita do Partido Democrata-Cristão, que o acusava de marxista. O próprio Waldemar Cortés também tinha problemas mais ou menos graves, que o obrigaram a aceitar um cargo na UNESCO depois de haver rejeitado, pouco tempo antes, a pedido do governo, o convite que lhe fazia aquele órgão das Nações Unidas. Desta maneira, no mesmo ano, em 1969, deixavam o país

duas personalidades altamente responsáveis pelo desenvolvimento da educação de adultos.

Achamos interessante reproduzir ,em seus aspectos fundamentais, a descrição do método psicossocial contida no "Informe". Diz o mencionado documento oficial do governo:

"O Programa tem adoptado um método novo de alfabetização, de notável valor.Trata-se do método psicossocial,cuja didática tem sido elaborada,para a língua espanhola,pelas equipes especializadas da Chefia de Planos Extraordinários de Educação de Adultos".(37)

O documento de 1969, destaca, em seguida,uma qualidade essencial do método:

"Ele não se limita à mera transmissão de uma técnica particular(a da leitura e da escrita),mas pretende produzir uma mudança na consciência do educando,tornando a crítica de si e da realidade. Deste modo, o sujeito da alfabetização é o próprio alfabetizando. Ao invés de ser objeto da ação do educador,ele é o próprio sujeito de sua transformação pessoal.A contribuição do educador consiste em possuir uma técnica adequada para

(37)Chile. Ministerio de Educación. Op.cit.,p.16

proporcionar os elementos da linguagem escrita, em forma tal, porém, que estes representem a mesma realidade do alfabetizando e sejam reconhecidos por ele como tais".(38)

Referindo-se, mais adiante, às etapas do processo de conscientização, o "Informe" salienta:

"O primeiro passo para a constituição da autoconsciência crítica do trabalhador está em fazê-lo tornar-se espectador de sua realidade, para refletir sobre ela."(39)

Dois objetivos são evidenciados, no método psicossocial: obter que os adultos analfabetos aprendam rapidamente a ler e escrever, e fazer que eles se sintam plenamente conscientes do alto valor que têm, como seres humanos. Esta elevação cultural e social dos alfabetizandos se alcança através da "conscientização".(40)

O "Informe" descreve as etapas do método e todos os detalhes do desenvolvimento do mesmo. Em relação às fases do método psicossocial, distinguem-se três: a preparatória (

(38) Chile. Ministerio de Educación. Ibidem, p.16

(39) Chile. Ministerio de Educación. Ibidem, p.16

(40) Chile. Ministerio de Educación. Ibidem, p.17

estudo da linguagem, das necessidades e dos problemas da comunidade à qual pertencem os alfabetizandos; selecionam-se os temas de discussão, que servirão tanto para a leitura e escrita como para a reflexão dos alfabetizandos); na etapa da *motivação*, quando se usa material convenientemente codificado, se reflete sobre o papel do homem na natureza e na sociedade. Na última etapa, de *aprendizagem da leitura e da escrita* propriamente ditas, reflete-se sobre a realidade dos alfabetizandos e de sua comunidade local e nacional, utilizando material codificado. Simultaneamente, se aprende a ler e escrever. O êxito, especialmente neste último aspecto, se alcança mediante uma adequada descodificação. (41)

Como já expressamos, o método psicossocial de Paulo Freire precisa de um pessoal adequadamente preparado, para que se possam obter os resultados positivos desejados. Por isso, de acordo com o teor do "Informe", o Ministério da Educação do Chile, desenvolveu um plano muito amplo, em nível regional e nacional, de capacitação de pessoal docente, para realizar as tarefas de alfabetização de adultos. Neste sentido, em torno de 10.000 professores de primeiro grau realizaram cursos que lhes permitiram dominar as técnicas de educação de adultos, e outros se especializaram naquelas funções. (42)

(41) Chile. Ministerio de Educación. Idem, p.19

(42) Chile. Ministerio de Educación. Ibidem, p.20

Durante o ano de 1965 prepararam-se o pessoal necessário e os materiais indispensáveis para desencadear, em 1966, o uso do método, nos Centros de Educação Básica e Comunitária, nas Escolas e Cárceres, com o intuito de estendê-lo, progressivamente, a todo o país.(43)

Sobre os resultados atingidos com o uso do método psicossocial, o "Informe" diz o seguinte:

"Pelas experiências recolhidas, pode-se afirmar que o método desperta interesse pela análise de problemas que afetam a realidade vivida pelo adulto, e que a aprendizagem da leitura e da escrita é rápida e ativa."(44)

O "Informe" sobre a Educação de Adultos no Chile, de 1969, contém, podemos dizer, todo o desenvolvimento que alcançou esse setor durante o governo de Frei. Nesse sentido, para os interessados na temática da Educação de Adultos na América Latina é fundamental. Nosso objetivo, ao analisá-lo, era o de destacar o que podia estar mais evidentemente relacionado com a presença e influência de Paulo Freire no Chile e com a utilização de seu método psicossocial de alfabetização de adultos, naquele país.

(43) Chile. Ministerio de Educación. Ibidem, p.21

(44) Chile. Ministerio de Educación. Ibidem, p.20

3.-Paulo Freire e suas atividades nos organismos da reforma agrária chilena:a educação de adultos nos assentamentos.Suas experiências com os camponeses.

Lembremos que quando chegou ao Chile, em novembro de 1964, Freire se incorporou imediatamente ao Instituto de Desarrollo Agropecuario-INDAP, presidido por Jacques Chonchol. Em 1965 começou a colaborar com outro organismo similar, a Corporación de la Reforma Agraria-CORA. Seu trabalho original, inovador, de alfabetização de adultos, nesta última instituição, chamou a atenção de Waldemar Cortés Carabantes, que desempenhava, naquele tempo, a Chefia dos Planos Especiais de Educação de Adultos do Ministério da Educação. O trabalho de Freire neste último organismo limitou-se, inicialmente, a prestar assessoria na adaptação de seu método de alfabetização de adultos à língua espanhola e à realidade chilena, realizada por uma equipe de especialistas. Mas ele prestou também uma contribuição importante, junto com Alvaro Vieira Pinto, na capacitação dos professores que, na qualidade de assessores técnicos de educação de adultos, assumiriam responsabilidades de divulgação e coordenação nos diferentes centros do país. Eles eram preparados especialmente para a alfabetização de adultos com o método de Paulo Freire, que já tinha um nome, como dissemos anteriormente, denominando-se método psicossocial de alfabetização de adultos.

"E foi, diz Paulo Freire, enquanto assessor do Instituto de Desarrollo Agropecuario, do Ministerio de Educación, da Corporación de la Reforma Agraria que, viajando quase todo o país, acompanhado sempre por jovens chilenos, na sua maioria progressistas, ouvi camponeses e discuti com eles sobre aspectos de sua realidade; debati com agrônomos e técnicos agrícolas uma compreensão político-pedagógico-democrática de sua prática; debati problemas gerais de política educacional com os educadores das cidades que visitei".(45)

Posteriormente, em 1968, quando a sua experiência sobre a realidade do Chile, de sua "Revolução em liberdade", de seus desvios e descaminhos, de sua gente, de seus camponeses, de seus educadores, de seus projetos, de seus costumes, de sua cultura, havia crescido muito, Freire, começou a trabalhar num importante organismo das Nações Unidas e do Chile, ligado à UNESCO, o Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agraria-ICIRA.

No ICIRA trabalhava um importante grupo de brasileiros e de chilenos que tinha uma visão, em geral, progressista do desenvolvimento do país. Era esta a concepção que orientava as atividades nele realizadas.

(45) Paulo Freire. Pedagogia da esperança. p.41

O tempo de Freire no Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agraria, pode ser conhecido através das declarações das pessoas que trabalharam com ele. E também, naturalmente, mediante as lembranças do próprio Freire.

Ligado, porém, à presença e ao trabalho de Freire, há um fato político que interferiu muito na vida política e partidária do país. Trata-se das denúncias feitas contra Freire por grupos reacionários da Democracia-Cristã. Tais denúncias, que eram falsas, obrigaram, porém, o autor da "Pedagogia do oprimido" a "escrever os textos sobre os temas em torno de que devesse falar nos encontros de capacitação". (46) Esta circunstância lamentável, gerada pelo sectarismo e pelas concepções mesquinhas desses espíritos conservadores, nos permitiu, contraditoriamente, conhecer, através, de seus escritos desse período, algumas das atividades realizadas por Freire no ICIRA.

Vários desses escritos, na forma original, ou com algumas modificações, foram publicados, mais tarde, em algumas obras, como veremos adiante.

(46) Paulo Freire. Op.cit., p.52

Paulo Freire, ao falar de seu tempo no ICIRA, é assim que o avalia: "um dos mais produtivos momentos de minha experiência de exílio." (47)

Nesse trabalho realizado no ICIRA, por outro lado, se consolida um traço da personalidade de Freire que o aproxima e o identifica ao perfil dos mestres gregos da época clássica: seu sentido orientador e humano que o coloca, com amplitude de espírito, nos caminhos dos jovens. No ICIRA tem dois ajudantes, a chilena Marcela Gajardo e o brasileiro José Luiz Fiori. Diz Freire: "Ao hábito de escrever os textos juntei o de discutí-los, toda vez que possível," (48) com esses jovens. E assim desdobra sua afirmação:

"As horas que passávamos juntos, discutindo achados e não apenas meus textos, debatendo dúvidas, interrogando-nos, desafiando-nos, sugerindo-nos leituras, surpreendendo-nos, espantando-nos, exerciam em nós um tal encanto que, quase sempre, nossa fala, a partir de certa hora, era a única a ser ouvida no prédio. Já todos haviam deixado o escritório e lá estávamos nós procurando compreender melhor o que havia por trás da resposta de um camponês a um desafio que lhe fora feito num círculo

(47) Paulo Freire. Ibidem, p.52

(48) Paulo Freire. Ibidem, p.53

de cultura. Com eles debati vários momentos da *Pedagogia do oprimido* ainda em processo de redação. Não tenho por que negar o bem que a amizade de ambos me fez e a contribuição que a inteligência arguta deles me trouxe."(49)

Antes de referir-nos especificamente às atividades realizadas por Paulo Freire nas instituições ligadas à reforma agrária, devemos ressaltar dois aspectos. Em primeiro lugar, que as ações de Paulo Freire, pela ênfase sobre a alfabetização de adultos, incidiram nas pessoas tanto do meio urbano como do ambiente rural. A primeira vista, pode-se ter a impressão, de que o destinatário exclusivo da metodologia freiriana teria sido o camponês. Mas não podemos esquecer a influência importantíssima de Freire, já salientada anteriormente, nas camadas urbanas, através das atividades realizadas pelo Ministério da Educação. Seu apoio na formação de técnicos e de especialistas em educação de adultos que, em seguida, alfabetizariam, num primeiro momento, fundamentalmente, os grupos de adultos que trabalhavam nas cidades, deixou resultados duradouros e singularmente positivos.

A revolucionária concepção de educação especificamente de educação de adultos, de Paulo Freire, choca-se violentamente, com a tradição de educação de adultos (49) Paulo Freire. Ibidem, p.5

desenvolvida na América Latina. As primeiras experiências de educação de adultos realizadas no continente, além das campanhas de alfabetização, geralmente inúteis, que se efetuaram antes, foram promovidas no campo, na década de quarenta, ao finalizar a Segunda Guerra Mundial. Esta ação educativa não se fez com o intuito principal de libertar os camponeses da pobreza e da opressão. Pelo contrário, ela visava, através de treinamentos específicos, aumentar a produção do campo, para que o trabalhador rural participasse competitivamente nos mercados mundiais, entregando matérias primas e gêneros alimentícios de que precisavam as grandes potências, especialmente os Estados Unidos. Algumas agências deste país, como a Fundação Rockefeller, contribuíram para cumprir este objetivo, ao mesmo tempo que ajudavam para consolidar mais efetivamente a influência política norte-americana nesta região. Os resultados daquela ação empobreceram mais ainda os camponeses e aumentaram, por outro lado, o poder econômico das elites destes países do Terceiro Mundo". (50)

Quando o método de Paulo Freire irrompeu no seio do conservador meio rural, com suas idéias de conscientização e de libertação do homem oprimido do campo, os latifundiários ficaram apavorados, enquanto os explorados se entusiasmavam

(50) Wertheim, Jorge. (Org.) et alii. Educação de adultos na América Latina. São Paulo, Papirus, Livraria e Editora, 1985. 224p. p.14

com o redescobrimento de sua própria dignidade, de seres humanos, e de sua cultura, que aparecia como elemento básico para a conquista da pessoas e sujeitos, a que tinham direito.

Há um segundo aspecto, a esclarecer, anterior à chegada de Paulo Freire, que, em certa medida, explica o êxito de seu trabalho em educação popular. É que o Chile, neste aspecto, tinha acumulado uma longa experiência, muito unida às lutas políticas, partidárias e sindicais. Cabe ainda salientar que havia um "clima nacional", forjado pelo triunfo da Democracia Cristã, de participação e de promoção popular, que oferecia as condições, além do institucional aberto para novas experiências, que as condições para o desenvolvimento de filosofias e práticas como as criadas por Paulo Freire. (51)

A tradição chilena em educação popular, como acontece em geral, em regimes que representam especialmente as elites, foi realizada à margem dos organismos oficiais. Muitos fatos poderiam ser assinalados nas experiências que remontam aos primeiros anos do século vinte, com a organização dos sindicatos de trabalhadores. Estas instituições operárias foram, muitas vezes, uma alternativa educacional, frente aos organismos oficiais, e nelas os

(51) Rolando Pinto. Nuestro trabajo con Paulo Freire. Una contribución a la educación popular ? Lovaina, 1985.p.8

educadores eram os próprios operários.(52) Bastaram dois exemplos, retirados de níveis diferentes, mas desenvolvendo as mesmas atividades e concretizando os mesmos objetivos, de ajudar os trabalhadores a tomar consciência de sua própria realidade e da necessidade de organizar-se para lutar pela eliminação ou diminuição das forças opressoras. Um desses exemplos de educação popular é representado pela iniciativa do líder sindical autodidata, Luis Emilio Recabarren, que, através do jornalismo popular, lutou pela organização dos trabalhadores.(53)

Recabarren percorreu todo o Chile, mas se tornou famoso no período que transcorre entre os primeiros anos deste século e a década de trinta, no norte do país, na denominada "pampa salitrera", um deserto riquíssimo que tinha em seu seio esse adubo natural maravilhoso, o salitre. Essa imensa riqueza estava em poder dos ingleses. A decadência do império britânico empurrou o "ouro branco" às mãos dos norte-americanos. Ambos os imperialismos perpetraram uma das mais duras e inumanas explorações conhecidas na história chilena.

Outra personalidade representativa da educação popular é a de Dario Salas, um dos educadores mais brilhantes da história da educação chilena. Suas idéias originaram um vasto movimento de educação popular, onde estudantes universitários e operários se uniram para traçar, à margem

(52) Rolando Pinto. Ibidem, p.8

(53) Rolando Pinto. Ibidem, p.8

dos organismos oficiais, a vida de instituições que abriram suas portas a todos os trabalhadores, como as Universidades Populares, os Ateneus Culturais e os Corpos Cívicos de Alfabetização. No contexto destes movimentos, realizou-se em 1914, o Primeiro Congresso Nacional de Educação popular. (54)

O INDAP, em 1964, tinha, como funções fundamentais, apoiar a organização sindical camponesa e desenvolver uma ação educativa com os assalariados do campo, além de auxiliar economicamente, com créditos, e de dar assistência técnica, aos pequenos agricultores. (55)

Quais as condições do INDAP para concretizar seus propósitos educativos, por ocasião da chegada de Freire ?

Quando Paulo Freire chegou ao INDAP, este

"havia iniciado seu trabalho de promoção camponesa com uma dupla orientação metodológica: por um lado, os técnicos-sociais do INDAP, em sua maioria, jovens profissionais cristãos, realizavam um diagnóstico sócio-econômico e cultural da realidade da comunidade camponesa, como primeiro passo para uma proposição global de organização

(54) Rolando Pinto. Ibidem, p.8

(55) Rolando Pinto. Ibidem, p.13

dos camponeses. Por outro lado, estes mesmos técnicos sociais preparavam os "promotores camponeses", em sua grande maioria, jovens militantes do Partido Democrata-Cristão, que deviam regressar às comunidades camponesas para organizar os agricultores.

Tal metodologia, embora partisse de uma intencionalidade científica de conhecimento da realidade camponesa, na verdade se inseria claramente numa dimensão "bancária" de ação social. Paulo Freire introduz sua temática conscientizadora, leva o grupo a refletir sobre as diferenças entre uma proposta de investigação e educação bancária, e outra, que nasce do próprio povo. Ele consegue, assim, que o INDAP modifique sua programação promocional.

A partir de maio de 1965, o INDAP define o trabalho promocional numa perspectiva conscientizadora. O diagnóstico se organiza como uma investigação temática do povo realizada pelos próprios camponeses e assessorada pelos técnicos-sociais". (56)

Não podemos deixar de salientar a impressionante

(56) Rolando Pinto. Ibidem, p.13

receptividade que tiveram as idéias de Freire, no seio desse grupo de jovens intelectuais, comprometidos com a "Revolução em liberdade", do governo do Partido Democrata-Cristão. Esta agremiação política e, poderíamos dizer, grande parte dos chilenos, viviam num mundo pleno de esperanças. Os sinos oficiais anunciavam um presente imediato e um futuro muito próximo, recheados de mudanças que visariam o bem-estar coletivo.

Os resultados dos estudos realizados pelos técnicos do INDAP e pelos camponeses

"são transformados em material didático constituído por lâminas, apresentadas aos camponeses como "codificações", que "são analisadas por eles, atuando o promotor como coordenador da discussão. Desta maneira, o trabalho promocional dos funcionários do INDAP começa a se transformar numa ação cultural na qual o educador -educando (promotor do INDAP) e educando-educador (camponês), descobrem a realidade opressora e começam a organizar-se (aqui se coloca a idéia da organização sindical) para superá-la. Com esta dupla metodologia educativo-política o INDAP continuava atuando até que, em 1968, começam a emergir os fatores que marcam as primeiras

distorções da "Revolução em liberdade".(57)

As experiências exitosas de alfabetização e de organização camponesa realizadas por Freire e sua equipe, no INDAP, estenderam, em 1966, à Corporação de Reforma Agrária-CORA. Nesta instituição, porém, não existia o clima inicial que havia caracterizado o trabalho no INDAP. Em primeiro lugar, a CORA não estava preparada para uma atividade desta natureza: tinha carência de equipes adequadas para poder realizá-la nos moldes em que havia sido concretizada no INDAP. Os dirigentes da CORA achavam, por outro lado, que a tarefa dos trabalhadores do campo consistia, fundamentalmente, em aumentar a produção de artigos alimentícios, não em consumir horas em reuniões em círculos de cultura. Consideravam também as chefias que as atividades educacionais e culturais eram responsabilidades do Ministério da Educação.

Não obstante, a experiência conscientizadora de alfabetização de adultos começou na CORA, com o apoio dos professores rurais do Ministério da Educação. Mas, surgiram, logo em seguida, problemas derivados das reivindicações salariais, apresentadas à CORA pelos educadores rurais.

(57) Rolando Pinto. Ibidem, p.13

Todas estas situações negativas reduziram a zero as atividades dos círculos de cultura. Mas ,em 1967, estes revivem, com todo o vigor, pela ação dos próprios camponeses. Nesse ano, em Lampa, pequena localidade rural que está situada perto de Santiago,

"um educador popular, percebendo as dificuldades operativas que tinha a CORA, convidou os próprios camponeses a que escolhessem entre eles os coordenadores dos círculos de cultura. Deste modo, os camponeses que sabiam ler e escrever ensinariam aos que não sabiam .

A partir desse momento, a CORA estabeleceu, em nível nacional, os coordenadores dos círculos de cultura. Tal solução, segundo a minha opinião, se convertia na inovação mais importante do método de Paulo Freire." (58)

Quando Freire chegou, em 1968, ao ICIRA, o terceiro organismo relacionado com a reforma agrária chilena, vinha acompanhado de um grande prestígio, conquistado no seio da gente de esquerda da Democracia Cristã. A ala direita do governo de Frei já lhe havia quase fechado as portas para trabalhar no campo com seu método de alfabetização de adultos. No ICIRA, Freire encontrou ótimas condições para

(58) Rolando Pinto. Ibidem, p.14

realizar seus projetos. Uma equipe da melhor qualidade, formada de brasileiros e chilenos, esteve sob sua coordenação. Já temos mencionado que Marcela Gajardo, chilena, e José Luiz Fiori, brasileiro, eram seus ajudantes principais.

"Podemos dizer, afirma Marcela Gajardo, que havia começado, pouco antes de 1968, um processo de radicalização, que agora se estava agravando e que nos afetou a todos. À testa desse movimento radicalizante, estavam os jovens cristãos de esquerda, insatisfeitos com os rumos conservadores que tomava a "Revolução em liberdade". Paulo Freire se colocou na linha de frente dessas ações. Defendendo todo um processo de transformação estrutural, embora não se inspirasse na ideologia marxista, usava, contudo, categorias marxistas de análise da realidade. O que Freire não previu, ao que parece, foram os resultados a que poderia levar esse processo de conscientização. Noutras palavras, a gente se conscientizava, mas não encontrava, no mundo real, os termos para canalizar todo esse potencial de reivindicação humana que se ia desencadeando. As massas pediam maior participação nos processos de reforma que o país vivia e, como esta era negada pelo governo, setores da população começaram a tomar atitudes

extremistas, que foram sufocadas pelas autoridades máximas." (59)

Marcela Gajardo escreveu um ensaio sobre os processos de conscientização realizados na América Latina, detendo-se especialmente nos casos do Chile, do Brasil e do Perú que, segundo Marcela, são as regiões onde o impacto do método de Paulo Freire foi maior.

Tal ensaio, segundo ela:

"É um esforço para resgatar o pensamento de Paulo e de suas contradições. É um fato que o que Freire pensou em 1965, é diferente do que diz hoje, ou do que expressou em 1982. E isso é lógico. Mudou Paulo e mudaram também os tempos". (60)

Por outro lado, como ocorre com todos os grandes pensadores, suas idéias foram, muitas vezes, mal interpretadas. E isto aconteceu pela realização de leituras superficiais dos textos, pelo desconhecimento da obra de Freire, ou, simplesmente, por malícia.

(59) Marcela Gajardo. Ibidem

(60) Marcela Gajardo. Ibidem

A autora deste estudo sobre Freire e os processos de conscientização na América Latina acrescenta algumas informações sobre Freire, que nos parece interessante registrar.

"Como sabemos, Waldemar Cortés trabalhou com Paulo Freire no Ministério da Educação desde 1965. O emprego do método de Paulo Freire contribuiu principalmente para que o Chile obtivesse, em 1967, o prêmio da UNESCO desse ano, por seus êxitos na alfabetização de adultos. Waldemar conta que Freire chegou com uma folhinha. Não tinha nada escrito. E eu, revisando os materiais que tenho do Brasil e de outros lugares, na verdade, não havia nada. Experimentou-se, aplicou-se, mas nada foi escrito. Entre meus papéis existe uma folhinha resgatada por mim, na qual se fala dos círculos de cultura. Nada mais. Sobre isso, se começou a construir. O Ministério da Educação colocou à sua disposição uma equipe de trabalho. Então Paulo aprofundou, avançou em suas idéias, sistematizou, examinou a sua proposta. Eu acho interessante como Paulo saía a campo para escutar as palavras, para recolher as palavras geradoras. Desta maneira a gente percebe que no início, o método de Freire não tinha nenhuma conotação política partidária.

Tratava-se de conseguir que as pessoas tomassem consciência de sua realidade, para procurar transformá-la. O político aparecerá depois e se intensificará profundamente".(61)

Talvez essa dimensão do método de Paulo Freire, onde o político partidário aparecia diluído ou alheio ao processo de conscientização, foi o que originou as primeiras críticas ao seu pensamento. O povo chileno é, tradicionalmente, um povo definido do ponto de vista da política partidária. A senha de identificação para o início de um diálogo, de qualquer natureza, sempre foi, e ainda é, a indicação da bandeira política que se leva nas mãos. Era possível, às vezes, nas localidades urbanas pequenas, saber com quase absoluta certeza os votos que obteria o candidato de tal partido. O número de independentes sempre foi muito escasso.

Podemos distinguir três momentos frente ao pensamento de Paulo Freire. Primeiramente, houve uma acolhida feita com total admiração por seu método e uma aplicação realizada com entusiasmo, esperança e eficiência. Originou-se, em seguida, uma espécie de rotina na aplicação mecânica do método, ou seja, simplesmente se seguiu a idéia de Freire. Mais tarde, dois ou três anos depois das primeiras experiências, começaram a surgir as críticas. Rolando (61) Marcela Gajardo. Ibidem

Pinto, que trabalhou com Freire no ICIRA, sintetiza assim esses questionamentos que se faziam a Freire:

"Criticava-se o profundo temor de Paulo de misturar seu método com política. Ele dicotomizava demais a ação política revolucionária e a postura de seu método. Paulo tinha a visão de que tudo era política e que, assim, também cobria a consciência crítica. Inclusive, em muitas ocasiões, em que discutia comigo, chegou a dizer que a consciência política partidária era uma "uma consciência paralisada". (62)

Pinto lançava mão de argumentos tirados da tradição chilena de educação popular para apoiar seu ponto de vista contrário ao de Freire. E acrescentava:

"No Chile existe uma história, a história da luta social, que gerou toda uma prática de educação popular, de uma educação operária. É verdade que, muitas vezes, ela trazia a marca do fanatismo. Mas, nos grandes momentos do movimento operário, tinha sido realizada com muita lucidez. Conseqüentemente, não se tratava de tomar

(62) Rolando Pinto. Entrevista. Op.cit.

distância, mas sim de provocar uma síntese entre educação política popular e método psicossocial.

Deste modo, se melhorariam o método psicossocial e a educação política".(63)

O problema de fundo, presente na essência desta crítica, levantada contra Freire, era saber se o processo de conscientização podia ser compatível com determinada prática política. Diz Pinto:

"Eu me lembro quando Paulo Freire veio, em 1971, a convite nosso, para expor suas reflexões sobre a proposta educativa do governo da Unidade Popular, em dois programas: o programa nacional do trabalhador e o programa de capacitação camponesa. Em ambos os programas tentávamos formular uma visão política definida da educação. Freire nos acusou de manipuladores, de querermos usar a conscientização como uma forma de manipulação. Mais tarde, ele mudou. Nós continuamos a pensar da mesma forma. Paulo ingressou, de volta ao Brasil, no Partido dos Trabalhadores e foi, inclusive, mais tarde, Secretário Municipal de Educação na administração desse grupo ideológico.

(63) Rolando Pinto. Ibidem

Desta maneira, Freire vinculou diretamente a educação com determinada proposta política partidária." (64)

Uma segunda crítica que se fazia a Freire, na década de sessenta no Chile, referia-se à linguagem que o autor do método psicossocial empregava, geralmente, na exposição de suas idéias.

"Um outro ponto que levantava comentários divergentes era a linguagem de Paulo. Neste sentido, Freire nunca foi um educador popular. Sua linguagem é uma linguagem acadêmica. Quando um educador não tem a mesma prática que Paulo, não descobre, em sua realidade, os mesmos significados que desvela Paulo em sua prática. Ele não entende Paulo. É uma linguagem muito difícil, com códigos muito restritos. Paulo não usa códigos amplos. Então nós dizíamos: "Como"traduzir"o Paulo? Como fazer de Paulo, através de sua linguagem, não um educador da elite e sim um educador do povo? Isto é, como passar desta linguagem acadêmica para uma forma de expressão mais empregada pelo povo? Então Paulo dizia que se sua linguagem não refletisse sua própria prática, jamais se entenderia o que ele queria. Este ponto não

(64) Rolando Pinto. Ibidem

conseguimos resolver com Paulo, aqui no Chile".(65)

Pode uma situação desta natureza transformar-se numa dificuldade essencial para a comunicação entre as pessoas, especialmente quando se trata de sujeitos situados em níveis culturais diferentes, como era o caso dos educadores do ICIRA e dos camponeses chilenos ? Pinto, para justificar sua discrepância com Freire, que originava sua crítica ao autor do método psicossocial, conta as primeiras experiências avaliativas do trabalho realizado com os alfabetizados do campo:

"Estávamos avaliando os primeiros cursos para camponeses, e observamos que estes ficavam por fora absolutamente por fora, do que era proposto na linguagem filosófica de Freire".(66)

A terceira crítica levantada por Pinto está relacionada especialmente com a primeira. Ela se centrava numa espécie de definição ideológica, não geral, mas específica dos envolvidos nos processos de conscientização. A pergunta básica era formulada nos seguintes termos: É possível

(65) Rolando Pinto. Ibidem

(66) Rolando Pinto. Ibidem

ter um compromisso com um projeto político determinado e, ao mesmo tempo, ser ,legitimamente, um educador envolvido nos processos de conscientização e de libertação do ser humano? Esta crítica surgia claramente da situação política que vivia, tradicionalmente, o chileno: sua prática era marcada por sua clara definição política partidária. Este fato ,como diz Pinto, poderia induzir o educador ,em seu processo de conscientização , "a uma espécie de reducionismo político", com todas as consequências limitantes para um processo que parece apontar para a autonomia e a liberdade do sujeito. E expressa Pinto:

"Eu acredito que Paulo colocava bem a questão ao dar a sua resposta. Eu acho que Paulo tinha razão. Isto o percebi depois de alguns anos. Paulo dizia que a questão não era a de se um educador pode ser militante de um partido político. O problema residia na capacidade ou não do sujeito de ser crítico de sua própria militância". (67)

Mas a luta política partidária, que nunca havia desaparecido, entre os chilenos, cresceu notavelmente, depois do triunfo da Democracia Cristã, em 1964. E um pouco antes de que o governo de Frei completasse a metade de seu mandato, esta luta, como já observamos, atingiu também o Partido do Presidente.

(67) Rolando Pinto. Ibidem

Nessas circunstâncias políticas, entre os educadores que trabalhavam nos organismos da reforma agrária, especialmente do ICIRA, pelo menos um grupo, começou a sentir que o país estava vivendo uma etapa extraordinária de sua história. Eles perceberam que aquela fase da vida chilena tinha, como protagonistas, os oprimidos, representados pelos trabalhadores assalariados do campo e da cidade. Alguns desses educadores, "em comunicação com nosso povo, renascíamos como educadores orgânicos do povo". (68)

Esse contato dos intelectuais com os trabalhadores levantou questões políticas que "na própria evolução teórica de Paulo Freire não tinham sido ainda desenvolvidas. Disto derivava a importância que elas tinham para o enriquecimento da experiência educacional popular". (69)

"A questão fundamental que nos colocávamos era: como transformar a ação cultural e, por conseguinte, a conscientização, num processo político de reunião de forças favoráveis à libertação dos oprimidos"? (70)

(68) Rolando Pinto. Nuestro trabajo con Paulo Freire. Op.cit., p.16

(69) Rolando Pinto. Ibidem, p.16

(70) Rolando Pinto. Ibidem, p.16

Esses educadores pensavam que a única saída para alcançar a total libertação dos oprimidos, era a de uni-los a todos em torno de um projeto político revolucionário. Propunham, por isso, entre outras idéias, a de mudar fundamentalmente a metodologia de Paulo Freire.

"transformando a investigação temática do povo (o diagnóstico da realidade popular segundo nossa linguagem) e, por conseguinte, a decodificação da mesma, primeiro passo para a elaboração de um programa político popular, em torno do qual se nucleariam, unitariamente, todos os setores oprimidos, especialmente os trabalhadores urbanos, os camponeses, os vileiros e os jovens estudantes." (71)

Estes educadores do projeto político revolucionário estavam buscando verdadeiramente uma alternativa, de natureza popular, frente à força que emanava principalmente do poder institucional da Democracia Cristã. Tal força, surgia, em parte, do desenvolvimento ingênuo do método de Paulo Freire, que permitia a manipulação das massas pelo governo. A linha político-pedagógica de tais educadores, Pinto a expressa nestes termos:

(71) Rolando Pinto. Ibidem, p.16

"Tal posição nos levava, também, a ter uma teoria e uma prática política e sócio-educativa diferente e contrária à postulada pelo governo da Democracia Cristã, ao mesmo tempo que tomávamos uma atitude crítica frente à teoria e à prática de Paulo Freire." (72)

Verdadeiramente, não eram só grupos de esquerda que criticavam Paulo Freire. Também o faziam os elementos de direita do governo, mas por motivos absolutamente opostos. Estes culpavam o método psicossocial pelas tendências esquerdistas, surgidas especialmente no campo. O governo queria terminar com esses surtos, que ele chamava de "subversivos", e que eram alimentados pelos organismos responsáveis pelo desenvolvimento da reforma agrária. Eliminou, por isso, do INDAP, todo tipo de ação promocional dos camponeses, e do Ministério da Educação, qualquer tarefa de natureza conscientizadora. O método psicossocial se aplicava, agora, mecanicamente. Na CORA desapareceram as equipes que estavam encarregadas de estudar a realidade do campo. Nesses três organismos, Paulo Freire estava estreitamente vinculado às atividades suprimidas. Mais do que isto: pode-se dizer que Freire era o verdadeiro criador delas. Desta maneira, sua designação como consultor da UNESCO para trabalhar no ICIRA chegou no momento oportuno. Isto permitiu que o Chile continuasse contando com a

(72) Rolando Pinto. Ibidem, p. 16

contribuição extraordinária de Freire quase por dois anos
ainda.

4.-Paulo Freire no ICIRA.Seus escritos.

Durante o ano de 1968, no Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária-ICIRA, Paulo Freire realizou uma intensa atividade intelectual, muito mais visível que a concretizada, no Chile, nos anos anteriores. Mas não podemos esquecer que, desde sua chegada ao Chile, Freire se sobrecarregou permanentemente com uma grande quantidade de responsabilidades. Em todos esses anos, sua colaboração não foi solicitada só por parte de organismos públicos; também setores privados contaram com seu apoio.

Apesar dessa ação constante, Freire teve tempo para escrever. Depois de "Educação como prática da liberdade," publicada em 1965, escreveu seu livro mais célebre que lhe daria prestígio internacional, "Pedagogia do oprimido." Esta obra, terminada, como sabemos, em dezembro de 1967, circulou, manuscrita, no Chile, e noutros lugares. Sua primeira edição em espanhol, apareceu em 1968, em Montevideu, por iniciativa de Hugo Assmann. Em seguida, em inglês, nos Estados Unidos, em 1970.

Em 1968, Freire escreverá "Extensão ou comunicação ?" que será publicado pelo ICIRA, em Santiago do Chile, em 1969.

Freire escreveu nesse tempo, uma série de outros documentos, surgidos de suas práticas e reflexões. Tais

escritos, serviram, muitas vezes, de apoio às pessoas que trabalhavam com ele. Grande parte desses materiais auxiliares de práticas educativas constituíram, mais tarde, o livro "Ação cultural para a liberdade". E outros, "Educação e mudança".

Segundo o mesmo Freire, essa fase no ICIRA foi uma das mais produtivas de sua permanência no Chile. A experiência adquirida nesse mundo de jogos políticos partidários, lhe recomendou uma medida de prudência. Para salvaguardar, em certo sentido, sua imagem de neutralidade frente ao desenvolvimento da política quotidiana, recheada, às vezes, de propósitos bastardos, decidiu escrever os pontos de vista que alimentavam sua prática e a dos membros de sua equipe. Graças a esta ingrata circunstância, podemos contar, por fortuna, com documentos que sintetizam as atividades de Freire nessa fase chilena de seu exílio.

Destacaremos, a seguir, sem sermos exclusivos, as publicações que se referem ao trabalho de Freire no ICIRA. Faremos também menção a alguns escritos que não relacionados diretamente com as atividades do ICIRA, que são porém, interessantes para compreender melhor aquele período.

a).-Paulo Freire e suas atividades no ICIRA em 1968.

O "Plano de trabalho"(73) de 1968, é importante para nós por duas razões principais. Uma delas, tem a ver diretamente com a idéia de "Plano". Não se trata, como se poderia pensar, de uma listagem de assuntos, de tarefas, que se propõe realizar. É isto, mas é também síntese teórica, uma soma de idéias. É o pensamento de Freire que brota original, criativo, e que encontraremos, mais tarde, esparsos em várias de suas obras, na mesma forma, ou com alterações que não escondem sua origem. Fazem-nos lembrar especialmente "Pedagogia do oprimido".

Este "Plano", é valioso também, porque nele, em sua parte introdutória, nos "considerandos" que levanta, Freire nos oferece uma visão concreta da importância e da extensão que havia alcançado o emprego do método psicossocial de alfabetização de adultos, em vários organismos chilenos. Este capítulo introdutório do "Plano" queremos transcrevê-lo textualmente. Das outras partes, destacaremos algumas idéias centrais. Escreve Freire: (74)

(73) Paulo Freire. Plano de trabalho para o ano de 1968. Visão sintética. Santiago do Chile, ICIRA, 1968. 20p.

(74) Paulo Freire. Ibidem.

"Considerando um interesse crescente, por parte de vários organismos governamentais chilenos, pelo Método Psicossocial, além da Corporação da Reforma Agrária, do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e do Ministério da Educação, para não referir-nos aos de caráter privado, o que veio implicando, nestes três anos em que estamos no Chile, um esforço intenso de trabalho nosso para atendê-lo, através de cursos, palestras e seminários;

Considerando nossa presença, a partir do mês de janeiro do presente ano no ICIRA, instituto não só de investigação, mas também de capacitação para os aspectos que envolvem a Reforma Agrária, como um processo global;

Considerando que a ação dos vários organismos governamentais, não só os já mencionados, que já usam o Método Psicossocial, mas também os outros, incide direta ou indiretamente nas áreas de interesse para a Reforma Agrária, propomos:

I).-Que o ICIRA, através de seu Departamento de Planejamento e Métodos de Educação Rural, proporcione, se é possível a partir da segunda quinzena de fevereiro, um curso completo, o mais amplo e profundo que possamos, a pessoal de alto nível ou bom nível, de todos estes organismos interessados na aplicação do Método.

Este pessoal capacitado constituiria o que chamamos "equipes centrais", as quais as instituições de que fazem parte

entregariam a responsabilidade de planejar, coordenar e executar a aplicação do Método em função dos objetivos específicos de cada uma delas."

Em seguida, Freire em seu "Plano" fala das unidades que se desenvolveriam no curso que está propondo. A primeira seria sobre a realidade chilena, no contexto latino-americano, e a segunda trataria do método Psicossocial. "Esta última unidade, diz Freire, estaria sob nossa responsabilidade, da equipe do INDAP, indiscutivelmente, uma das melhores equipes chilenas no que respeita ao Método, com a colaboração de especialistas da CORA, que desenvolvem atualmente um trabalho muito bom com o Método e metodólogos do Ministério da Educação. A todo este pessoal poderíamos acrescentar especialistas do Departamento do professor Paulo de Tarso. Com este professor discutiríamos a metodologia para todo o curso, em suas várias unidades e subunidades". (75)

Quando Freire ressalta as vantagens que envolve sua proposta diz:

"Multiplicaria equipes chilenas capazes..." E acrescenta como que para justificar esta afirmação: "A equipe do INDAP realiza avanços de criatividade que consideramos da mais alta importância, isso, porque o Método Psicossocial, como sua fundamentação, não estão nem estarão jamais acabados. São ambos um fazer e um refazer constantes pelo próprio aspecto

(75) Paulo Freire. Ibidem

histórico da educação." Com uma expressão de singular coerência entre seu discurso e sua prática, declara:

"Nossa intenção não foi jamais, desde que chegamos aqui, a de sentir-nos educadores do Chile, mas a de estabelecer um diálogo com os chilenos para criar e recriar com eles". (76)

Falando, no "Plano", do processo de alfabetização, Freire diz:

"Imaginemos o que poderia ser realizado com 17 palavras geradoras, tiradas do universo vocabular mínimo da área na qual se trabalharia. Uma equipe capaz descobriria as possibilidades que tem cada palavra." Admitamos, como mera hipótese de trabalho, alguns aspectos da possível discussão que nos proporcionaria a palavra "arado", numa tentativa de alfabetização entre camponeses: que é um arado? Como fazer um arado? Quem faz o arado? Com que se faz o arado?, etc."

Em seu "Plano" Freire defende uma concepção pedagógico-humanista que reconheceria como princípios: a). - Que ninguém educa ninguém; b). - Que ninguém se educa a si mesmo", e c). - Que os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo, no qual e com o qual estão".

(76) Paulo Freire. Ibidem

Em síntese, o "Plano de trabalho para o ano 1968", apresentado à consideração do ICIRA, é um documento muito útil para conhecer as idéias e a prática de Freire no Chile.

b.-Os resultados do Plano de atividades para 1968.

Depois de apresentar o "Plano de atividades para o ano de 1968" que seria realizado por Freire, já como consultor da UNESCO, no Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária-ICIRA, decidimos não seguir cronologicamente o trabalho de Freire nessa instituição. Optamos por apresentar, em seguida, os resultados dessa tentativa de atividade, programada para ser concretizada em 1968. Para isso, passamos a conhecer imediatamente o "Relatório anual" que foi apresentado por Freire em janeiro de 1969, ao professor G. Bellahsene, Chefe da Divisão de Alfabetização de Adultos da UNESCO, Paris, sobre as atividades materializadas durante o ano de 1968. (77)

É interessante salientar, pelas conotações históricas do fato, que foram enviadas cópias desse "Relatório anual", ao Diretor Nacional do ICIRA, Antonio Corvalán, e aos brasileiros Plínio de Arruda Sampaio, Gerente em Exercício do Projeto FAO-ICIRA, e Paulo de Tarso, Chefe do Departamento de Planejamento e Métodos de Educação Rural do ICIRA.

O "Relatório anual" de janeiro de 1969, lembra, em primeiro lugar, as três tarefas fundamentais que se propôs o Plano de 1968: a capacitação das equipes centrais no emprego

(77) Paulo Freire. Atividades desenvolvidas no ano de 1968. Relatório Anual. Santiago do Chile, ICIRA, janeiro de 1969. 24p.

do método psicossocial para a alfabetização de camponeses; o estudo crítico e sistemático do trabalho do agrônomo como extensionista, e a investigação dos "temas geradores" dos camponeses, que permitiria organizar o conteúdo programático da educação, concebida como ação cultural, conforme sublinha Freire, com insistência, no texto.

Esse "Relatório anual" de 1969, como fizera já o "Plano" de 1968, apresenta, além da descrição das atividades realizadas, toda uma fundamentação teórica das mesmas. Freire se preocupa em esclarecer os conceitos de educação como ação cultural e de "cultura do silêncio". Escreve ele:

"Estávamos convencidos, e hoje mais de que nunca, que o que chamamos "cultura do silêncio", introjetada como "inconsciente coletivo" pelos camponeses, não seria mecanicista e automaticamente transformada, com a mudança infra-estrutural, realizada pelo processo da reforma agrária". (78)

(78) Paulo Freire. Ibidem.

Muito sensível já às críticas que apontavam, em seu método psicossocial, de ter dimensões idealistas, Freire esclarece:

"Quando falamos, como neste caso, em consciência, nos referirmos ao homem como "corpo consciente", em relação dialética com o mundo, e não em consciência numa concepção idealista, (solipsista), segundo a qual a consciência cria a realidade e é toda a realidade". (79)

Neste "Relatório anual" de 1969, Freire se apoia, teoricamente em Althusser (e cita a obra deste filósofo, "Pour Marx"); em Hegel (refere-se a "Fenomenologia do espírito"); em Lucien Goldman ("As ciências humanas e a filosofia"); em Popper ("The open society and its enemies"); em Bergson ("Las dos fuentes de la Moral y de la Religión"), e recomenda também estudos de Fernando Henrique Cardoso e Francisco Weffort sobre populismo e manipulação das massas.

Em relação à primeira tarefa planejada para ser realizada em 1968, o "Relatório" afirma:

(79) Paulo Freire. Ibidem.

"Sob a coordenação do Departamento de Planejamento e Métodos de Educação Rural do ICIRA, realizamos um curso sobre o Método Psicossocial para equipes de seis instituições governamentais: educadores da Chefia de Planos Extraordinários de Educação de Adultos do Ministério da Educação, da Corporação da Reforma Agrária-CORA, do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário-INDAP, do Serviço Agrícola e Gado, SAG, do Serviço Nacional de Saúde-SNS e do Instituto de Desenvolvimento Comunitário-IDECO, do Ministério da Educação". O curso teve uma duração de um mês, desde 25 de março até o 26 de abril de 1968". (80)

Fazemos questão de ressaltar o valor dessa citação textual do "Relatório Anual" de 1969, para destacar a amplitude da influência que o pensamento de Freire estava tendo, no meio educacional chileno, em relação a seu método de alfabetização de adultos.

O segundo aspecto de nosso "Plano" de 1968, lembra Freire, se centrava em torno duma crítica serena às atividades extensionistas dos agrônomos". Era indispensável

(80) Paulo Freire. Ibidem.

compreender "o trabalho pedagógico dos agrônomos como uma modalidade da ação cultural". Para alcançar este objetivo, se constituiu uma equipe interdisciplinar, "sob minha coordenação, diz Freire e a do perito da FAO, altamente capacitado, Odilo Friedrich. Redigimos, então, para que fosse analisado pela equipe (da qual participavam especialistas do INDAP, da CDRA, do SAG e do Escritório Regional da FAO) um texto amplo que intitulamos "Extensão ou comunicação"? (81)

O texto deu origem à obra "Extensión o Comunicación?", publicada pelo Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agraria-ICIRA, em Santiago do Chile, em 1969. O livro tem um prefácio de abril de 1968, de Jacques Chonchol, Diretor do INDAP, e uma introdução de Freire, de junho de 1968. Posteriormente "Extensão ou Comunicação?" foi publicada por Paz e Terra, do Rio de Janeiro. Em 1988 já tinha dez edições.

Jacques Chonchol, referindo-se à obra no mencionado prefácio, assim se expressa:

"O conteúdo de suas linhas é profundo, às vezes difícil de seguir, mas quando se consegue penetrar em sua essência, revela-nos um mundo novo de

(81) Paulo Freire. Ibidem

verdades, de relações entre elas, de ordenação lógica de conceitos. Ao lê-lo nos damos conta de que as palavras, seu sentido, seu contexto, as ações dos homens, sua luta por dominar o mundo, por impor sua marca na natureza, sua cultura e sua história, formam um todo em que cada aspecto tem sua significação não apenas em si mesma, mas em função do resto." (82)

Chonchol, em suas palavras introdutórias ao livro, aponta, sem que esteja, talvez, consciente disso, as dificuldades do texto de Freire, cujo sentido não é fácil de ser captado imediatamente. Tais dificuldades não são propriamente exclusivas de "Extensão ou Comunicação ?" Chonchol se une assim aos críticos de Freire, que levantam reservas à sua linguagem alheia à capacidade de compreensão dos camponeses. O mérito fundamental de "Extensão ou comunicação?", segundo nosso ponto de vista, junto a outros valores inegáveis da obra, reside em haver sepultado para sempre, teoricamente, a filosofia extensionista, manipuladora e paternalista que se desenvolveu no meio rural latino-americano, na década de quarenta, e que continuava viva e forte em 1968, com o apoio dos Estados Unidos e de suas agências, entre as quais a Fundação Rockefeller teve particular importância.

(82) Paulo Freire. Ibidem

c.-Alfabetização de adultos e investigação temática.

O documento sobre investigação temática foi elaborado por Paulo Freire em 1968.(83) Seu conteúdo tinha, como objetivo fundamental, apresentar à equipe multidisciplinar, que realizaria a investigação temática no "assentamento" "El Recurso", no mês de julho de 1968, um corpo de idéias para ser discutido pelo grupo.

"O texto é, em todos os seus passos, afirma Freire, uma permanente defesa do diálogo, como exigência existencial. Do diálogo como concretização da dialogicidade, essência da educação".(84)

E acrescenta:

"Deseja-se, por isso, que o texto se constitua para os membros da equipe, não num sistema rígido de idéias, mas como um desafio em busca de respostas".(85)

Duas idéias são dominantes neste documento: o estudo fenomenológico do diálogo, cujo conteúdo relaciona este texto com o capítulo quarto de "Pedagogia do oprimido", e a descrição detalhada de cada fase da investigação do "tema gerador" ou da temática significativa.

(83) Paulo Freire. Investigação e metodologia da investigação do "tema gerador", redução e codificação temática. Santiago do Chile, ICIRA, 1968. 17p.

(84) Paulo Freire. Ibidem.

(85) Paulo Freire. Ibidem

Freire, de acordo com o documento, tem uma visão completa do processo de investigação que deve ser realizado.

Para isso recomenda:

"O primeiro trabalho do investigador, junto com o educador, será delimitar a área na qual atuará com o povo, e que, em seguida, visitará. É indispensável que a equipe consulte estudos, se existem, realizados em torno da área. Nesta tarefa, que implica um reconhecimento pessoal da área, de sua paisagem física e humana, que exige sua visão crítica, encontros informais, passeios, etc., situa as instituições populares que existem na área: clubes de lazer, de futebol, cooperativas, sindicatos, etc. Observa o tipo de trabalho da área, as ferramentas, etc." (86)

Nesse estilo pormenorizado, Freire descreve cada um dos momentos que caberá ao investigador cumprir.

Posteriormente, em maio de 1968, José Luiz Fiori, ajudante de Freire no ICIRA, escreveu "Dialética e liberdade: duas dimensões da investigação temática". É um texto de 14 páginas.

(86) Paulo Freire. Ibidem

José Luiz Fiori esclarece:

"Este texto é uma tentativa de sistematização cronológica inicial das diferentes fases e etapas do "Projeto de ação pedagógica", proposto pelo professor Paulo Freire. Ao mesmo tempo, Fiori apresenta nele alguns rápidos comentários sobre a metodologia. Foi escrito tomando como base o texto de Paulo Freire, "Investigação e metodologia da investigação do tema gerador".(87)

O texto mencionado, de José Luiz Fiori, é importante não só para compreender melhor o "Projeto de ação pedagógica" de Freire, mas também porque ele contribui com valiosos elementos teóricos, que tornam a investigação do tema gerador mais enriquecedora para os educadores comprometidos, como diz Fiori, com "o contínuo retomar reflexivo do povo sobre seus próprios caminhos de libertação".(88)

A primeira investigação temática realizada no assentamento "El Recurso".

(87) José Luiz Fiori. Dialética e liberdade: duas dimensões da investigação temática. Santiago do Chile, ICIRA, maio de 1968. 14p.

(88) José Luiz Fiori. Ibidem.

Voltemos ao "Relatório anual" das atividades realizadas no ano de 1968, elaborado em 1969. Agora para conhecer como realmente se realizou a investigação do "tema gerador", cuja fundamentação teórica, elaborada por Freire, e complementada por Fiori, foi estudada e discutida com bastante antecedência pela equipe multidisciplinar, que realizaria a pesquisa de campo.

O grupo era constituído por José Luiz Fiori, sociólogo, María Edy Ferrera, também socióloga, o pedagogo Sergio Villegas, o perito da FAO, Odilo Friedrich, a psicóloga Margarita Depetris, uma especialista em teoria de conjuntos, María Helena de Jordán, a lingüista francesa Martine Hugues e a socióloga Marcela Gajardo.

Relata Freire:

"No mês de julho, depois que a equipe havia estudado suficientemente o texto provisório, no qual apresentávamos a fundamentação e a metodologia da investigação temática, consideramos oportuno realizar a primeira investigação". (89)

Os pesquisadores seguiram as diferentes fases do processo de investigação desenvolvido nos documentos de

(89) Paulo Freire. Investigação e metodologia... Op.cit.

Freire e de José Luiz Fiori. Primeiro, escolheram a área. Depois entraram em contato com dados secundários que existiam sobre o foco da pesquisa. Em seguida, com apoio da Corporação da Reforma Agrária-CORA, que havia indicado o assentamento "El Recurso", para realizar a investigação, e que havia aceito, de muito bom agrado, o trabalho proposto, foram a campo com os técnicos da CORA. Freire lembra que, perante a assembleia dos assentados, o pedagogo Sergio Villegas

"Deu a conhecer com clareza e em forma simples a fundamentação e os objetivos da investigação temática." (90)

E acrescenta Freire:

"Villegas terminou sua exposição afirmando: "Esta não é uma investigação nossa sobre vocês, mas uma investigação em que vocês e nós, em diálogo, nos conheceremos melhor e à realidade em que estamos, para melhor transformá-la". (91)

Posteriormente, os pesquisadores iniciaram suas visitas de observação, procurando, em primeiro lugar, uma aproximação simpática com os camponeses. Anotavam os fatos que

(90) Paulo Freire. Investigação e metodologia... Op. cit.

(91) Paulo Freire. Ibidem.

consideravam relevantes, de acordo com a fundamentação teórica e os objetivos levantados.

Depois de algumas visitas, a equipe se reunia, com o intuito de que a cultura em análise se desvelasse em suas dimensões.

Na primeira fase deste processo de investigação, os pesquisadores chegaram a determinar as contradições fundamentais que se apresentavam na realidade cultural. Algumas delas foram as seguintes: patrão-inquilino; ação técnica-ação mágica; pais-filhos; inquilino-assentado; homem-mulher; mordomo (representante do patrão) - inquilino; lideranças-liderados.

Se na primeira parte da pesquisa se descodificou a realidade cultural, para descobrir as contradições nela existentes, no momento seguinte, era codificada a descodificação, para observar aspectos parciais da realidade descodificada. Nos "círculos de investigação", estes apareciam, como "totalidades".

Todos os "discursos" dos camponeses eram gravados no "círculo de investigação". A equipe descodificava esses discursos, para encontrar neles os "temas geradores".

O movimento dialético da investigação temática começava com a descodificação que a equipe fazia das expressões culturais da população.

A partir desta primeira descodificação, a equipe criava as codificações para os círculos de investigação.

O "Relatório anual "de 1969 segue detalhadamente o desenvolvimento do processo,até chegar aos "temas geradores".

"A gravação das descodificações destas codificações, feita pelos camponeses,se constituíam para a equipe,como novas codificações.

Descodificadas estas pela equipe,se encontravam os temas geradores,que,codificados, eram propostos,como programa da ação cultural, aos camponeses,que os descodificavam".(92)

O estudo do contexto lingüístico dos camponeses revela que,para eles,o trabalho não significa a praxis transformadora dos homens com que operam no mundo,mas uma entidade mítica ,para além dos homens.

(92)Paulo Freire. Ibidem.

Segundo o "Relatório":

"Outro aspecto, que se encontra referido permanentemente no "discurso" dos camponeses, e que aponta uma temática que deve ser estudada por nós e por eles, é o roubo que não percebem, uma vez mais, estruturalmente. Existe uma associação indiscutível entre Patrão, Deus, Mordomo, Padre, Inquilino, Trabalho e Roubo". (93)

Para os que estão interessados na realização de investigações de temas geradores, esta experiência chilena, realizada no assentamento "El Recurso," deve ser necessariamente conhecida, pela importância que ela teve, na concretização das idéias de Paulo Freire. Além disso, ela representa a primeira pesquisa dessa natureza, realizada com uma equipe multidisciplinar de tão alto nível.

(93) Paulo Freire. Ibidem.

d.-Concepção "bancária " da educação.

Na listagem de textos elaborados por Freire o "Relatório anual" de 1969, situa este documento em 1968. Existem, com certeza, duas versões do mesmo, e a de 1968 deve significar o aprimoramento de um trabalho escrito anteriormente. (94)

O texto que conhecemos é o de 1967. Ele representa um resumo das palestras realizadas em maio de 1967, em Santiago, sob o patrocínio da OEA, do Governo do Chile e da Universidade do Chile, para um grupo de senhoras latino-americanas, reunidas num congresso na capital chilena.

O documento mencionado faz o seguinte esclarecimento: "As idéias aqui apresentadas, em síntese, fazem parte de um livro do autor, prestes a ser publicado.". Trata-se, sem dúvida, de "Pedagogia do oprimido".

Não sabemos qual era o nível cultural que caracterizava as pessoas que tiveram a oportunidade de conhecer as idéias de Paulo Freire. Mas sua exposição foi numa linguagem semelhante à que utilizou em "Pedagogia do oprimido".

(94) Paulo Freire. Concepção "bancária" da educação e a desumanização. A concepção problematizadora da educação e a humanização. Santiago do Chile, ICIRA, 1967-1968. 7p.

Lembremos, de passagem, que "Pedagogia do oprimido", nesse mês de maio de 1967, estava em pleno período de gestação. Só em dezembro desse ano, Ernani Maria Fiori escreveria seu profundo e lúcido prefácio "Aprender a dizer a sua palavra".

Por isso, não é de estranhar que existam algumas diferenças de forma e de conteúdo, por exemplo, na caracterização da "educação bancária", entre aquele resumo de 67/68 e o que finalmente surgiria na "Pedagogia do oprimido." O valor histórico dessa síntese reside no fato de que ela oferece a possibilidade de apreciar a evolução do pensamento de Freire, em determinados aspectos mais significativos de seus escritos. (95)

(96) Paulo Freire. Os camponeses também podem ser autores de seus próprios textos de leitura. Santiago do Chile, ICIRA, 23 de fevereiro de 1968. 8p.

e.-Os camponeses e seus próprios textos de leitura.

Este texto,(6) modificado quase substancialmente, foi publicado, sete anos mais tarde, em 1975, no livro "Ação cultural para a liberdade"(pp.24 a 30), com o título "Os camponeses e seus textos de leitura".(97)

No texto de 1968, numa parte do primeiro parágrafo, Freire escreve: *"Em suas relações com o mundo, transformá-lo com seu trabalho, "dizer" o mundo, expressá-lo e expressar-se, são o próprio do homem."* Este fragmento do primeiro parágrafo do escrito aparece em 1975, como parágrafo(p.24) e redigido desta maneira: *"Transformar o mundo através de seu trabalho, "dizer" o mundo, expressá-lo e expressar-se são o próprio dos seres humanos".*(98)

Para alguns, talvez não existam maiores diferenças conceituais entre ambos os textos. Haveria apenas mudanças de forma, entre 1968 e 1975, e esta mudança seria, inclusive, insignificante. Uma leitura, porém, de "Pedagogia da Esperança"(99), especialmente das páginas 67, 68 e 69, nos convencerá que entre as duas maneiras de apresentar a mesma

(97) Paulo Freire. Ação cultural para a liberdade. 2ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. 149p. pp.24-30.

(98) Paulo Freire. Op.cit., p.24.

(99) Paulo Freire. Pedagogia da esperança. Op.cit., pp.67-68-69.

idéia, existem questões profundas de princípios, mudanças radicais no pensamento de Freire, relativas à presença da mulher no mundo.

Uma das qualidades essenciais da personalidade de Paulo, é a de saber analisar as observações negativas que são feitas às suas idéias. Pois bem, as mudanças em seu discurso após 1970-1971 devem-se às críticas vindas das mulheres e por ele aceitas. Tais posturas tinham estado sempre presentes, em seu espírito, mas implícitas, silenciosamente, esperando um estímulo para emergirem.

Escreve Freire:

"Daquela data(refere-se a 1970-1971) me refiro sempre a *mulher e homem* ou seres humanos. Prefiro, às vezes, enfeiar a frase explicitando, contudo, minha recusa à linguagem machista".(100)

Em seguida diz:

"Agora ,ao escrever esta "Pedagogia da esperança" em que repenso a alma e o corpo da "Pedagogia do

(100) Paulo Freire. Ibidem, p.68

(101) Paulo Freire. Ibidem, p.68.

oprimido, solicitarei das casas editoras que superem a sua linguagem machista .E não se diga que este é um problema menor porque na verdade, é um problema maior."(101)

Não seguiremos comparando os dois textos, o de 1968 e o de 1971. Já dizíamos que entre ambos existiam diferenças importantes. Podemos dizer, em geral, que à luz do segundo escrito, o primeiro texto surge como uma espécie de rascunho. Como tal, na expressão definitiva, conserva suas dimensões essenciais.

Existem, porém, parágrafos que são idênticos em ambos os textos. São aqueles que apontam para o fundamental da idéia desenvolvida por Paulo Freire. Por exemplo, ao caracterizar a realidade antiga do homem do campo, contrapondo-a à nova, na p.3 do texto de 1968 e na p.25 do livro citado, Paulo assim se expressa:

"Patrão. Sim, patrão. Que posso fazer se sou um camponês. Fale, que nós seguimos. Se o patrão disse, é verdade. Sabe com quem está falando?", etc., são algumas destas palavras e expressões incompatíveis com a estrutura do "assentamento", enquanto esta é uma estrutura que se

democratiza".(102)

Este texto,que comentamos muito brevemente, nós parece um dos mais ricos e interessantes,dos que foram elaborados por Paulo Freire,para trabalhar em ações culturais,com os camponeses dos assentamentos, durante seu exílio no Chile.

(102)Paulo Freire. Ação cultural para a liberdade. p.25

f.-Ação educativa nos assentamentos.

O texto que versa sobre o tema(103) foi discutido em reuniões de assessoria com equipes de educação básica da Corporação de Reforma Agrária-CORA. No esclarecimento preliminar, Freire estabelece que

"as análises e sugestões colocadas neste texto, ainda que pretendam ser respostas às inquietações das equipes referidas, não tiveram outra intenção senão provocar um diálogo entre eles e seu autor, do qual possa surgir algo concreto para a sua ação.(104)

A situação estudada é de como avaliar os processos educativos que se desenvolvem no meio rural. Coerente com sua maneira geral de abordar os problemas, Paulo insere essa realidade avaliativa dentro de sua concepção filosófica. Isto serve de orientação para o leitor, porque de antemão sabe que haverá um mundo conceitual freireano, cujos elementos irão iluminando a discussão do tópico. Por isso, quando Freire diz: "...para ser verdadeira, a avaliação deve ser dialógica", imediatamente se percebe que ela deve ter outras conotações, que estejam de

(103) Paulo Freire. Algumas sugestões em torno duma ação educativa que veja o assentamento como uma totalidade. Santiago do Chile, ICIRA, fevereiro de 1968. 12p.

(104) Paulo Freire. Ibidem.

acordo com essa idéia essencial. E esses traços surgem naturalmente, como ele próprio explicita:

"(...) a avaliação, ao invés de ser instrumento de fiscalização, é a problematização do próprio fazer. Não é ação através da qual os avaliadores exercem um poder coercitivo sobre os "avaliados".
"(...) é formadora. Mediante ela seguem educando-se permanentemente, seus dois polos". (105)

No documento, Freire, talvez para dar uma resposta às críticas levantadas pelos técnicos "economicistas" da reforma agrária, que rejeitavam as ações educativas, ou as aceitavam apenas como um mero apêndice, desnecessário e atrapalhador, assim se posiciona:

"Se não foi possível este diálogo na velha estrutura, por sua rigidez e por sua verticalidade intrínsecas, sua inexistência na atual é um paradoxo. O diálogo na primeira, ou seria um erro ou uma ruptura deliberada com seus padrões; o antidiálogo na segunda, ou é um erro ou é o retorno à velha estrutura." (106)

(105) Paulo Freire. Ibidem.

(106) Paulo Freire. Ibidem.

E acrescenta:

"Poder-se-ia dizer que um esforço desta ordem seria uma espécie de diletantismo intelectual. Que o fundamental, não só para o assentamento em si, senão também para a nação, é o aumento de sua produtividade da qual resulta o incremento da produção." (107)

E prossegue esclarecendo:

"Não pretendemos negar, nestas considerações, o que seria absurdo de nossa parte, esta dimensão fundamental do assentamento; (...) nem minimizar seu caráter de unidade econômica. Porém, não é possível que a pessoa tenha uma visão ingênua, considerando qualquer outra ação que, segundo ela não estivesse "preocupada" com este objetivo, como uma "distração" prejudicial para o mesmo." (108)

O documento analisa a visão crítica da realidade. Freire aproveita, além disso, para destacar a vantagem da concepção

(107) Paulo Freire. Ibidem.

(108) Paulo Freire. Ibidem.

humanista numa ação transformadora do mundo, porque esta parte da idéia de um homem concreto, que tem a vocação para humanizar-se.

O texto é riquíssimo em sugestões concretas para os supervisores, que devem avaliar o desenvolvimento das ações educativas nos assentamentos.

g.-Os "Círculos de Cultura".

Encontramos dois textos de Freire sobre os "Círculos de Cultura. Um deles, com o título já assinalado acima, e outro escrito "Ao Coordenador de um "Círculo de Cultura".

O documento sobre o qual nos deteremos agora, "Círculos de Cultura", (109) começa com uma definição, nos seguintes termos:

"O Círculo de Cultura é uma instituição de educação popular, que funciona com técnicos de educação informal, auxiliado por recursos audiovisuais. Seu caráter dinâmico está em correspondência não só com os objetivos de um programa de promoção e organização de comunidades rurais, senão também com a tomada de consciência que estas comunidades têm tido de seus problemas, ainda que em termos ingênuos". (110)

Em seguida Freire traça algumas características dos "Círculos de Cultura". Diz ele: "é uma instituição dinâmica,

(109) Paulo Freire. Círculos de Cultura. Santiago do Chile, ICIRA, 1968. 9p.

(110) Paulo Freire. Ibidem.

com raízes na realidade local, regional e nacional".(111). Por isso, sua programação deve atender às necessidades e esperanças desses grupos.

Uma peculiaridade do "Círculo de Cultura" é seu nascimento. Ele surge da base. Jamais deve ser imposto de cima para abaixo.

Depois de escolhidos os temas, estes são codificados e passam a constituir núcleos de aprendizagem. As ilustrações dos temas, que podem ser desenhos, pinturas, etc., corresponderão à realidade existencial dos grupos e aos objetivos do programa.

Assegura Paulo:

"A tendência natural destes Círculos é a transformação gradual, e, às vezes, muito rápida de "grupos de estudo" em "grupos de ação"... Nas reuniões dos Círculos de Cultura não estará nem um professor, nem um palestrante com ares doutorais, senão que os assuntos de maior interesse da comunidade serão discutidos democraticamente".(112)

(111) Paulo Freire. Ibidem.

(112) Paulo Freire. Ibidem.

é interessante destacar a ênfase que Freire coloca na capacitação do pessoal que não só animará, mas também conduzirá os debates que se originarão nos Círculos.

h.-Ao Coordenador de um "Círculo de Cultura.

A origem exata deste texto,(113) não pode ser assegurada por nós. Colocamo-lo entre os criados por Freire em 1968,enquanto ele trabalhava no ICIRA,ainda que tenhamos suspeitas,sem maiores bases,que tenha sido antes, durante sua permanência no INDAP,talvez.

Como veremos,nos fragmentos que destacamos do documento,o mesmo tem dois objetivos fundamentais. Em geral,é este,aliás,o esquema seguido por Freire nos textos que elabora para apoiar trabalhos específicos aos quais está prestando assessoria.Em primeiro lugar,apresenta elementos da filosofia que anima sua concepção do mundo, e,em seguida, baseado neles,sugere tipos de ações.

O texto começa assim:

"Para que você possa ser um bom Coordenador de um Círculo de Cultura,necessita,antes de tudo,ter fé no homem.Crer em sua possibilidade de criar, de mudar as coisas. Você precisa amar. Necessita estar convencido de que o esforço fundamental da promoção como o da educação, é a libertação do homem, nunca sua domesticação.E que esta libertação começa na medida mesma em que o homem

(113)Paulo Freire. Ao Coordenador de um "Círculo de Cultura". Santiago do Chile, ICIRA, 1968. 1p.

reflete sobre si e sobre sua condição no mundo em que e com o qual está, e na medida em que conscientizando-se se insere na história, como sujeito. Um Círculo de Cultura, prossegue Freire, não é uma escola, no sentido tradicional, na qual um professor, quase sempre convencido de seu saber, que o absolutiza, dá aulas a alunos passivos e dóceis, cuja ignorância ele também absolutiza. O Círculo de Cultura é um diálogo vivo e criador, no qual todos sabem algo e ignoram algo e buscam juntos saber mais." (114)

Em seguida, passa a dar as recomendações ao Coordenador do Círculo de Cultura:

"Seja humilde... promova-se com o grupo... Faça o possível para que todo o grupo participe. Procure aprender o nome dos participantes do grupo, para evitar de referir-se a eles com expressões como "você" etc. Dirija-se ao grupo, não a um sujeito determinado ao perguntar". (115)

É interessante observar como Paulo Freire se preocupa com as dimensões afetivas da relação pedagógica e do processo de construção do conhecimento. Trata-se da

(114) Paulo Freire. Ibidem.

(115) Paulo Freire. Ibidem.

perspectiva da intersubjetividade das consciências,
exigência básica de uma educação autêntica, de acordo com o
pensamento de Ernani Maria Fiori.

1. - O compromisso do profissional com a sociedade.

Este texto foi produzido para ser discutido num Seminário promovido pelo "Servicio Agrícola y Ganadero" do Ministério da Agricultura do Chile." Através de Freire e de sua equipe, o ICIRA também participou naquele Seminário. (116)

O documento mencionado foi publicado em 1979, no livro "Educação e mudança" (117) - Os tradutores, ao modificarem algumas expressões, com o intuito de darem ao texto uma amplitude maior em seu significado, alteraram, infelizmente, o conteúdo histórico do mesmo, eliminando a referência ao contexto chileno que lhe deu origem.

Vejamos quais as alterações.

O original de 1968 diz: "Estamos convencidos de que o momento histórico do Chile(...) etc." Em "Educação e mudança" lemos: "Estamos convencidos de que o momento histórico da América Latina(...)". (118)

(116) Paulo Freire. O compromisso do profissional com a sociedade. Santiago do Chile, ICIRA, março de 1968. 14p.

(117) Paulo Freire. Educação e mudança. 2ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 79p. pp.15-25.

(118) Paulo Freire. Ibidem, p.25.

Logo adiante, o mesmo parágrafo contém outra alteração. No original, de 1968, lê-se: "Compromisso com os destinos do país. Compromisso com seu povo. Compromisso com o homem concreto chileno." Em "Educação e mudança: "Compromisso com os destinos do país. Compromisso com seu povo. Com o homem concreto." (119)

"O compromisso do profissional com a sociedade" é importante, na produção intelectual de Freire, também porque oferece ao autor a possibilidade, uma vez mais, de rejeitar uma crítica que foi levantada várias vezes: a de que sua concepção de educação e sua idéia central de conscientização seriam "focalistas". Para reafirmar seu ponto de vista procura ser claro na abordagem dos problemas que estuda. No texto que comentamos, ele afirma:

"Não é possível um compromisso verdadeiro com a realidade, e com os homens concretos que nela e com ela estão, se desta realidade e destes homens se tem uma consciência ingênua. Não é possível um compromisso autêntico se, àquele que se julga comprometido, a realidade se apresenta como algo dado, estático e imutável, (...) em departamentos estanques (...) Sua ação não pode incidir sobre as partes isoladas, pensando que assim se transforma

(119) Paulo Freire. Ibidem, p.25.

a realidade, mas sobre a totalidade. No primeiro caso, sua ação, que estaria baseada numa visão ingênua, meramente "focalista" da realidade, não poderia constituir um compromisso". (120)

(120) Paulo Freire. Ibidem, p.21.

j.-A alfabetização de adultos.

Este texto(121) foi publicado,em 1975, no livro "Ação cultural para a liberdade"(p.13-30)(122) com modificações fundamentalmente de natureza formal.Por exemplo, na obra de 1975, Freire cala que o desenvolvimento do tópico indicado surgiu devido a uma solicitação da UNESCO,de Paris.Este organismo internacional ,através do"Departament d' Education des Adultes et des Activités de la Jeunesse,"propôs a Freire que enfocasse dois assuntos: "O analfabetismo como um freio ao pleno exercício dos direitos do homem",e "A alfabetização como primeiro passo que deve ser dado com vistas à integração do individuo no circuito nacional,mediante a tomada de consciência de seus direitos".

É importante destacar a causa principal que originou a concepção deste texto,porque esta revela que a figura de Freire tem já dimensões internacionais plenamente reconhecidas. Ainda não foi publicada "Pedagogia do oprimido".Todavia,seu conteúdo se discute já,não somente no Chile, mas também noutros lugares.Ajudou muito a divulgar o nome de Paulo Freire seu trabalho no meio chileno.O Chile,

(121)Paulo Freire. A alfabetização de adultos. Crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. Santiago do Chile, ICIRA, fevereiro de 1968. 11p.

(122)Paulo Freire. Ação cultural para a liberdade. pp.13-30. p.13.

nesse momento, estava vivendo uma experiência política de singular importância para o mundo democrático. Vastos círculos internacionais estavam não só atentos, mas também participando, no desenvolvimento dos programas colocados em prática nessa nação, de longa tradição democrática.

Freire eliminou, no texto de 1975, os dois primeiros parágrafos, escritos no documento de 1968, e que se referem, um, à sua concepção de mundo, e outro, à idéia de entender a alfabetização como "um ato criador ou não."

Começa o artigo de 1975 com o terceiro parágrafo do texto de 1968. Podemos observar, a seguir, as diferenças que existem entre ambas as versões:

"A concepção, na melhor das hipóteses, ingênua do analfabetismo o encara ora como uma "erva daninha", daí a expressão corrente: erradicação do analfabetismo", ora como uma "enfermidade" que passa de um a outro, quase por contágio, ora como uma "chaga" deprimente a ser "curada" e cujos índices estampados nas estatísticas de organismos internacionais, dizem mal dos níveis de "civilização" de certas sociedades. Mais ainda, o analfabetismo aparece também, nesta visão ingênua ou astuta, como a manifestação da "incapacidade" do povo, de sua "pouca inteligência", de sua

"proverbial preguiça".(123)

Em nota de rodapé, em 1975, Freire, escreve: "Quando, digo, na melhor das hipóteses, ingênua, é porque muitos dos que poderiam ser considerados como ingênuos, ao expressá-lo, são, na verdade astutos".(124) Em 1968, Freire dizia:

"A concepção ingênua do analfabetismo o encara como se fosse um "absoluto em si", ou uma "erva daninha" que necessita ser "erradicada", daí a expressão corrente: "erradicação do analfabetismo. Ou também o vê como se fosse uma "enfermidade", que passará de um a outro quase por contágio. A esta concepção deformada do analfabetismo como enfermidade chamamos, ironicamente, "concepção bacteriológica do analfabetismo". O analfabetismo aparece como uma "chaga" ou lepra, que deve ser urgentemente curada.

Dentro deste conjunto de ingenuidades o analfabetismo aparece ainda, como manifestação da "incapacidade" do povo, de "sua pouca inteligência", de sua "inata apatia", de sua

(123) Paulo Freire. Ibidem, p.13.

(124) Paulo Freire. Ibidem, p.13.

preguiça".(125)

Em síntese, o texto de 1968 contém a medula do que é expresso em 1975, no livro "Ação cultural para a liberdade. Estas duas publicações, pelas suas diferenças de forma e de conteúdo, ainda que conservem elementos que as fazem fundamentalmente semelhantes, são bases importantes para o estudioso que desejasse analisar comparativamente a evolução do pensamento de Paulo Freire em relação a temáticas específicas de seu amplo mundo conceptual.

(125) Paulo Freire. Ibidem, p.13.

k.-O método psicossocial e a reforma agrária.

O texto começa indicando que o Programa do Curso será constituído de duas unidades, com subunidades em interação. A primeira unidade é denominada "A realidade chilena como uma totalidade que, por sua vez, é uma realidade numa totalidade maior: a continental." O título já anuncia quais serão os tópicos fundamentais a serem desenvolvidos nesta unidade: I.-Análise crítica da realidade latino-americana, e II.-Análise crítica de algumas dimensões fundamentais da realidade chilena.(126) Paulo Freire justifica esta primeira unidade do Programa do Curso, na seguinte forma:

"Esta análise inicial se impõe para a compreensão da educação como um dos fatores da mudança, ao lado de outras forças sociais. É necessária uma visão crítica do que está sendo nosso momento histórico, para que possamos interferir conscientemente nele."(127)

A segunda unidade do Programa do Curso, "Fundamentação geral do método psicossocial", é profunda, analítica e ideologicamente definida, e a consideramos tão importante que decidimos salientar, esquematicamente, os elementos que a

(126) Paulo Freire. O método psicossocial para equipes governamentais, vinculadas ao processo de reforma agrária. Santiago do Chile, ICIRA, 26 de abril de 1968. 14p.

(127) Paulo Freire. Ibidem.

integram .O simples enunciado dos temas desta unidade mostrará claramente o nível de exigência que estava solicitando dos participantes o desenvolvimento das bases do método psicossocial.

A abordagem dos tópicos desta unidade, como sempre que se tratava dos fundamentos filosóficos do método psicossocial, coube principalmente a Ernani Maria Fiori, ainda que, muitas vezes, também participasse Alvaro Vieira Pinto.

A primeira subunidade, intitulada "Reflexão sobre o homem dentro da perspectiva do pensamento atual", analisava assuntos como os seguintes: o homem como um ser histórico, no mundo, com o mundo e com os outros; o homem e sua inconclusão; subjetividade e objetividade; o consciente e o inconsciente; a psicologia experimental e seu conceito de consciência; a fenomenologia e seu conceito de consciência; a consciência intencional; graus de consciência: uma visão histórico-sociológica destes graus.

A segunda subunidade "Para o esclarecimento da situação histórico-sociológica dos graus de consciência, no caso particular da América Latina", desenvolve: uma análise da sociedade "fechada", como um "ser para o outro" e suas características fundamentais; a idéia da inexistência do

mercado interno; conhecimento dos fatores internos e externos que condicionam o ruptura da sociedade "fechada".

A terceira subunidade "O problema da educação numa sociedade em trânsito", enfatiza os seguintes tópicos: a educação como um esforço para manter o "status quo", que intenta conduzir o homem à adaptação à realidade; a educação como um quefazer humano destinado não à adaptação do homem à realidade, mas à sua transformação por ele; a análise da educação como um quefazer humano: a não superação da contradição educador-educando e a concepção "bancária" da educação; a superação da contradição educador-educando e a concepção problematizadora da educação; a dialogicidade da educação e a superação da contradição educador-educando; a análise do diálogo implica a análise de seu contrário, o antidiálogo e a dialogicidade da educação começa na busca do conteúdo programático da educação.

Neste último aspecto da terceira subunidade inicia-se, especificamente, a metodologia de alfabetização de adultos. É interessante salientar, sobre este particular o que diz textualmente Freire: Se a dialogicidade da educação começa com a busca do conteúdo programático da educação, impõe-se uma busca do "universo vocabular mínimo". A primeira investigação será da "palavra geradora", a segunda, do "tema gerador". (128)

(128) Paulo Freire. Ibidem.

Consciente da necessidade de explicar previamente, antes que surgissem as críticas, por quê o Programa se apresenta sem a participação dos alunos em sua elaboração, o que iria contra os princípios que servem de base ao método psicossocial, Freire afirma:

"Devido à brevidade do tempo, não foi possível, à Coordenação do Curso, fazer o que se impunha, como exigência da dialogicidade da educação: a pesquisa ainda que sumaria, das inquietações de quem participa do Curso. As descobertas feitas através da análise destas inquietações seriam convertidas em unidades programáticas. Estariam asseguradas, assim, no Programa, as respostas do Curso às inquietações concretas do grupo, e não só as respostas às inquietações concretas do ICIRA ou às que ao ICIRA pareçam ser as inquietações do grupo.

Para superar esta falha, a Coordenação do Curso reservará os dois últimos dias de seu Programa para atividades escolhidas pelo grupo. (129)

(130) Paulo Freire. O papel do trabalhador social no processo de mudança. Santiago do Chile, ICIRA, maio de 1968. 21p.

1.-O trabalhador social e o processo de mudança.

O documento assim intitulado (130) foi elaborado por Freire e serviu, como base de discussão, no Seminário promovido pelo ICIRA, e no qual participaram representantes dos seguintes organismos governamentais: do Conselho de Promoção Popular, (*) do INDAP, do Ministério da Educação, da CORA, do Serviço Nacional de Saúde, da Corporação da Vivenda (**) e do Instituto Nacional de Capacitação Profissional-INACAP- (***)

O texto "O papel do trabalhador social no processo de mudança", era destinado pois, aos que tinham responsabilidades diretivas de ponta, nos processos de

(*) Esta entidade, que surgiu na "Revolução em liberdade" do governo de Frei, tinha como objetivo fundamental a organização dos operários, das vizinhanças e dos camponeses. No fundo, se perseguia uma ideologização das massas, no sentido de apoiar a política oficial do Partido Democrata Cristão. Por isso, num país tão politizado como o Chile, a chamada Promoção Popular, ainda que aceita como indispensável, em suas finalidades operacionais organizativas, encontrou profunda resistência em vastos setores de esquerda, especialmente entre os socialistas e comunistas.

(**) Esta instituição, CORVI, foi criada antes do governo de Frei. Alcançou com este, notável desenvolvimento. A CORVI tinha, como propósito, a construção de habitações populares, para pessoas de baixa renda.

(***) O INACAP, instituição semelhante ao SENAI ou ao SENAC do Brasil, mas com uma abrangência operativa capaz de atender todas as regiões do país, em suas necessidades de trabalhadores semi-qualificados e qualificados. Também cumpria tarefas de aperfeiçoamento dos trabalhadores.

transformações que estava vivendo o país. A maioria dos que participaram no mencionado seminário pertencia, naturalmente, ao Partido de Frei.

"O papel do trabalhador social no processo de mudança", foi incluído, mais tarde, em dois livros, publicados, respectivamente, em 1975 e 1979. O texto publicado em 1975, no livro "Ação cultural para a liberdade", (páginas 37 a 41,) é um fragmento do texto original. Os primeiros parágrafos, nos dois escritos, não apresentam maiores diferenças. Ao conservar a versão original, em 1975, o texto tem um valor histórico indiscutível, porque faz menção à origem do documento e a quem era destinado.

"Educação e mudança", obra publicada em 1979, apresenta outra versão do escrito de 1968, na qual foram eliminados os dois primeiros parágrafos do polígrafo original. Com essa medida, o documento perde sua raiz ligada a determinada circunstância histórica. Torna-se, assim, uma peça impessoal e universal. Não pensamos que isto seja ruim. Queremos apenas registrar o fato, para possíveis análises da evolução por que passaram o pensamento e a obra de Freire.

A variante que apresenta "Educação e Mudança", entre as páginas 43 e 60, do texto de 1968, é muito mais fiel que a de 1975, já mencionada, apesar das diferenças formais e de conteúdo que surgem em distintas passagens dos escritos.

Somente para ilustrar, brevemente, nossas afirmações, destacaremos alguns parágrafos dos documentos.

Freire escreve, em 1968 e 1979:

"A significação de "antes" aqui, não é a do sentido comum, nem a do sentido gramatical. O "antes", aqui, não significa um momento anterior, separado de outro por uma fronteira rígida. O antes, pelo contrário, toma parte do processo, participa da estrutura social, envolvendo os homens, seja como um passado que foi presente, seja como um anterior, presente na estrutura". (131)

E o autor diz, no mesmo parágrafo, traduzido por ele do espanhol para o português:

"A significação do antes, aqui, não é a do senso comum. O antes aqui não significa um momento anterior que estivesse separado do outro por uma fronteira rígida. O antes, pelo contrário, faz parte do processo de transformação estrutural". (132)

(131) Paulo Freire. Ibidem.

(132) Paulo Freire. Ibidem.

Observemos agora outros parágrafos ,para destacar modificações de estilo e,talvez, de conceitos.Diz Freire em 1968:

"Desta forma ,a percepção distorcida da realidade neste "antes"da mudança estrutural, pode ser mudada, na medida em que o "hoje", no qual se está verificando o antagonismo entre mudança e estabilidade,já é em si um desafio que coloca à prova a percepção mesma da realidade".(133)

Em 1975,Freire escreve:

"Desta forma , a percepção da realidade, distorcida pela ideologia dominante,pode ser mudada, na medida em que, no"hoje"em que se está verificando o antagonismo entre mudança e permanência,este antagonismo começa a se fazer um desafio."(134)

Em 1979, o parágrafo que destacamos fica assim configurado:

"Desta forma , a percepção distorcida da

(133)Paulo Freire. Ibidem.

(134)Paulo Freire. Ibidem.

realidade, neste "antes" da mudança estrutural, pode ser mudada, na medida em que o "hoje", no qual se está verificando o antagonismo entre mudança e estabilidade, já é em si um desafio que a põe à prova".(135)

É possível que as diferenças sejam fundamentalmente derivadas das dificuldades que apresenta a tradução, do espanhol para o português. Mas é evidente que a tradução de 1979 é mais fiel ao texto original nesse parágrafo, e talvez mesmo em todos os outros, que a de 1975. É possível também que o autor houvesse dado outra dimensão à idéia.

(135) Paulo Freire. Ibidem.

m.-A alfabetização funcional no Chile.

Este texto de Freire é interessantíssimo para conhecer como se desenvolvia a alfabetização de adultos, no Chile, e quais eram os resultados que se alcançavam com o emprego do método psicossocial. (136) Além disso, mostra como Freire havia atingido um dos propósitos de seu trabalho : o de constituir equipes, com capacitação teórica e técnica, extraordinariamente eficazes para desenvolver tarefas de alfabetização e de pós-alfabetização de adultos. Por outro lado, aparece o esforço realizado para montar uma estrutura nacional, constituída de nove zonas, cuja função era, precisamente, desenvolver uma ampla e profunda ação cultural e conscientizadora, que se iniciaria com a investigação das palavras geradoras, e continuaria na pós alfabetização, com a pesquisa dos temas geradores, entre os camponeses e trabalhadores urbanos.

Paulo Freire escreve:

"O relatório que agora apresentamos, como consultor da UNESCO, à sua Divisão de Alfabetização de Adultos, junto ao Projeto FAO-ICIRA, em Santiago do Chile, tentará uma conciliação entre as

(136) Paulo Freire. A alfabetização funcional no Chile. Santiago do Chile, ICIRA, novembro de 1968. 54p.

exigências de caráter formal, típicas destes documentos, e uma posição mais livre, em que aspectos mais vivos, de interesse humano, não fiquem ocultos sob a frieza dos números. (137)

Em seguida, Freire refere-se às partes que integrarão o documento, que são as seguintes : a).- Considerações gerais sobre nosso Plano de Atividades, Marco teórico e a Prática do Método Psicossocial; b).-Relatório da Chefia de Planos Extraordinários de Educação de Adultos do Ministério da Educação; c).-Relatório das equipes técnicas do departamento de Desenvolvimento Camponês da Corporação de Reforma Agrária-CORA, e d).-Relatório de progressão de um projeto do qual participam instituições camponesas, equipes técnicas do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário-INDAP, do Ministério da Educação, da Corporação da Reforma Agrária e do Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária-ICIRA, na província de Colchagua, região central do Chile." (138)

Essa localidade foi especialmente escolhida ,segundo nos parece, por duas razões principais. Em primeiro lugar, nelas e ao seu redor se concentrava a mais alta percentagem de pessoas que não sabiam ler nem escrever. Além

(137) Paulo Freire. Ibidem.

(138) Paulo Freire. Ibidem.

disso, essa região abrigava os maiores e mais conservadores latifundiários chilenos, verdadeiros senhores feudais. Realizar tarefas de conscientização dos camponeses dessa zona, em certo sentido, era como colocar panos vermelhos perante o touro furioso.

O primeiro ponto do Relatório Geral, "Considerações gerais sobre nosso Plano de Atividades", desenvolve dois aspectos: as bases teóricas que sustentam o Método Psicossocial, e a prática do mesmo.

O Relatório Geral, no que se refere a estes dois aspectos, verdadeiramente não acrescenta nada que não sido discutido em, por exemplo, "Educação como prática da liberdade", em "Pedagogia do oprimido" e noutros escritos que já temos comentado.

O mais interessante do Relatório sobre "A alfabetização funcional no Chile", reside nos documentos que aparecem no "Anexo", e que se referem às experiências realizadas pelas equipes dos diferentes organismos mencionados, em várias localidades camponesas.

Um dos supervisores, Dario Salas, em seu Relatório sobre "Algumas experiências recolhidas na supervisão de Educação Básica"; diz:

"No centro do país, em Curicó, se está realizando uma interessante experiência, que consiste num curso de alfabetização com um regime de internato. Participam 50 camponeses de diversos assentamentos. A experiência está em sua fase final e, ainda que não se possam dar resultados definitivos, podemos dizer, porém, que, durante as três semanas de um curso que dura um mês, os camponeses estão vivamente interessados, e têm conseguido a aprendizagem da leitura e da escrita através do método psicossocial de Paulo Freire. (139)

Com este último documento, brevemente comentado, "A alfabetização funcional no Chile", fechamos este capítulo da presença de Paulo Freire, através de seus escritos, como consultor da UNESCO, no Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária-ICIRA. O tempo de Paulo Freire neste organismo se estendeu por um ano e vários meses, até abril de 1969. Foi um período de intensa atividade. Freire não era alguém que ficasse comodamente sentado no escritório. Seu espírito de ação o levou a participar em muitas jornadas de alfabetização e pós-alfabetização, que se realizavam em diferentes pontos do país. Suas idéias sobre educação, que terminavam com as antigas e caducas concepções

(139) Paulo Freire. Ibidem.

dominantes, despertaram admiração e esperança, especialmente nos jovens revolucionários chilenos.

Não temos nenhuma dúvida em afirmar que o período do exílio chileno de Freire foi o mais fecundo de toda a sua produção intelectual escrita. Foi lá que ele redigiu seus primeiros livros, entre eles, o mais importante de todos, *Pedagogia do oprimido*. Esta fecundidade de produção intelectual está intimamente relacionada com a riqueza de experiências de que Freire participou, de 1964 a 1969, no Chile. O diálogo intenso e o trabalho em conjunto com outros brasileiros exilados e com numerosos educadores chilenos foi, certamente, um dos fatores decisivos neste processo de produção. Neste diálogo amplo de Paulo Freire, Ernani Maria Fiori foi o parceiro mais importante e que maior influência exerceu em seu pensamento e em sua obra.

5.-Um diálogo com Paulo Freire no Chile.

Em 1971, Paulo Freire, que já trabalhava em Genebra, foi convidado por dirigentes da Unidade Popular, um grupo de partidos de esquerda que sustentava o governo de Salvador Allende, para participar de um seminário de avaliação de dois programas de educação popular, que haviam sido concebidos pela política oficial socialista.

Este diálogo, mantido por Paulo Freire com setores setores de intelectuais esquerdistas, se caracteriza por matizes bastante interessantes. É por isso que achamos ilustrativo comentá-lo e destacar dele alguns aspectos.

La revista "Cuadernos de Educación ", (140) reproduziu o encontro que mencionamos. É naquela publicação que nos baseamos, fundamentalmente, para analisarmos aquele encontro. Através de perguntas surgidas num diálogo que não foi frio, e não o podia ser, se dele participava Paulo Freire, o autor da *Pedagogia da esperança*, esclarece, ataca, aprova, se defende, em resposta aos questionamentos que já muitas vezes foram levantados, na história do pensamento freireano. Em 1971, porém, algumas das perguntas foram pela primeira vez colocadas.

(140) Chile. Ministério da Educação. Um dimensão política da educação ? In: Cuadernos de Educación. Santiago do Chile, 1971.

A primeira questão proposta, refere-se ao fato de que "hoje Paulo Freire serve para muitas coisas e para muita gente. Os marxistas tomam algumas coisas da teoria freireana sem querer compreendê-la em sua totalidade. Por exemplo, como pode ser entendida a contradição opressor-oprimido sem ser situada no contexto da luta de classes que não aparece clara na obra? E esta surge como a-histórica. Se lemos *Pedagogia do oprimido* não se encontram bases nela para que possamos explicar a perseguição que teve Paulo Freire no Brasil e os problemas que se lhe apresentaram no Chile. Isto quer dizer que havia uma prática concreta que não estava claramente explicitada no livro." (141)

A resposta de Paulo Freire a essa primeira indagação que envolve várias interrogativas, é ampla, franca e de profundo valor histórico. Começa por dizer que lhe interessam as críticas que o classificam como idealista, reformista, paternalista ou outras coisas. E afirma: "Estas críticas são feitas a partir de meus primeiros trabalhos, nos quais há, indiscutivelmente, ingenuidade, posturas fracas, mas também existem posturas críticas. Tive sempre uma **prática dialética**. Porém, ao tratar de teorizar a prática, tive momentos de ingenuidade na teoria que tentei fazer de minha prática. E a prática dialética

(141) Paulo Freire. Ibidem.

que sempre tive, me ajudou a superar a minha ingenuidade." (142)

Em seguida Paulo Freire afirma que em suas primeiras obras não falou sobre o caráter político da educação, nem do problema das classes sociais e da luta de classes, porque "eu não fui capaz- diz ele- de esclarecer o processo de conscientização tal como o fiz na prática. Eu estava ideologizado. Vocês mesmos estiveram apoiando a Democracia Cristã e talvez foram mais ingênuos que eu porque, como não encontravam referência à luta de classes, lançaram o slogan de "Revolução em liberdade" que é a pura ingenuidade e o puro idealismo". (143)

Paulo Freire declara, em seguida, que quando escreveu *Pedagogia do oprimido* estava profundamente convencido da existência do problema das classes sociais e que esse livro surgiu apoiado em sua longa experiência com os camponeses chilenos. E afirma, "quando eu coloco a dialética do opressor-oprimido, está implícito, indiscutivelmente, o problema de classe social." (144) "E a obra, acrescenta, está totalmente situada numa realidade histórica". (145)

(142) Paulo Freire. Ibidem.

(143) Paulo Freire. Ibidem.

(144) Paulo Freire. Ibidem.

(145) Paulo Freire. Ibidem.

Paulo Freire aproveita a troca de idéias que se desenvolve para criticar ,por sua vez, a prática revolucionária chilena da Unidade Popular, que ele chama de "prática pequeno-burguesa".(146) Especificamente critica os slogans do Ministério da Educação,feitos por educadores revolucionários,e cujo conteúdo,segundo ele, é profundamente reacionário ,como por exemplo,o que diz: "Quem sabe ensina e quem não sabe aprende".

Na segunda pergunta levantada pelos participantes do encontro, estes querem a saber de Paulo Freire o que ele pensa da relação entre a massa e a vanguarda, e como esta relação se daria na educação.

Paulo Freire afirma que não é possível a revolução sem vanguarda.Sem esta,chega o espontaneísmo,e com ele o apoio às classes dominantes.A vanguarda,sem manipulação e numa relação dialética com a massa,deve começar o processo e até conduzi-lo,também,em certos momentos.(147)

Outra pergunta, em relação à escola e à revolução permite a Freire que diga o seguinte:

(146)Paulo Freire. Ibidem.

(147)Paulo Freire. Ibidem.

"Não é a escola a que muda a sociedade, mas é a sociedade que faz a escola, e, ao fazer a escola, se faz com esta dialeticamente(...) Eu confesso, ainda quando compreendo os momentos de ativismo numa sociedade, que tenho um medo muito grande do ativismo, porque eu acho que a revolução é um ato de saber, é um ato de conhecimento. Não podemos transformar a escola de forma mágica. Precisamos conhecer e, por isso, o papel dos teóricos, no bom e legítimo sentido da palavra, é indiscutível. Devemos ter prática e teoria. O que não é possível é ter uma falsa teoria."(148)

(148) Paulo Freire. Ibidem.

CAPÍTULO 5.-A EDUCAÇÃO POPULAR NO CHILE DEPOIS DE PAULO FREIRE.

Quando Paulo Freire deixa o Chile, em abril de 1969, e se dirige à Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, permanece, entre os chilenos, uma sólida expressão de seu pensamento e de sua prática, que se manifesta especialmente no trabalho realizado em educação de adultos, através do método psicossocial de alfabetização. Muitos educadores e outros profissionais aceitaram e praticaram as idéias de Freire no meio rural e urbano.

As críticas que se fizeram ao método psicossocial não o abalaram em sua essência. Pelo contrário, o aprimoraram, ajudaram a sua compreensão e a sua divulgação.

Os anos de alegrias e descobertas, vividos nos primeiros tempos da "Revolução em liberdade", com camponeses e trabalhadores urbanos, se transformaram em horas de glória na história vivida pelo país, que buscava sua plena independência econômica e cultural, através do governo de Salvador Allende. As classes populares, que haviam começado a sentir-se seres humanos, na década anterior, caminhavam agora conscientes na busca de uma identidade que nunca haviam conhecido antes.

Neste clima, vivido pelo Chile, de libertação do povo oprimido, o método psicossocial de Paulo Freire e sua concepção geral de educação, desempenharam uma influência decisiva. O pensamento de Freire, agora com o apoio oficial, aprimorado através de exitosas experiências, torna-se ferramenta fundamental nos processos educativos. Os jovens companheiros de Freire nos organismos encarregados de concretizar a reforma agrária, na década de sessenta, têm agora, no governo de Allende, altas responsabilidades educacionais.

Esta etapa de novembro de 1970 até setembro de 1973, especialmente nos dois primeiros anos, foi muito fecunda e cheia de esperanças, frustradas abruptamente pela ditadura.

No período autoritário, o poder oficial estabeleceu um arremedo do método psicossocial, ao estilo do que aconteceu com o MOBRAL. Isso nada tinha a ver com as idéias de Paulo Freire. E no Chile, como no Brasil, o nome do verdadeiro autor nem sequer podia pronunciar-se. Esse produto bastardo circulou entre educadores e trabalhadores adultos.

Entretanto, como veremos em seguida, as idéias de Paulo Freire não morreram, embora deturpadas, pela ditadura. Grupos de homens e de mulheres, até com perigo de

suas vidas, continuaram praticando o diálogo conscientizador e humanizador.

Em 1990, com o retorno da democracia, ainda com muitas limitações, o método psicossocial recupera sua força libertadora, apagada ou sufocada pela tirania. Oficialmente, o pensamento de Paulo Freire irrompe no seio das escolas, das fábricas, do meio rural.

Esta realidade que acabamos de traçar em grandes linhas, nos permite distinguir três momentos, no desenvolvimento da educação de adultos e da educação popular. O primeiro, seria representado pelo período entre a saída de Paulo Freire do Chile até o golpe militar de 1973; o segundo, pela fase ditatorial, até 1989, e o terceiro, que começa em dezembro de 1989, com a volta ao regime democrático.

Nesta descrição geral, parece-nos importante salientar como se desenvolveu a educação popular, não oficial, no período da ditadura, isto é, entre 1973 e 1989. Ao fazê-lo, desejamos também destacar como o pensamento de Paulo Freire se manifestou nas práticas de educação popular e em que modalidades ela se concretizou.

Usaremos, como fontes fundamentais para descrever as atividades de educação de adultos durante a ditadura, um livro que nos parece muito lúcido, objetivo e brilhante,

intitulado "Educación Popular en Chile", escrito por três grandes educadores chilenos, Juan Eduardo García-Huidobro, Sergio Martinic e Ivan Ortiz, e publicado em 1989.

A outra fonte é constituída pelas práticas realizadas durante a ditadura pelos educadores populares do Centro de Investigación y Desarrollo de la Educación-CIDE, de Santiago do Chile.

1.-Uma visão geral da educação popular durante a ditadura.

Poucas foram as famílias chilenas que não tiveram problemas como consequência do golpe militar de 1973. Algumas perderam filhos, outras irmãos, chefes do lar, familiares, amigos. Muitos ficaram sem empregos. Muitas famílias foram desestruturadas. Havia medo, fome, miséria. Amplos setores populares foram excluídos da vida econômica e política do país.

Perante esta realidade, surgiram organizações não - governamentais para ajudar a resolver problemas e desencadear ações solidárias que permitessem um trabalho coletivo, de apoio, de colaboração. Apesar da ditadura, e às vezes clandestinamente, começaram a aparecer formas dialógicas humanizadoras. O medo se tornou, assim, menos ameaçador.

Para os que não viveram por dentro o processo de desenvolvimento do período autoritário chileno, pode este aparecer como um quadro pintado de tragédias, sem matizes, prolongando-se dolorosamente uniforme, através dos anos. A vida quotidiana da ditadura mostra, porém, como ela vai aparecendo com diferentes rostos, devido às pressões internas e externas com as quais se defronta. Existem muitas diferenças entre aqueles instantes brutais de setembro e outubro de 1973, nos quais a vida humana não valia um

centavo, e os meses imediatamente seguintes, onde funcionava a farsa dos tribunais de justiça, implantados pela ditadura. Nestes, pelo menos, a agonia se fazia mais longa.

Se é possível distinguir etapas, nesse período ditatorial, que vai desde 1973 até 1989, como o fazem os autores de "Educación popular en Chile", também se faz necessário ressaltar que essas fases, em si mesmas, contêm variados contornos. A periodização desse longo tempo sombrio e trágico do Chile, depende fundamentalmente do ponto de vista que se sustente para construí-la.

O autoritarismo destruiu a organização camponesa, a educação, os sindicatos, as instituições, os partidos políticos de esquerda etc. Todos aqueles elementos que podiam ser considerados como possíveis focos de resistência, foram aniquilados. E os não demolidos, foram reduzidos ao silêncio.

Mas a ditadura, inesperadamente, talvez, se defrontou com inimigos singulares: a Igreja Católica chilena e grupos religiosos protestantes. Católicos e luteranos progressistas, especialmente, se transformaram em lutadores abertos contra o poder ditatorial e em defesa dos direitos humanos. Eles se constituíram no único caminho viável para abrigar esperanças de regresso à vida democrática. A fúria dos ditadores, as perseguições, as influências exercidas

perante as mais altas hierarquias desses setores, não tiveram grandes resultados práticos.

Este nobre posicionamento dos cristãos, que se voltavam para salvar vidas e dignidades humanas, estimularam as lutas clandestinas, os diálogos, as organizações incipientes de grupos de chilenos que, acostumados a viver na democracia, não se conformavam com a falta de liberdade e de justiça.

Nesse clima político, social, econômico, cultural e educacional de sufocamento que vivia uma grande massa de chilenos marginalizados, a educação popular começou sua tarefa libertadora.

Iniciativas diferentes, muito importantes para a recuperação espiritual e material dos chilenos, foram surgindo isoladamente, quase sem organização, oportunizando, porém, a possibilidade de sentir que a cooperação não estava totalmente destruída.

Garcia Huidobro afirma:

"Já em 1973 a Igreja da Zona Oeste de Santiago apoia iniciativas dos moradores, e organiza postos de refeições comunitárias para grupos de pessoas especialmente afetadas pela situação de desemprego e repressão. Em 1975, o Comitê de

Cooperação para a Paz começa a apoiar iniciativas populares de criação de refeitórios para garantir alimentação às crianças das famílias mais sofredoras. Nesta data, surgem nas instituições que trabalham com moradores urbanos, linhas de ação em torno a necessidades básicas, para diminuir os problemas do desemprego, da fome e da saúde, incluindo também atividades de educação e capacitação". (1)

Resumindo. em seguida, as atividades realizadas no período 1973-1976, o autor declara:

"Durante essa fase, as atividades não são traçadas como projetos de ação muito determinados, mas como respostas de emergência ante uma situação de emergência; a lógica das atividades "foi a lógica dos fatos: quando os fatos exigiam resposta não havia nenhum modelo a imitar". (2)

A partir de 1976, aqueles especialmente que apoiaram o golpe, pensando que os militares ficariam apenas alguns meses no poder e que logo este passaria às suas mãos, tiveram

(1) Juan Eduardo García-Huidobro, Sergio Martinic e Iván Ortiz. Educación popular en Chile. Santiago de Chile. Centro de Investigación y Desarrollo de la Educación-CIDE, 1989. 216p. p. 10.

(2) Ibidem, p. 10.

certeza de que a ditadura seria longa. Para acabar com a inflação, a ditadura implantou, no plano econômico, o neoliberalismo. O desemprego chegou, nesse ano, a níveis de 20%, insuportáveis para as classes populares, se comparados com o 3,1% de 1972 no governo de Allende. A política apressada de privatizações (na saúde, educação, habitação, cultura e lazer) agravou consideravelmente os problemas para as classes populares e média. A educação, por exemplo, tradicionalmente, uma responsabilidade do Estado, agora em mãos de particulares, deixou de ser, em seus níveis superiores, uma possibilidade para grandes setores da população.

Os camponeses dos "assentamentos", criados na reforma agrária de Frei e Allende, na nova política, estabelecida pelo regime ditatorial, ficaram privados da possibilidade de receber um pedaço de terra para cultivar. Só os esperava o desemprego. Os problemas para esses trabalhadores rurais se tornaram trágicos. (3)

Garcia Huidobro assevera que frente à realidade dolorosa que vivia o camponês, surgiram programas privados para apoiar o setor rural. Nasceram novas instituições; as antigas definiram para si outros objetivos, diferentes ou que complementavam os originais. Estas entidades realizavam

(3) Ibidem, p.10.

atividades de organização dos camponeses para enfrentarem, todos juntos, a solução de seus problemas mais graves: alimentação, saúde, trabalho, escola etc. Por outro lado, os próprios grupos dos setores populares começaram a colocar em prática iniciativas que se concretizavam em organizações de base denominadas "organizações solidárias." Ou seja, existiam paralelas, aos órgãos oficiais, uma ação de "assistência social", que não podia ser eliminada, como também, uma ação de promoção popular.(4)

Em 1980 o governo ditatorial conseguiu, em plebiscito, a aprovação de sua Constituição. E com isso, configura um quadro ideológico em todos os planos da vida nacional. A ditadura consegue êxitos econômicos. Fala-se de "milagre econômico". Entretanto,

"seus frutos eventuais não chegaram aos setores populares: o desemprego apresenta índices três vezes superiores aos históricos; os salários não conseguem recuperar o valor de 1970(...) Mas esta cota de dor se apresenta como um "custo social" transitório."(5)

(4) Ibidem, p. 13.

(5) Ibidem, p. 15.

A educação popular, embora não mudasse substancialmente suas práticas, iniciou outra etapa imensamente esperançosa. Perguntava-se o que se pretendia com o que se estava realizando. Algumas das respostas eram simples e óbvias. Tratava-se de resolver problemas imediatos dos grupos, como os de trabalho, saúde, alimentação etc. Mas, além disso, descobriam-se outras dimensões das práticas que se realizavam. O latente, o que estava no íntimo de cada um dos membros dos setores populares, principiava a manifestar-se no diálogo. Tornava-se sentimento dos grupos. A conscientização começou expressar-se de maneira coletiva, social. O medo não era mais, agora, o estado de ânimo predominante das pessoas. Nasceu e se organizou uma consciência grupal. A educação popular surgiu, assim, a partir das bases, como necessidade humana plenamente vivida. Ao mesmo tempo ela se alimentava das vanguardas intelectuais. A educação popular renascia melhor e, com ela, também a cultura popular, nas oficinas criadas para resolver problemas contingenciais, cujas soluções eram impostergáveis. A ditadura nem sequer percebeu, talvez, que estas oficinas de vestuário, de alimentos, de produção, etc. traziam em seu âmago o fermentos de propósitos políticos democráticos que pouco a pouco se foram consolidando.

Uma educadora popular que participou nestas jornadas, destinadas, aparentemente, apenas a resolver os problemas criados pelo regime imperante, nos dizia:

"Nós mesmos não estávamos muito seguros dos rumos que tomariam essas oficinas. Havia um objetivo claro, primordial, em todas elas, visível para todos, especialmente para os representantes da ditadura e para seus delatores. Nós nos empenhávamos em mostrá-lo, este objetivo, por um lado para sobrevivermos, e ao mesmo tempo, para podermos continuar com nosso trabalho, ou seja, queríamos mostrar que os membros da oficina realizavam um trabalho concreto que lhes servia para satisfazer uma necessidade. Somente depois de algum tempo, no momento em que o ditador resolveu permanecer por outros longos anos, e consultou o povo, percebemos a importância que tinham essas oficinas para a organização popular. Milhares dessas instituições, estabelecidas em todos os pontos do país, discutiram, organizadamente, a proposta do ditador, e conscientemente, com sentimentos coletivos, puderam dizer "não" aos anseios do representante do regime autoritário". (6)

(6) Ibidem, p. 17.

é importante destacar que em 1980 se realizou no Chile o Primeiro Encontro Nacional de Educação Popular. Tal encontro foi muito positivo, porque nele não somente se avaliou o trabalho realizado sob o regime totalitário, mas também se discutiram metodologias, teorias, estratégias de ação etc.

Em 1983 se iniciou, poderíamos dizer, o caminho de retorno à casa tradicional, histórica, de todos os chilenos: a institucionalidade política democrática. Vários acontecimentos anunciaram esta demorada viagem. Em primeiro lugar, aos 11 de maio daquele ano, realizou-se o primeiro protesto massivo, gigante, que nos setores populares de Santiago se transformou numa festa: a das "panelas vazias". O barulho originado pelo choque das panelas ensurdeceu, durante várias horas, as elites da ditadura.

A causa imediata do "panelaço" foi a crítica situação econômica que vivia o país. O governo realizou uma virada violenta em sua política econômica.

García Huidobro nos diz:

"O governo havia ressaltado, durante os anos anteriores, os méritos da iniciativa privada e do mercado. Naquele momento decidiu intervir

nos bancos do país".(7)

O mesmo autor acrescenta:

"Junto à ruptura do silêncio, diminui o medo. Surgem articulações sociais e políticas em nível de sindicatos, de comunidades e de políticos. Constitui-se, em julho, a "Aliança Democrática", que agrupa, inicialmente, um grupo de partidos, sendo o principal deles, o Democrata Cristão. Nasce, em seguida, o "Movimento Democrático Popular" que tem como principal membro o Partido Comunista. Também se forma o "Bloco Socialista", que agrupa todos os segmentos que compartilham essa ideologia, e que estão fora da "Aliança Democrática."(8)

Dentro desta nova realidade que está vivendo o país, marcada pelo sentimento fortemente acalentado, de que a democracia haveria de estabelecer-se, num prazo breve, a educação popular preocupa-se em traçar os caminhos que deviam conduzir à nova conjuntura nacional, que iria concretizar-se.

"No mundo específico da educação popular, muitas

(7) Ibidem.

(8) Ibidem.

são as perguntas que esperam resposta. A convocação para o III Encontro Nacional de Educação Popular é marcada por esta preocupação, e convida a refletir sobre "que tipo de contribuição se pode dar, a partir da prática da fazer, desde a prática da educação popular, para um projeto alternativo, e para novas formas de fazer política?". (9)

Esta situação geral de desenvolvimento da educação popular no regime autoritário chileno, nos leva a perguntar como era possível realizar esse tipo de trabalho, onde o poder central o observava, pelos menos, com suspeita, sem dar-lhe nenhum apoio. Com esta pergunta não nos estamos referindo ao temor, ao perigo, à audácia, dos educadores populares para chegar até os grupos. Todos eles estavam conscientes dos riscos que tinham diante de si. Não. Estamos pensando em como podiam ser financiadas essas iniciativas. Nos governos de Frei e Allende, muito mais neste último, o apoio ao desenvolvimento da educação popular era oficial e amplo.

Garcia Huidobro nos apresenta a descrição de um fenômeno cuja existência todos conhecemos: a presença de centros privados de investigação em ciências sociais e que

(9) Ibidem, p.18.

se relacionavam com educação popular. Tais centros alcançaram, na América Latina, uma importância cada vez maior. Muitos desses centros estão vinculados às igrejas. Outros são leigos. A maioria tem nexos com organismos externos, internacionais.

Garcia Huidobro faz um esforço para determinar qual é o número dessas instituições não-governamentais, que trabalham no Chile. Não é fácil indicar a quantidade exata. Não existe um relatório completo delas. Ele assinala 61 instituições privadas que possuíam programas de educação popular. Um outro estudo revela que em 1979 havia, no Chile, 95 instituições católicas trabalhando em educação de adultos. Outra investigação afirma que existiam 41 programas privados de apoio ao setor rural. Uma síntese geral de todos os estudos realizados permite concluir, apenas provisoriamente, que 195 instituições privadas estariam trabalhando em educação popular no Chile.

Muitas destas instituições, com vinculações internacionais, conseguiam financiamento para projetos apresentados por seus educadores populares. Devido a isso, eram capazes de realizar as tarefas que desejavam concretizar.

Garcia Huidobro afirma:

"As organizações não governamentais podem ser

caracterizadas como instituições de muita iniciativa e de alta criatividade social(...) A partir delas se tem perfilado um novo tipo de serviço profissional para os setores populares. Este se tem autodefinido, com freqüência, como "alternativo" e tem enfatizado processos de autogestão de base e de participação popular. Entre suas qualidades se destaca seu caráter amplo, que tem dado lugar a formas novas de enfrentar a ação social e educativa com os setores populares; sua elevada flexibilidade e seu poder de adaptação, frente a situações diversas".(10)

Outro estudo de Garcia Huidobro, incluído no mesmo livro, já citado, "Educación Popular en Chile", nos ajuda, em forma muito efetiva, a precisar a influência de Paulo Freire no desenvolvimento da educação popular no Chile, especialmente durante a ditadura que viveu esse país.

Em sua pesquisa "*A proposta pedagógica dos projetos de educação popular*", Garcia Huidobro analisa 100 projetos de educação popular, orientado pelos três propósitos que caracterizavam, segundo ele, essa atividade: alcançar a tomada de consciência, desenvolver a organização popular e aumentar a participação social.

(10) Ibidem, p. 23.

Estes três objetivos, muito bem esquematizados por Garcia Huidobro, são os que têm sido apresentados por Paulo Freire como identificadores de uma educação libertadora. A prática de Freire, no Ministério da Educação chileno e nos organismos da reforma agrária do Chile, INDAP, CORA e, fundamentalmente, o ICIRA, solidificaram e divulgaram essas características da educação popular. Em todos os seus livros, e nos documentos que escreveu no ICIRA, ele salienta reiteradamente essas finalidades de sua concepção de educação.

O estudo de Garcia Huidobro em 100 projetos de educação popular revela que 79 deles buscam a conscientização; 74 se propõem desenvolver a organização, e 80 colocam ênfase na necessidade de promover a participação de todos os destinatários do programa. (11)

Esta presença do pensamento de Paulo Freire nos trabalhos de educação popular no Chile, durante a ditadura, foi confirmada agora, de maneira objetiva, nos estudos de Garcia Huidobro. Tal presença havia sido salientada já por diversos educadores chilenos envolvidos em educação de adultos e em educação popular. De fato, as idéias e as práticas educativas de Paulo Freire foram

(11) Ibidem, pp. 75-110.

assimiladas, maneira natural, nas posturas pedagógicas dos educadores chilenos. Os governos democráticos de Frei, de Allende e de Aylwin, que tornaram oficial o apoio à concepção freireana de educação, contribuíram decisivamente para universalizar a influência de Freire no Chile. Esta realidade constitui-se num fato histórico de extraordinária relevância para a educação, não apenas para o Chile, mas para toda a América Latina.

2.-Os Programas de Educação Popular no Centro de Investigación y Desarrollo de la Educación-CIDE.

Pretendemos oferecer, agora, uma visão das práticas de educação popular que se realizaram durante o duro período da ditadura militar chilena.

Já sabemos que são muitas as organizações não governamentais, envolvidas em educação popular e em educação de adultos, no Chile. Decidimos conhecer as experiências do CIDE, por acharmos que, por sua longa tradição nesse campo, talvez represente melhor essa linha de ação. Por outro lado, sua organização e sua disponibilidade para fornecer informações sobre seu trabalho, estimularam nossos propósitos.

Para alcançar nosso objetivo, de conhecer as experiências de educação popular que realizadas pelo CIDE, e a influência, nessas atividades, do pensamento de Paulo Freire, entrevistamos cinco educadores populares daquela instituição.

O CIDE, como já sabemos, é uma instituição não governamental. Em primeiro lugar, tivemos a oportunidade de conhecer um Programa de Participação da Vizinhança coordenado pela educadora popular advogada Gloria Torres. O objetivo geral do Programa é o de educar para o

desenvolvimento local as pessoas que vivem nas comunidades mais pobres do país, com o propósito de melhorar sua qualidade de vida.

O Programa desenvolve suas principais linhas de ação no campo do desenvolvimento e da pesquisa, representando uma intervenção acadêmica e social muito ampla. Trabalham no mesmo nove pessoas. É financiado com contribuições de agências estrangeiras de países desenvolvidos. Compreende cinco projetos. A duração deles varia entre um e quatro anos.

A coordenadora assim no-lo descreve:

"A grosso modo essas linhas de ação constituem nossa intervenção, que prioriza três atores importantes da sociedade chilena. Um, o município e os funcionários municipais; outro, as associações de vizinhança; o terceiro, são as lideranças, pessoas que não ocupam atualmente cargos de direção, mas que, de fato, exercem liderança nas suas comunidades. Trabalhamos em três comunidades importantes de Santiago." (12)

(12) Gloria Torres. Declarações em entrevista.

O Programa tem raízes numa atividade antiga do CIDE: a formação de dirigentes. Essas experiências e as pesquisas realizadas, mostraram, como conclusão, a necessidade de visualizar o município como um espaço de desenvolvimento mais integrado, mais local. O Programa atual é novo quanto à ênfase que se coloca nesses três níveis já indicados, mas também é antigo enquanto recolhe as experiências em educação popular do CIDE." (13)

A equipe trabalha em forma interdisciplinar. Há profissionais de diferentes áreas do conhecimento, que se reúnem, que discutem, que planejam, que atuam, que avaliam, conforme descreve, em detalhes, Glória Torres:

"Nós fazemos educação. Damos cursos, vamos aos bairros, às vilas, falamos. Cada um com sua ênfase. Observamos o que fazemos. A partir disto, estabelecemos categorias. Podemos chamar isto de sistematização; outros a denominam de pesquisa participante. Da realidade, da prática, nós obtemos um conhecimento. É nosso fazer. Elaboramos materiais educativos ou documentos. Destes, os escritos em linguagem mais acadêmica, são para o mundo universitário. Ultimamente temos fornecido nossas

(130) Ibidem.

descobertas aos escritórios importantes do país que dirigem a política social. Isto é, para nós, trabalho de articulação. Por outro lado, acompanhamos os estudantes universitários em fase de estágio. E fazemos, assim, extensão e docência". (14)

O Programa considera importante a relação do município com a comunidade. Nesta linha, o mesmo assumiu muitas coisas de Paulo Freire. Mas realizou também avanços, para além da proposta freireana. Valoriza-se a relação entre moradores e autoridades, o poder local, bem como o cotidiano da comunidade, como esclarece Manuel Bastias:

"Tivemos uma experiência recente de capacitação de funcionários municipais em Temuco. Ela mostra muito bem que não basta desenvolver uma consciência crítica. É preciso ativar também outro tipo de consciência. Freire enfatiza muito a consciência crítica perante categorias macro-estruturais. O que pode levar a uma proposta utópica de mudança. Nós sentimos a preocupação pelo cotidiano, e por fazer coisas imediatas. Trabalhamos com funcionários municipais

(14) Ibidem

de Temuco, Carahue, Nueva Imperial e Puerto Saavedra, cidades do Sul do Chile. Eram funcionários herdados do antigo regime ditatorial. O processo educativo se iniciou, no primeiro dia, basicamente com uma análise histórica do que tem sido o poder local. Partimos desde a época medieval, quando o município tinha muito poder. Depois o município foi perdendo seu campo de ação. No segundo dia entramos com a metodologia de diagnóstico, de Paulo Freire. Eles sozinhos descobriram e assinalaram os traços de sua realidade." (15)

O Programa desenvolveu uma experiência nova. Os funcionários municipais foram convidados a um diálogo com os camponeses e com os moradores dos bairros. Tais moradores têm uma impressão muito ruim dos municipais, porque estes os atendem mal, não dão respostas. Os mapuches (*), especialmente, sentiam-se preteridos em seus direitos. O encontro foi riquíssimo. Os funcionários foram criticados duramente. E ficaram indignados. Mas foram despertadas atitudes positivas de ambos os lados. Com esse diálogo, que alcançou, às vezes, alguma violência verbal, achamos que a

(15) Manuel Bastás. Declarações em entrevista.

(*) Mapuches, "homens da terra", primitivos habitantes do sul do Chile.

comunidade toda ganhou: os camponeses, os moradores dos bairros e os funcionários da prefeitura.(16)

"Estamos, atualmente, com uma postura muito mais abrangente, constata Bastías. Valorizamos o que constitui uma visão ampla e crítica da realidade global. Mas pensamos, ao mesmo tempo, que existe outra forma de conhecer, que é muito importante para os setores populares: é o manuseio de certas técnicas, de certo instrumental, que lhes permitam desempenhar-se com eficiência, frente à relação com o poder local e com os moradores. Pensamos também que existe outra forma ainda de conhecer que vai pelo lado das emoções, dos temores. Os funcionários municipais, que sempre foram funcionários burocráticos, insensíveis ao social, com pouca capacidade de expressar emoções, desvinculados do lado afetivo, sentiram, no diálogo com os camponeses e moradores, que era necessário mudar seu comportamento frente ao público."(17)

(16)Manuel Bastías. Ibidem

(17)Ibidem.

Durante a ditadura todos os membros do CIDE trabalharam em educação popular. Naquele tempo foram criadas 2.000 organizações solidárias, um número bastante grande para a realidade chilena. Posteriormente descobriu-se que a solidariedade praticada nessas simples oficinas de trabalho produtivo, foi uma alavanca necessária e importante para derrubar a ditadura. Percebeu-se também que os fatores de mudança não residiam exclusivamente nos processos de conscientização do operariado. Encontravam-se também nas mulheres, nos jovens, inclusive nas crianças. (18) "A vida e ações dessas oficinas nos educaram profundamente," testemunha, com emoção, Manuel Bastías. (19)

Outro educador do CIDE, Guido Flamey, observa:

"Durante a ditadura podemos distinguir uma primeira etapa, que é de defesa da vida, da integridade física. Muito pouco podia fazer a educação popular. Há, depois, uma segunda fase, de defesa da economia popular. Ai surgiram as organizações solidárias, as oficinas de trabalho produtivo e bolsas de desempregados, que foram verdadeiros núcleos de resistência ao poder ditatorial. Por volta de 1980, começa uma terceira etapa, que se caracteriza pelos esforços

(18) Gloria Torres. Declarações em entrevista.

(19) Manuel Bastías. Declarações em entrevista.

realizados para alcançar níveis adequados de organização popular." (20)

O CIDE desempenhou um papel extremamente durante o período do plebiscito. A ditadura impôs um clima de medo. Os trabalhadores, as massas, ficaram aterrorizados. Nessas circunstâncias, os educadores populares do CIDE, para destruir os efeitos causados pela propaganda do sistema autoritário, elaboraram materiais educativos,

"que eram comentados e discutidos em todas as organizações solidárias, nos sindicatos, nas escolas, nos centros de trabalho. Desse trabalho, realizado pelo CIDE e por outros grupos, nasceram as idéias e ações que, mais tarde, derrubaram a ditadura", (21) esclarece o educador Guido Flamey.

Dissemos já que os trabalhos do CIDE têm sua inspiração no pensamento de Paulo Freire. Todos os educadores dessa instituição assim o reconhecem. Levantam, contudo, também algumas críticas à visão freireana, como nos relata Manuel Bastias:

"A importância do método reside na idéia de criar sujeitos críticos e conscientes da realidade

(20) Guido Flamey. Declarações em entrevista.

(21) Ibidem.

macro-estrutural, na qual estão inseridos, que é injusta para eles, e que devem tratar de alterar. Mas ficam excluídas muitas coisas. Ficam fora as informações, que são muito importantes para os setores populares. Em todo este discurso de respeito à cultura popular havia temor de entregar informações. Os setores populares necessitam de conteúdos, de instrumentos que lhes permitam transformar a realidade. Nesse sentido nós introduzimos mudanças na concepção de Freire. Hoje vamos além da reflexão, da análise da realidade, do reconhecer a importância da organização. Não devemos ter medo de ser "bancários" e de ser diferentes do grupo. Nós não podíamos intervir. O grupo construiria seu próprio conhecimento. Também estão ausentes, na proposta de Freire, a coisa ética, os valores, o afetivo, as emoções, os sentimentos, que nós, em nossos programas de educação popular, atendemos e desenvolvemos." (22)

Os educadores populares do CIDE que entrevistamos haviam frequentado, recentemente, um seminário sobre a concepção de educação de Paulo Freire. Nesse seminário, segundo o depoimento de Glória Torres, o grupo teve a oportunidade de aplicar "o mais original que o mesmo

(22) Guido Flamey. Ibidem.

contém, que é a estratégia de assessoria organizacional".(23)

O CIDE não tem em seu Programa ações que visem à alfabetização de adultos. Mas todos os seus educadores populares têm conhecimento do método psicossocial de Paulo Freire. E consideram que nele existe um componente muito interessante, que é a de haver criado uma técnica capaz de originar uma situação de participação. Isto mesmo, porém, tem facilitado o uso do método como uma técnica, esquecendo ou não querendo compreender e empregar a concepção teórica, de mudança, de transformação, essencial na proposta de Freire. Isso pode explicar o trabalho com o método psicossocial durante a ditadura.(24)

Os educadores entendem que o saber ler e escrever é uma competência, uma ferramenta. Mas devemos conhecer o sentido e o uso dela. É possível aprender a ler e a escrever, contudo se o contexto impede de utilizar esse instrumento, que poderia ser enriquecedor da pessoa como ser humano, este perde seus objetivos. Por isso, há perguntas prévias ao mesmo processo de alfabetização que devem ser levantadas, como as seguintes questões básicas: ler e

(23) Gloria Torres. Em entrevista...1991.

(24) Manuel Bastías. Em entrevista...1991.

escrever para que, sobre que condições, com que limitações, com que possibilidades?.(25)

Um dos educadores do CIDE, que continua admirando Freire, conta que quando leu "Educação como prática da liberdade", em 1967, não entendeu nada. Depois, aplicou o pensamento de Freire a programas concretos, e encontrou, nas idéias freireanas, um apoio para abandonar a visão positivista da realidade. Ele trabalhou especialmente o tema do silêncio, abordado por Freire como algo positivo, no processo de comunicação.(26)

O educador Flamey, do CIDE, observa que Freire apresenta em sua obra diferentes dimensões: a científica, a política, a técnica e até a mística. E conclui com ênfase: "Paulo criou uma mística pela educação popular".(27)

O CIDE iniciou, em 1980, em pleno período ditatorial, um programa de capacitação sobre contabilidade e administração territorial. Era um programa que ministrava conteúdos técnicos, destinados aos parceleiros. Estes haviam recebido um pedaço de terra, sem nenhum apoio. Foi, desta maneira que a ditadura substituiu os "assentamentos" da reforma agrária anterior.

(25) Guido Flamey. Em entrevista...1991.

(26) Manuel Bastías. Ibidem.

(27) Guido Flamey. Ibidem.

A educadora Glória Beltrán, do CIDE, profunda estudiosa de Paulo Freire, autora de uma dissertação de mestrado que desenvolve a idéia de um currículo baseado no pensamento de Freire, informa:

"As pessoas que constituíamos a equipe, decidimos desenvolver o programa dentro da concepção de Paulo Freire para a educação. Nesse primeiro momento, não se reconhecia o programa como passível de ser incluído numa concepção de educação popular, porque transmitia conteúdos emanados fundamentalmente do educador. Do ponto de vista nosso, do CIDE, foi um programa pioneiro, desenvolvido dentro da filosofia libertadora de Freire. Nós sabíamos que na educação popular o conteúdo tinha que surgir da base, do diálogo, da experiência dos camponeses". (28)

Os parceleiros constituíam um grupo muito heterogêneo. Havia pessoas que não sabiam ler nem escrever. E, em geral, a escolaridade era muita baixa.

(28) Glória Beltrán. Declarações em entrevista... 1991.

A educadora Gloria Beltrán, pergunta-se e ela mesma responde:

"O que era importante para nós ? Construir, através do desenvolvimento de conteúdos técnicos, um espaço educativo que criasse uma relação pedagógica diferente, onde não houvesse o que sabe e o que não sabe. Os camponeses sabem. Eles administraram sua parcela de terra. Talvez não tenham ordem. Mas eles sabem. Têm experiências. Manejam conceitos." (29)

O programa com os parceleiros nasceu perante a constatação de que depois da entrega individual das terras, feita pela ditadura aos camponeses, havia muitas perdas, porque os agricultores não possuíam certos conhecimentos técnicos, como o de administrar suas terras. O governo autoritário entregou as terras sem discriminar as experiências das pessoas. Alguns desses novos proprietários haviam sido capatazes, outros tinham, como experiência, o trabalho direto com a terra. Ignoravam todo o relacionado com a administração. (30)

(29) Gloria Beltrán. Ibidem.

(30) Gloria Beltrán. Ibidem.

Para determinar os conteúdos do programa, se constituiu uma equipe, integrada pelos quatro educadores do CIDE e dez camponeses. A maioria destes eram lideranças em suas comunidades. Havia adultos e jovens.

A primeira tarefa que se propôs o grupo foi a de determinar os conteúdos de contabilidade de que precisariam os parceleiros, e a segunda, a de pesquisar a percepção que os camponeses tinham de sua condição de novos proprietários da terra. Ambos os objetivos foram atingidos através de uma ação na qual participaram a equipe de quatorze membros, todos os camponeses envolvidos no programa e contabilistas, que já tinham experiência em administração de pequenas empresas rurais. (31)

A realização do programa, que alcançou excelentes níveis de conscientização da situação pessoal e nacional vivida naqueles momentos, apresentou muitos problemas, segundo refere Gloria Beltrán:

"Toda a coisa organizacional estava muito difícil. Pensar em dar vida a uma cooperativa, por exemplo, estava fora de qualquer cogitação. Tudo tinha sido inteiramente destruído. Tivemos dificuldades pelo fato de trabalharmos em grupos. Trabalhar com grupos de base, em 1980-1981, era perigoso. Tivemos muito cuidado nos processos de

(31) Gloria Beltrán. Ibidem.

conscientização desenvolvidos, para que a ditadura não pensasse que estávamos formando grupos subversivos".(32)

O programa teve uma avaliação muito positiva, e se estendeu ao longo dos anos. A equipe do CIDE trabalhou em diferentes pontos do país. Os participantes que não sabiam ler, resolveram suas dificuldades através de sua própria experiência ou com a ajuda dos colegas do grupo. O programa usava materiais escritos. As operações matemáticas que foi necessário realizar não se constituíram em obstáculos para as pessoas analfabetas.

Esclarece Gloria Beltrán:

"Todo o material usado no programa estava relacionado com a experiência dos camponeses. Todos dominavam uma mecânica para somar, por exemplo, inclusive os analfabetos, que eu não captei. E os que não sabiam ler eram até mais rápidos que a gente para fazer os cálculos."(33)

A participação da equipe de educadores do CIDE durante todo o desenvolvimento do programa foi a de assessoria.

"Nunca dirigimos nós, uma reunião, continua Gloria. As

(32) Gloria Beltrán. Ibidem.

(33) Gloria Beltrán. Ibidem.

sessões de trabalho eram dirigidas pelos monitores. Estes eram pessoas da própria comunidade. Algumas vezes, o monitor era escolhido pela comunidade; noutras, eram as lideranças que se impunham espontaneamente". (34)

Em seguida, acrescenta Gloria:

"Nosso programa, na forma como foi concebido e realizado, lida com os conceitos de Paulo Freire de educação "bancária" e educação libertadora. Para nós, no processo educativo, esses conceitos constituem uma contradição. Achamos que estaremos equivocados se postularmos um ou outro, exclusivamente, dos termos antagônicos. Deve existir um tipo de educação novo que seja a síntese de ambos. Nosso programa, seguindo o pensamento de Freire, pretende ser isso. Em sua prática, Paulo fez o mesmo que nós buscamos". (35)

Outro educador do CIDE, Juan José Uribe Silva, assim nos relata suas experiências em educação popular:

"Muito trabalho se realizou nos bairros urbanos, urbanos-marginais e em setores

(34) Gloria Beltrán. Ibidem.

(35) Gloria Beltrán. Ibidem.

camponeses, com apoio de paróquias e igrejas. Foi um trabalho realizado durante a ditadura. Uma atividade muito sacrificada e perigosa. Foi um período muito difícil na história do Chile. Uma fase caracterizada pelo medo, pela repressão, pela desconfiança, inclusive no interior das famílias. Não que houvesse denúncias no interior das mesmas. Mas o medo impedia que se falasse de assuntos políticos, e isto passou a complicar os grupos familiares, em suas relações, até hoje." (36)

O medo é um tema que se repete, nas lembranças dos educadores populares. "Havia, porém, temores imaginários. O medo tem isso: inventa outros terrores", observa, numa análise muito lúcida, o mesmo Juan José Uribe Silva. "Era o medo real, cruel, gerando formas imaginárias, não menos ameaçadoras, de medo". (37)

Prossegue Juan José:

"Nessa etapa violenta, sombria e de pavor, da ditadura, não sei o que nos impelia a atuar.

Eu sou advogado. Comecei a trabalhar no CIDE nessa

(36) Juan José Uribe Silva. Declarações em entrevista. Santiago do Chile, 1991.

(37) Juan José Uribe Silva. Ibidem.

condição, na parte jurídica. O educativo foi me conquistando, pouco a pouco, nos últimos anos do governo de Frei e nos três anos de Allende. Meu trabalho de educação popular começou ligado às escolas, depois aos bairros e aos setores camponeses. O pensamento de Freire orientava nossa ação. A teoria e a prática de Freire eram dominantes, nas atividades de qualquer educador popular, nos tempos de Frei e de Allende. O Chile era um país que buscava, naqueles momentos, a democracia plena, política e econômica. E o método de Freire era um dos instrumentos para atingir este intento. Porque o método de Freire cresce e se desenvolve na democracia. Não é um método que possa ser aplicado nos governos autoritários." (38)

Em seguida, nosso entrevistado, procura descrever um tipo de tarefa realizada pelo CIDE:

"Hoje a nossa tarefa principal é a de capacitar educadores populares em nível nacional. Organizamos oficinas de educação popular, das quais participam pessoas de todo o Chile. Reunimo-nos num lugar determinado durante uma semana. Às vezes uma oficina se realiza em três jornadas, de uma semana cada uma, através de um ano. A ajuda de organismos, especialmente europeus, permite

(38) Juan José Uribe Silva. Ibidem.

financiar estes projetos. São projetos que apresentamos às agências interessadas em apoiar atividades desta natureza. Geralmente os participantes destas oficinas recebem bolsas para enfrentar as despesas de viagem e as de permanência em Santiago. A importância que recebe o participante na oficina não é igual para todos. Alguns não precisam apoio econômico." (39)

O CIDE tem uma longa tradição educacional, que nasceu nas escolas comunitárias. A equipe de educadores populares que hoje trabalha apoiada nesse passado, que viveu horas alegres e horas sombrias, mas que sempre foi corajosa em apoiar os perseguidos, os marginalizados da sociedade por serem pobres, tem uma trajetória exemplar para a América Latina.

(39) Juan José Uribe Silva. Ibidem.

CAPÍTULO 6.-BREVES PALAVRAS SOBRE FIORI E FREIRE NO CHILE.

Alguns comentários, e não comentários "finais", porque o mundo em que viveram e atuaram esses e outros ilustres brasileiros, está aberto para buscas maiores. Nós apenas fizemos algumas descobertas. O que mostramos desses grandes educadores são breves notas, centelhas, que convidam a descobrir as fontes mais profundas destas manifestações. Navegamos na superfície de uma realidade, mais que percebida concretamente em todas suas dimensões riquíssimas, adivinhada, pressentidas.

Apesar das grandes limitações que marcam nosso estudo, podemos sistematizar algumas idéias que aparecem claramente formuladas, ao longo de nossa pesquisa. Não terão elas, desde logo, caráter conclusivo.

Uma grande qualidade, que os próprios críticos reconhecem, talvez por unanimidade, em Paulo Freire, é sua capacidade de autocritica. Em varias passagens de sua obra, ele mesmo destaca esta peculiaridade de sua personalidade. Em nosso trabalho, também salientamos esse aspecto da dimensão intelectual de Paulo Freire.

Na entrevista que já mencionamos, de Freire com um grupo de intelectuais de esquerda da Unidade Popular, em Santiago do Chile, em 1991, ele proclama categoricamente:

IBIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFRGS

"A primeira questão desta entrevista é a propósito das críticas que se me fazem, e sobre elas digo o seguinte: em primeiro lugar, e de modo geral, recebo as críticas que me fazem, não com a atitude de quem se sente agredido e ofendido, mas com a atitude de quem se sente desafiado pelos críticos".(1)

Outra faceta do espírito freireano, é a sua enorme plasticidade para captar os traços apresentados por uma realidade e as exigências da mesma para ser interpretada com a coerência, de acordo com alguns postulados básicos. Com efeito, a prática de Freire, em seus primeiros momentos, antes de 1965, vinha acompanhada de elementos que, segundo nos parece, alimentavam essa ação de forma fragmentada. Rapidamente, em menos de três anos, como fruto de novas influências e de práticas inovadas e aprofundadas, Freire foi capaz de tecer coerentemente um arcabouço teórico amplo e sólido. Pode-se comprovar, sem maiores dificuldades, nossa asserção, através de uma simples leitura, mesmo que rápida, de "Educação como prática da liberdade" e

(1) Chile. Ministerio de la Educación de Chile. Una dimensión política de la educación popular.? In: Cuadernos de Educación. Santiago de Chile, 1971. pp.1-25. p.4.

de "Pedagogia do oprimido", escritos respectivamente em 1965 e em 1967.

Esta última observação nos leva diretamente ao teor de certo tipo de críticas que se fazem a Freire, atribuindo-lhe uma abordagem idealista da realidade. Os que assim se posicionam, provavelmente fizeram uma leitura muito limitada das obras de Freire. O pensamento de Freire é dinâmico e evolutivo; banhado de historicidade, ele é mutável, como a realidade. Um pensador e educador profundamente comprometido com a concretude humana histórica e com a transformação, jamais poderia ser taxado de idealista. Talvez os que assim classificam o pensamento de Freire, referem-se à sua concepção de mundo e a certos aspectos teóricos de seus primeiros escritos. Manifestamos já, que rotular os seres humanos sem considerar suas relações práticas com os outros e com o mundo, na melhor das hipóteses, é parcial, quando não falso.

Paulo Freire teve uma postura prática por excelência até 1966. Naquele ano, aprofunda o desenvolvimento da fundamentação teórica de sua prática. Os dois anos seguintes, podem ser considerados como consolidação básica de seu pensamento educacional. Nessa fase, nasceram as idéias que o mundo conheceu e que fizeram célebre a Paulo Freire. É a época que se expressou em "Pedagogia do oprimido", "Educação e mudança", "Extensão ou comunicação" ?

e em grande parte do conteúdo de "Ação cultural para a liberdade".

Muitas foram as circunstâncias que produziram esta nova postura intelectual de Freire. Em primeiro lugar, o clima político democrático que vivia o Chile, com fortes ingredientes emancipatórios para a libertação das classes oprimidas. O método psicossocial de alfabetização de adultos, como toda a pedagogia de Freire, crescem e se vitalizam, realmente, na democracia.

Em seguida, a presença de um grupo de intelectuais de esquerda, chilenos e brasileiros, amadurecidos nas lutas ideológicas. Muitos destes, tinham um pensamento progressista alimentado nas Encíclicas Papais ou nas obras marxistas de justiça e de libertação humana. Havia confronto de idéias e de praxis. Era um ambiente ideal para definições teóricas e práticas.

Além de tudo o anterior, e da busca insaciável de caminhos teóricos que apontassem para práticas transformadoras e de libertação, Freire teve, na realização de sua obra, o apoio singular de Ernani Maria Fiori. Fiori foi o mestre que mostrou bases e metas, com espírito lúcido e profundo. No pensamento de Fiori, Paulo Freire encontrou muitas respostas para suas perguntas.

Não é possível esquecer de salientar uma vez mais, a contribuição também de Alvaro Vieira Pinto na elaboração do pensamento de Paulo Freire. Esse brasileiro sábio, também percorreu os campos e cidades chilenos, acompanhando Freire, nas jornadas de alfabetização de adultos.

A prática e a teoria de Paulo Freire permanecem no Chile. Permaneceram sob a ditadura, ainda que clandestinamente ou disfarçadas. Voltou a democracia a essa nação andina e irmã. E agora, em forma oficial, o Ministério da Educação chileno elaborou, em 1991, um amplo programa de educação de adultos, de alfabetização, de pós-alfabetização e de educação básica e média. É fácil detectar que as diretrizes desse programa estão impregnadas da filosofia de Paulo Freire. E se isto pode não aparecer evidente, para alguns, o texto daquele programa o explicita com clareza:

"Todos os docentes alfabetizadores que participem no programa deverão ser previamente capacitados na metodologia que se utilizará. (neste caso, o Método Psicossocial de alfabetização)."(2)

(2) Chile. Ministerio de Educación de Chile. Descripción y directrices del Programa Nacional de Alfabetización. Santiago de Chile, 1991. 7p. p.4.

É com grande satisfação que concluímos nosso estudo com um depoimento histórico sobre o insigne professor Ernani Maria Fiori. O ex-Reitor da Universidade Católica de Santiago do Chile, Fernando Castillo Velasco, que convidou Fiori, em 1967, para o cargo de Vice-Reitor Acadêmico daquela Universidade, nos dizia com profunda emoção: "O nome de Ernani Maria Fiori viverá para sempre nesta Casa Universitária. Seu espírito era tão grande e tão modesto, ao mesmo tempo tão brilhante e profundo, como sincero e leal, que penetrou limpamente no coração de nossa universidade, no coração de nossa juventude. Suas idéias estão aí, agora revitalizadas com o regresso à vida democrática. Podemos, quiçá, algum dia, não pronunciar seu nome, mas sua alma circulará nos projetos que se concretizaram e deram nova dimensão à nossa Casa: uma dimensão de modernidade, de berço da ciência, de pesquisa, de fraternidade, de compreensão, de democracia, de amor."

01.-MINISTERIO DA EDUCACÃO DO CHILE. Una dimensión política de la educación? In: Cuadernos de Educación. Santiago

do Chile, 1971. N. 26. pp. -1-25. p. 4

02.-MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DO CHILE. Descripción y
directrices del Programa Nacional de Alfabetización--
1991. 7p. p. 4.